



SANDRA MARIA BARBOSA CORDEIRO
SILVANA RAPOSO CARTÁGENES
TÁCITO FREIRE BORRALHO

TEXTOS ESCOLHIDOS



para Teatro de Bonecos
&
Atores e Bonecos

TEXTOS ESCOLHIDOS

para Teatro de Bonecos

&

Atores e Bonecos

SANDRA MARIA BARBOSA CORDEIRO
SILVANA RAPOSO CARTÁGENES
TÁCITO FREIRE BORRALHO

TEXTOS ESCOLHIDOS

para Teatro de Bonecos
&
Atores e Bonecos

São Luís



EDUFMA

2020



Universidade Federal do Maranhão

Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

Vice-Reitor Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos



EDUFMA

Editora da UFMA

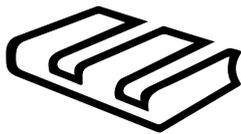
Diretor Prof. Dr. Sanatíel de Jesus Pereira

Conselho Editorial Prof. Dr. Esnel José Fagundes
Profa. Dra. Inez Maria Leite da Silva
Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha
Profa. Dra. Andréa Dias Neves Lago
Profa. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima
Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire
Prof. Me. Cristiano L. de Alan Kardec Capovilla Luz
Prof. Dr. Jardel Oliveira Santos
Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Associação Brasileira das Editoras Universitárias



EDUFMA

Copyright © 2020 by EDUFMA

REVISÃO:

Rogério Vaz da Silva

EDITORACÃO:

Artêmio Macedo Costa

CAPA:

Artêmio Macedo Costa

Fotos da capa de Silvana Cartágenes e Sandra Cordeiro

Cordeiro, Sandra Maria Barbosa

Textos escolhidos : para teatro de bonecos e atores de bonecos /
Sandra Maria Barbosa Cordeiro, Silvana Raposo Cartágenes, Tácito Freire
Borrvalho . – São Luís: EDUFMA, 2020.

Recurso digital : 144 p.

ISBN 978-65-86619-12-6 (E-book)

1. Textos teatrais. Teatro de bonecos. I. Cartágenes, Silvana Raposo. II.
Borrvalho, Tácito Freire. III. Título.

CDD:792.3

CDU:792.026::792.97

S219t

Elaborado por Anderson Araújo – CRB-13/746

E-book [2020]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da UFMA

Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	8
SINOPSE DOS AUTORES E SEUS TEXTOS	9



SANDRA CORDEIRO	19
MARIA (1999)	20
O MUNDO MÁGICO DE MARGARIDA (2014)	23
CIRCO DE BONECOS PÉS DE FULÔ (2017)	33
ARRAIAL DOS PEQUENINOS (2017)	43



SILVANA CARTÁGENES	49
AS HISTÓRIAS DE MAGÁ (1990)	50
MARÉ DE LUA (2006)	57
KABUPE O CAVALO VOADOR (2011)	68



TÁCITO BORRALHO	75
JOÃO PANEIRO (1975)	76
ERA UMA VEZ UMA ILHA... OU, O CHOCALHO DA CASCAVEL (1980)	92
MOLEQUE FUJÃO (2014)	107
BRINCANDO NO QUINTAL (2018)	125



AUTORA CONVIDADA – LUANA REIS BRITO	132
A PELEJA DE CASEMIRO COCO EM LENDAS EMARANHADAS (2012)	133

PREFÁCIO PARA UM LIVRO SINGULAR ¹

E uma imensa felicidade e responsabilidade poder prefaciá-la esta obra, neste conturbado período da história brasileira e mundial em que estamos vivendo. Publicações como esta são resistências e mantêm a arte efervescente, propagando imaginários, ideias e visões de mundo contidas nas obras artísticas. Projetar palavras para um futuro incerto é tarefa laboriosa; medir palavras exige uma régua e perícia enormes, pois escrever é interpelar alguém distante no espaço e no tempo e por isso, publicar é lançar garrafas num mar em que navegam potenciais leitores. O texto dramático, ao fim, só se concretiza na recepção a que se destina, no ato teatral, o qual acrescenta novos sentidos à ação descrita, por meio da participação de toda uma equipe que interpreta e põe a obra em cena. No entanto, isso não significa que as elipses de um texto teatral não sejam preenchidas pelos estímulos que ele faz reverberar nos leitores. Apreciar um texto é imbuir-se de *anima* dando vida a ele, movendo-o na imaginação e recriando o mundo fantasiado pelo autor, durante a leitura. Em especial, podemos dizer que a escrita para o teatro de bonecos possui muitas singularidades que surpreendem aquele que investe em sua apreciação. Portanto, bravos aos autores que para essa arte escrevem!

Dessa forma, a coletânea aqui apresentada, cuidadosamente escolhida por Sandra, Silvana e Tácito, compõe rico acervo dramatúrgico para a multifacetada arte do teatro de bonecos brasileiro. Eles nos apresentam alguns textos que foram escritos para o público infantil e outros que não se destinam exclusivamente às crianças. Trazem como temáticas aspectos sociais (tais como a luta contra a violência infantil, o direito à propriedade em confronto com a pressão e interesse de grupos econômicos), mitos, memórias da infância e aspectos histórico-culturais (tais como a vida na cidade, os festejos juninos, o circo e a vida familiar). Talvez uma das mais apreciadas características do teatro de bonecos seja a larga faixa etária que atinge e a liberdade para abordar um largo espectro de assuntos.

Espero que os leitores que neste livro se debruçarem, deleitem-se com os textos e se apaixonem ainda mais pela fabulosa arte do teatro de bonecos.

Florianópolis, maio de isolamento social de 2020.

1. **Paulo Balardim** - Professor das disciplinas de Teatro de Animação do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. Também atua como editor-chefe da *Móin-Móin Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Ator, cenógrafo e diretor teatral, foi um dos fundadores da Cia. *Caixa do Elefante Teatro de Bonecos*, da qual participou de 1991 a 2016.

APRESENTAÇÃO

A singela obra que apresentamos aqui é fruto de uma preocupação em divulgar a produção dramatúrgica do Teatro de Animação produzida no Maranhão.

Não estranhem a aparentemente escassa publicação de textos que compõem esta primeira coletânea, fruto de um cuidadoso trabalho de selecionar dramaturgias, construindo um registro do que se escreve e em que situações esses textos são criados, o que certamente servirá de contribuição (não de modelo) para a criação dramatúrgica nessa área.

Não nos propusemos simplesmente divulgar nossa produção textual, mas pelo menos, escolher textos que alcancem com maior abrangência o interesse de encenadores dessa linguagem teatral que geralmente trabalham belissimamente apoiados em férteis improvisações, pois que normalmente são eles mesmos, os encenadores e criadores das suas dramaturgias.

Fizemos questão de convidar para compor esta coletânea, uma promissora dramaturga do Teatro de Animação, Luana Reis Brito, que desponta com dois interesses para nós bastante louváveis: a pesquisa sobre o boneco popular e a composição de tramas fundadas no imaginário da nossa cultura.

Tácito Borralho

SINOPSE DOS AUTORES E SEUS TEXTOS

SANDRA CORDEIRO

Sandra Maria Barbosa Cordeiro Medeiros, nasceu em Pinheiro, Maranhão em 14 de setembro de 1955. Atriz, Bonequeira, Palhaça, Dramaturga, licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, especialista em Estética, pela Universidade Federal do Maranhão e professora Mestra em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília

Em 1982 iniciou sua jornada no mundo das artes cênicas e entrou em contato com o teatro de bonecos e com a palhaçaria. Integrou alguns grupos artísticos da cidade de São Luís, participando de vários espetáculos. Criou o “Pés de Fulô – Núcleo de Teatro e Bonecos”, (2006/2020) participando ativamente do movimento teatral da cidade.

Pesquisa a dramaturgia do boneco e da palhaçaria. Confecciona e anima bonecos nas técnicas de luva, vara, gigantes, fio, etc. Confecciona figurinos, adereços. Possui um acervo de bonecos com peças confeccionadas em papel machê, colagem, isopor, fibra de vidro, papelão, sucata, etc. É representante do Movimento das Mulheres Bonequeiras de São Luís, criado em 2019, com o objetivo de dar maior visibilidade ao teatro de bonecos feito por mulheres. É também integrante do Movimento de Circo e Teatro de Rua do Maranhão (2008-2020)

TEXTOS QUE CONSTAM DESTA LIVRO:

“MARIA”

Espectáculo solo de boneco criado em 1999 com o objetivo de participar na luta contra a violência infantil. Conta a história de uma menina que vive na rua e é violentada. Pariu. Uma criança cuidando de outra criança.

“ARRAIAL DOS PEQUENINOS”

Espectáculo de teatro de bonecos criado em 2016 para participar das festividades juninas, no ciclo de festas do Maranhão.

O espetáculo faz uma leitura dos arraiais montados durante os festejos juninos no Maranhão, trazendo danças populares como o bumba-meu-boi, tambor de crioula, quadrilha; brincadeiras como barba de velho, pescaria; venda de rolete de cana, algodão doce, laranja. Um arraial feito por bonecos e atores.

“O CIRCO PÉS DE FULÔ DE BONECOS”

Espectáculo de teatro de bonecos criado em 2014, para compor o acervo dramaturgico do

Pés de Fulô – Núcleo de Teatro e Bonecos.

Um circo onde os artistas são bonecos e desenvolvem suas habilidades circenses, desafiando a vida e a morte.

“O MUNDO MÁGICO DE MARGARIDA”

Espectáculo de teatro de bonecos criado em 2014 e reescrito em 2019, para compor o acervo dramático do Pés de Fulô – Núcleo de Teatro e Bonecos.

Uma família humilde é pressionada por estrangeiros a vender a sua propriedade. Margarida, no seu mundo de poesia e fantasia, assusta os invasores que desistem diante da magia que lhes é apresentada.

SILVANA CARTÁGENES

Silvana Raposo Cartágenes. Nasceu em São Luís, Maranhão em 1965.

Graduada em Pedagogia pela UNICEUMA em 2005, fez especialização: Artes Cênicas pela Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro -RJ, (2015), e é atualmente mestranda em Artes Cênicas pelo PPGAC da Universidade Federal do Maranhão.

Iniciou no teatro em 1980. Atriz bonequeira, dramaturga e diretora de teatro. A cultura maranhense é fonte de inspiração para suas pesquisas e produções artísticas

Atuou como atriz nos espetáculos:

“Fundo vivo”- Grumate/ 81. “A Maravilhosa Historia do Sapo Taro Bequê”/81, “Zé Capim” /82 e “Estripulias na Ribalta”83 - Grupo Gangorra. “Amor por Anexins” /83 - Grupo Ganzola. “Cabra Marcado Pra Morrer” /85 e “Currupira”/ 88 - Núcleo Criando e Transformando. “Fome Acima de Qualquer Suspeita”/2004 –Cia Circense de Teatro e Bonecos . “Filha da Chuva” / 97 – “O Fantástico encontro de Magá e Currupira”/2002 - Cartágenes Produções. “O Último Baile” e “A Bela Aborrecida”/ 97 - Grupo TEMA. “Paixão Segundo Nós”/2004- COTEATRO.

Atuou como autora e atriz:

“A Canga” – LABORARTE/ 84 “Brincadeiras de Bonecos” /91- Cia de Teatro e Bonecos. “Desejo de Catirina”/92 , “As Filhas do Mangue”/2005 - Cia Circense de Teatro e Bonecos. “As Histórias de Magá”/91, Cia Teatro e Bonecos. “Maré de Lua”2006, “Kabupe O Cavalo Voador”/2011 - Cartágenes Produções” . “Jardim das Margaridas”2015- “Caravana de Bonecos” /2014 - Reboiço de Teatro de Bonecos.

Atuou como diretora e autora:

“Meu Livro Meu Amor”/99,“Escalando Livro por Livro”/2002,“O Mundo Encantado dos

Livros”/ 2003, “A Luz os Livros”/2004, “A Magia da Leitura”/2007, “Eu Sou o Mundo o Mundo Sou Eu”/2009, “Um Livro Te Espera”/ 2010. “Kabupe O Cavalo Voador”/2011.

Foi membro integrante dos grupos:

GANGORRA - Grupo da Universidade Federal do Maranhão, Grupo LABORARTE, Cia Circense de Teatro e Bonecos.

Criou em 2014 a Cia Reboição de Teatro e Bonecos.

TEXTOS QUE CONSTAM DESTA LIVRO:

.....

“AS HISTÓRIAS DE MAGÁ “

O texto “As Histórias de Magá” é uma proposta solo de teatro de animação para uma atriz bonequeira, destinado ao público infantil. Foi escrito em 1991 em parceria com Bill de Jesus (ator e diretor de teatro) que assinou a direção na época. Passando depois por outras reelaborações, recebendo outras contribuições durante o percurso de apresentações do espetáculo.

Magá é uma lavadeira, contadeira das histórias do seu cotidiano na beira do rio. Aborda temáticas como, o bullying sofrido pela velha Cachimbeira, o direito a Liberdade conquistado pelo passarinho preso na gaiola, a motivação para acreditar em seus sonhos como fez o barquinho de papel que queria ir a lua. O texto propõe uma montagem de fácil mobilidade.

Para concepção desse trabalho pude somar as influências trazidas do Gangorra (Grupo de Teatro da UFMA) com a presença do ator regendo a cena e a influência recebida do LABORARTE e seu Teatro de Animação com ator e boneco contracenando no mesmo plano, bonecos gigantes e bonecos de luva, com técnicas, materiais e personagens inspirados na cultura popular maranhense. A personagem Magá é a ligação entre os dois planos: boneco e ator. Traz manipulação aparente das formas animadas como podemos perceber quando ela (Magá) conta a história do barquinho de papel, do sol, que é um guarda chuva, da velha cachimbeira, uma boneca de vara que altera seu tamanho em cena e transforma-se em boneca gigante.

Um espetáculo interativo com a participação das crianças e de toda a plateia. Fez várias temporadas mas, com o amadurecimento do espetáculo, a protagonista evoluiu para uma personagem independente, passando a atuar fora do escopo do espetáculo original, fazendo apresentações em eventos variados e passou a ser uma presença reconhecida em outros trabalhos.

Faço um agradecimento especial a Bill de Jesus que muito contribuiu para realização desse trabalho, doando sua sensibilidade e criatividade com sua vivência teatral e memórias de sua infância, passadas no interior como criança que brinca com bolhas de sabão por entre as lavadeiras na beira do rio.

MARÉ DE LUA

A inspiração para “Maré de Lua” nasceu do encantamento provocado pelas histórias que ouvi da minha avó, D. Raimunda Cartágenes, sobre sua infância, com narrativas que ressaltavam a bravura dos pescadores enfrentando naufrágios, amores, religiosidades e tarefas do cotidiano vivido na praia de Genipauba em Guimarães do Maranhão. O texto aborda elementos da cultura local, sagrado e profano, envolvidos numa relação de paixão, vingança e poder.

Mostra uma realidade de opressão experimentada pelos pescadores. Pessoas que vivem do mar, constroem seus barcos, conhecem as rotas, pescam, congelam, salgam e vendem seus pescados, mas acima de tudo, respeitam os mistérios do mar.

É uma proposta para atores e bonecos. Foi contemplado com o prêmio “Funarte Petrobrás de Fomento ao Teatro”, patrocinando a montagem e a temporada nos anos de 2006 e 2007. Foram realizadas apresentações para alunos das escolas públicas, com o objetivo de facilitar o acesso ao teatro e contribuir com a formação de platéia.

“KABUPE O CAVALO VOADOR”

“Kabupe o Cavalo Voador” é uma proposta para teatro de animação, um solo para uma bonequeira.

O texto destaca o lugar do lúdico na memória que trazemos da infância, momentos vivenciados através de brincadeiras com os amigos, contações de histórias, primeiros livros e afetos que nos constroem e nos preparam para a vida. Esses elementos são trazidos à cena por uma vovó que conta suas próprias aventuras de menina e Kabupe é seu cavalinho de pau. Ele faz parte dessas lembranças.

A realização desse trabalho veio a partir de uma proposta feita pela Biblioteca Pública Benedito Leite em 2011 para participar da semana do livro infantil. A direção foi assinada por Raimundo Reis e a Coreografia por Hélio Martins. A arista plástica, Sandra Oliveira, confeccionou Kabupe. Após encerrar a temporada com apresentações nas áreas de abrangência do Projeto Livro na Praça, senti a necessidade de dar continuidade ao trabalho artístico. A partir daí, o espetáculo tornou-se independente, passou por um processo de reelaboração e experimentações, baseado nas trocas com as platéias, resultado que agora se revela neste texto e sigo apresentando para as platéias por onde vou.

TÁCITO BORRALHO

Tácito Freire Borralho, nasceu em Primeira Cruz (MA) em 07 de agosto de 1948. Fundou o Laboratório de Expressões Artísticas – LABORATE, a Companhia Oficina de Teatro - COTEATRO e foi idealizador e fundador do Centro de Artes Cênicas do Maranhão - CACEM, hoje órgão da Secretaria de Estado da Cultura. Detentor do Prêmio MEC-Troféu Mambembe, categoria especial São Paulo (1978), pela sua atuação em “O Cavaleiro do Destino”. Como dramaturgo, recebeu os prêmios Artur Azevedo - Concurso Cidade de São Luís (1990), com “Gibi, o menino que não sabia voar”; e, Plano Editorial SIOGE (1993), com O Palco do Imaginário Popular Maranhense, em parceria com Josias Sobrinho.

Graduado em Filosofia pela UFMA, Mestre em Artes pela ECA-USP, obteve o grau de Doutor em Artes Cênicas pela mesma universidade com a tese “O Teatro no Bumba-Meu-Boi do Maranhão - brincadeira, ritual, gestos e movimentos”. Atualmente é professor Adjunto, nível 4, do Departamento de Artes Cênicas da UFMA, lecionando no Curso de Licenciatura em Teatro e nos Programas de Pós-Graduação, Mestrado, do PROFARTES e PPGAC. É atualmente Diretor Artístico da COTEATRO.

Publicou as Obras:

O BONECO – DO IMAGINÁRIO POPULAR MARANHENSE AO TEATRO, Plano editorial SESC, 2005

OS ELEMENTOS ANIMADOS DO BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO, pela .EDUEMA, 2015 (impresso)

TEATRO DE ANIMAÇÃO, Para a Sala e Aula e Ação Cultural, pela EDUFMA, 2015 (impresso)

TEATRO DO NORTE BRASILEIRO – COLETÂNEA DE TEATRO DO MARANHÃO (com Bene Martins), pela EDUFM, 2019 (e-book)

OS ELEMENTOS ANIMADOS DO BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO, pela EDUFMA, 2020 (e-book)

TEATRO DE ANIMAÇÃO, Para a Sala e Aula e Ação Cultural, pela EDUFMA, 2020 (e-book)

Escreveu e dirigiu (dentre outras), as Peças Teatrais:

João Paneiro; O Cavaleiro do Destino; Conversa pra Boi Dormir - ou - Quem Pariu Mateus que Embale (com Josias Sobrinho); A Festa da Clareira Maior; Uma Incelênça por Nosso Senhor; Gibi, o menino que não sabia Voar; Era uma vez uma Ilha ou, o Chocalho da cascavel; Paixão, segundo Nós, Viva El rei, Dom Sebastião; Contos que o Tempo Conta...

<http://lattes.cnpq.br/6354056336043839>

TEXTOS QUE CONSTAM DESTE LIVRO:

JOÃO PANEIRO

Tácito Borralho e Josias Sobrinho

1975

A importância da montagem de João Paneiro – o espetáculo, é incontestável. Mais importante, porém, foi todo o processo, tanto da elaboração do trabalho como do circuito de apresentação do mesmo e o reflexo que isso provocava na sociedade.

A partir da pesquisa de campo, da divulgação dos resultados e da própria mostra do Circo Teatro Cujubeira, com seu “grande” espetáculo de segunda parte, podemos notar a primeira positiva contribuição do movimento desencadeado pelo LABORARTE, na produção da folheteria, livros e outros impressos de cunho informativo de instituições, partidos políticos, entidades populares: todos continham clara referência sobre a SERPENTE que rodeia a ilha (elemento nucleador das histórias). E essa releitura de um mito muito presente na cultura maranhense foi uma aproximação feliz feita pelo LABORARTE, entre o universo lendário e a realidade. O mais importante: não se ter a pretensão de eliminar o mito.

Assim, os autores passaram à elaboração do texto dramático, esquematizando sua carpintaria a partir do mito mais forte: a serpente.

Utilizando-se da serpente como esteio, organizaram o texto em três momentos distintos e interligados.

O personagem principal, João, traça sua narrativa a partir de fatos do cotidiano, sempre com referência a uma forma (ou estágio) da serpente.

A primeira aparição da serpente (a primeira referência à primeira forma) como se registra no imaginário popular: a serpente-guardiã (a mitológica) – a serpente encantada, aquela que existe na poesia popular, que povoa os sonhos de crianças e adultos.

A segunda: a referência religiosa, apocalíptica, o arquétipo do mal, a “besta-fera”.

A terceira: a serpente de metal (de alumínio), que foi a interpretação oportuna do grupo, sem transgredir o mito nem os valores religiosos.

Outros bichos completam o simbolismo necessário ao arremate da trama.

O papagaio – relativiza a tragédia. Funcionou como um cazumba (ou palhaço). Faz piadas com o sagrado. É o “bicho-que-fala”, elemento que estabelece o diálogo entre os bonecos e o ator, reinventando, transformando.

Os urubus – os que chegam para comer o que sobra, “limpam”. São os anunciantes. Mostram os indícios da tragédia em seu sobrevoar.

A conclusão do texto, resultado das buscas pelo interior da ilha de São Luís, do debates e laboratórios no Departamento de Artes Cênicas, Integrado com o Departamento de Som e

Música e o de Arte Plásticas, complementado pelo Departamento de Fotografia e cinema que se encarregou de todo o estudo e criação de iluminação cênica para um circo mambembe armado em locais sem energia elétrica levou à montagem de integração cênica que tinha como base um aparelho circense como espaço cenográfico e cênico concomitantemente, apresentando dois espetáculos em linguagens diferentes mas que se completavam.

A Tarefa artística estava concluída. A razão de ser desse trabalho todo: Contribuir com a reflexão sobre a invasão da zona rural da ilha pela ALCOA, expulsando os moradores, realizada pelas lideranças de Uniões de Moradores, assistidas pela Pastoral da Terra.

MOLEQUE FUJÃO

Escrita em 2014, pela COTEATRO, como resultado de um exercício de criação coletiva em que participou o elenco que se propunha fazer o espetáculo parte do projeto de formação e consolidação de platéia, aprovado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura e patrocinado pela CEMAR. O texto foi finalizado por Tácito Borralho e os bonecos confeccionados por Max Coelho e Tácito Borralho.

ERA UMA VEZ UMA ILHA... OU, O CHOCALHO DA CASCAVEL.

Espectáculo concebido em 1980 para encenação com atores, bonecos de luva, bonecos gigantes, máscaras gigantes, e formas animadas.

Criação coletiva do Departamento de Arte Cênicas do LABORARTE sob a coordenação e redação final de Tácito Borralho, que confeccionou bonecos e máscaras auxiliado pelo Departamento de Artes Plásticas que também participou da execução de desenhos e caixa de “cineminha”. As músicas e sonoplastia foram compostas pelo Departamento de Som e Música. A peça foi montada e exibida nos anos 1980 a 1981.

BRINCANDO NO QUINTAL

Espectáculo concebido em 2018 para encenação como atores e bonecos. Escrito à pedido do ator bonequeiro Douglas Kodi, de Curitiba PR, para um exercício de apresentação em rua ou espaço aberto, dirigido à platéia infantil. Foi baseado em brincadeiras tradicionais do Meio Norte brasileiro e inclui a comédia do Bumba-meu-Boi do Maranhão.

LUANA REIS BRITO

Luana Reis Brito, nasceu na cidade de São Luís no estado do Maranhão, em vinte e quatro de agosto, no ano de mil novecentos e oitenta e quatro. É graduada em Fisioterapia pela Faculdade Santa Terezinha- CEST (2006) e licenciada em Dança pela Universidade Federal do Ceará- UFC (2014). Atualmente é professora efetiva da rede estadual de ensino no Maranhão, trabalhando com o componente curricular Arte.

Integra o grupo LABORARTE, em São Luís, atuando na produção de espetáculos e eventos. Compõe o grupo tradicional Cacuriá de Dona Teté desde a infância e atualmente é coreógrafa desse grupo, fazendo a direção artística ao lado da cantora Rosa Reis.

É pesquisadora de danças populares do Maranhão, tendo seus trabalhos artísticos voltados para o corpo do brincante da cultura popular, suas questões sociais e potencialidades criativas nas artes cênicas.

Artista-criadora das performances “RECEBA!”, “Mariá me Convidou” e “Pro-posições Lúdicas”. Escreveu e dirigiu textos de teatro de bonecos como “A Peleja de Casemiro Coco em Lendas “Emaranhadas”, com o qual recebeu o prêmio Afro 2012 na categoria de Teatro e foi contemplado no edital de circulação da Petrobrás em 2014.

Idealizou e coordenou o projeto Diálogos Culturais em 2018 e 2019, realizado em parceria com instituições de ensino público de São Luís, projeto que oferecia oficinas culturais gratuitas aos estudantes das escolas parceiras, proporcionando novas experiências culturais a esses discentes.

TEXTO QUE CONSTA DESTES LIVROS:

.....

A PELEJA DE CASEMIRO COCO EM LENDAS eMARANHADAS

No ano de 2012, a cidade de São Luís completou quatrocentos anos e nós, Núcleo de Artes Cênicas do grupo LABORARTE, conversamos que seria interessante escrever um espetáculo que homenageasse a cidade e seu contexto histórico e cultural.

Já estávamos com um trabalho de teatro de bonecos em circulação, então a escolha desse formato de espetáculo teatral foi definida por conta da proximidade com o boneco Casimiro Coco. E nesse contexto nasceu “PELEJA DE CASEMIRO COCO EM LENDAS eMARANHADAS”, satirizando a história política do Maranhão, que teve por vários anos uma família comandando o estado, e trazendo pra foco as nossas crenças, mitos e musicalidade.

TEXTOS ESCOLHIDOS

para Teatro de Bonecos
&
Atores e Bonecos



SANDRA CORDEIRO

"MARIA"

1999

Roteiro de Sandra Cordeiro
(Solo para boneco de luva).

(O espetáculo se passa em uma empanada para bonecos.
Não tem fala, apenas grunhidos, sons onomatopaicos).

PERSONAGENS:

Maria (Menina)

Mão (com luva branca e vermelha)

PRIMEIRA CENA

MARIA: (Entra despreocupadamente; Coloca uma pipa em cena e a empina; (Passa um tempo brincando com ela e retira-a de cena).

MARIA: (Coloca em cena um carrinho feito de lata de sardinha; brinca ajustando as rodas, limpando-o e depois o puxa por uma linha até sair de cena).

MARIA: (Coloca em cena uma lata de lixo; Vai tirando de dentro várias coisas: pedaços de jornal que olhando para as letras demonstra que não sabe ler; tira um copinho de plástico e brinca extraindo som e depois o joga fora; tira uma meia velha que ao sacudir, solta bastante pó, coloca-a esticada na empanada; Volta para a lata de lixo e coloca a cabeça dentro que fica presa, tenta tirar de dentro e quando consegue joga a lata fora.

MARIA: (Pega a meia e sacode mais para tirar o pó; Espirra, coça o nariz; Arruma a meia na empanada como se fosse um lençol e deita sobre ela).

LUZ: (Em resistência demonstrando que é noite)

MARIA: (Dorme sobre a meia)

SEGUNDA CENA

MÃO (Se aproxima de Maria, puxa a saia dela).

MARIA: (Acorda assustada e reage tentando se livrar).

MÃO: (Puxa Maria pelos cabelos e bate nela).

MARIA: (Grita)

MÃO: (Agarra fortemente Maria e violenta-a). Sai de cena.

MARIA: (Soluça chamando a mãe) Mamãe!

LUZ: Dia

TERCEIRA CENA

MARIA: (Levanta expondo uma barriga e se espanta com o que vê; Bate na barriga, levanta a saia tentando entender o que está acontecendo; Começa a andar brincando com a barriga).

MARIA: (Sente as primeiras contrações e grita de dor, andando apressada; As dores aliviam e ela continua a brincar; Voltam as dores e ela se contorce até deitar sobre a empanada gritando; As dores passam e ela relaxa).

MARIA: (Levanta e percebe que não tem mais barriga; Levanta a saia procurando, olha para os lados até olhar um bebê dentro da empanada; Se assusta com o que vê).

MARIA: (Pega o bebê e trás para a cena admirada; Olha para o bebê e olha para a barriga).

MARIA: (Fala com o bebê com a voz embaraçada). Tú não vai cair daí senão te dou cacudo! Te dou cacudo!. (Deixa o bebê e sai)

MARIA: (Volta trazendo a meia e coloca o bebê dentro da meia). Sai

MARIA: (Volta trazendo o carrinho de lata de sardinha e coloca na cena; Pega o bebê e o coloca dentro do carrinho).

MARIA: (Pega a linha do carrinho e vai puxar: Para e solta a linha: Vai até o bebê, tira-o de dentro do carrinho e o coloca nos braços; Olha para o carrinho e olha para o bebê várias vezes; Sai de cena com o bebê nos braços e deixa o carrinho; É colocada uma placa na empanada com a palavra “Denuncie”.)

MANIPULADORA: (Sai da empanada e lê).

MARIA NÃO SABIA E NEM PODERIA SABER
NA ESCOLA QUE NÃO ENSINA ELA NÃO ENTROU
NA FAMÍLIA A MÃE TAMBÉM NÃO ENSINOU
MARIA QUE ERA TÃO MENINA
SORRIA COM O SOPRO DO VENTO
COM A LINHA DO CARRINHO
É TÃO MENINA MARIA
MAS “A MÃO QUE AFAGA É A MESMA QUE APEDREJA”
MARIA NEM PRESENTIA
O VENTRE QUE CRESCIA
E DO VENTRE DE MARIA
O BRIQUEDO QUE AGORA ELA TINHA
MARIA TÃO MENINA NEM SABIA
QUE SÃO MILHARES DE MARIAS
DE VENTRE CRESCIDO
DE BRINQUEDOS MARIAS
A MULHER QUE GEROU MARIAS ERA MARIA
TAMBÉM NÃO TEVE ESCOLHA
PARIU E A CULPA FOI DO ANJO.

- FIM -

O MUNDO MÁGICO DE MARGARIDA 2014

Sandra Cordeiro

PERSONAGENS:

Margarida:

Violeta

Beija Flor

Ed Boy Scorp

Zorraida Scorp

Peirre Scorp

Sapo Elvis

Sapa Sassá

Sapinho Zeca

Cobra Maricota

Duende Coquito

Duende Lolô

Duende Dodô

Melusina Mãe das Ervas

Formiga Carmosa

Cigarra Sissi

Tartaruga Ruga.

(As cenas acontecem dentro de uma tolda para teatro de bonecos de luva).

PRIMEIRA CENA

CENÁRIO: (Um varal passado de um lado para outro da tolda, com roupas estendidas e um sol).

LUZ: (Fim de tarde)

MÚSICA:

VIOLETA: (Entra em cena para retirar as roupas do varal).

CESTO: (Entra e brinca com ela. Quando vai colocar roupa dentro ele sai do lugar)

VIOLETA: Margarida, segura esse cesto direito filha. (Margarida não aparece. Quando termina, pega o cesto e coloca pendurado na empanada; Retira o varal; Arma uma rede na cena).
Margarida está na hora de dormir minha filha! (Retira o cesto e sai).

MARGARIDA: (Entra com uma bonequinha nas mãos e deita na rede).

VIOLETA: (Entra, dá um beijo na filha e cantarola uma canção de ninar)

MÚSICA: (Canção de ninar)

LUZ: (Mudança para noite e em seguida luz de sol; Quando volta a luz já saiu de cena a rede e Margarida)

SEGUNDA CENA

MÚSICA (Alegre)

VIOLETA: (Entra com um pequeno jardim e coloca em cena)

MARGARIDA (Entra com um regador e rega as flores).

PÁSSARO BEIJA FLOR: (Entra voando pelo cenário e pousa nas flores)

MARGARIDA:Olá passarinho!

PÁSSARO BEIJA FLOR:(Voa)

MARGARIDA: (Brinca tentando pegar o passarinho)

PÁSSARO BEIJA FLOR: (Sai de cena)

MARGARIDA: (sorri)

OFF: (Batida de palmas, chamando)

VIOLETA: (Voz em off). Margarida, espia pra ver quem está batendo!

MARGARIDA: (Pega um luneta bem engraçada e fica olhando em volta de toda a empanada e para a plateia)

MARGARIDA: É um moço, mãe. (Sai e deixa o jardim)

TERCEIRA CENA

VIOLETA: (Entra com um rapaz).

ED BOY SCORP: (Entra) Bom dia, é a dona Violeta? Meu nome é Ed Boy Scorp. Estou procurando um terreno para os meus pais que estão chegando do exterior. Aqui é ventilado, amplo, bem localizado e vai ser muito bom para eles. Quanto a senhora quer?

VIOLETA: Moço, eu não estou vendendo e aqui não é um terreno, aqui é a minha casa.

ED BOY: Não se preocupe, com esse dinheiro da venda, a senhora compra outra maior, mais moderna. Dê licença, vou buscar os meus pais e logo faremos um bom negócio. (Sai de cena).

VIOLETA: Espere aí moço, moço! (Sai atrás)

MARGARIDA: (Entra com o regador e continua molhando as plantas e sai)

QUARTA CENA

ED BOY, ZORRAIDA, VIOLETA E PIERRE
(Entram todos, menos Pierre)

ED BOY: Mamãe, este é um lugar maravilhoso. Derrubamos esta casa velha e construímos outra, do jeito que a senhora gosta. Quando a senhora e papai vierem nas férias, não precisarão mais ficar lá em casa.

ZORRAIDA: (Sotaque estrangeiro, olhando em volta do espaço). Muito bom este lugar. (Olhando para o jardim) Que mixuruca, vou fazer um jardim suspenso bem aqui! Ed, vamos chamar o Pierre.

ED BOY: Pai! Pai! (Sai chamando o pai e não volta).

ZORRAIDA: Pierre! (Sai de cena)

PIERRE: (Entra, com uma bengala na mão. Sotaque estrangeiro). Querrida, este é o lugar perfeito para a nossa casa de verraneio. Perfeita. Que brisa, que ar puro.

VIOLETA: (Entra em cena)

PIERRE: A senhora é Violete? Vou ver o terreno, vamos dona Violete (Deixa a bengala em cena e sai)!

VIOLETA: Senhor espere!(Sai atrás dele).

MARGARIDA: (entra com um sapinho nas mãos)

ZORRAIDA: (Volta e encontra Margarida) Que menina linda, como você se chama?

MARGARIDA: (Fica calada).

ZORRAIDA:Ah! É um bichinho do mato, não quer falar.

MARGARIDA: Dona!

ZORRAIDA: Zorraida, meu nome é madame Zorraida, minha querida.

MARGARIDA: Dona Zoo...madame,a senhora gosta de sapo?(Mostrando o sapinho).

ZORRAIDA: (Reage)

MARGARIDA: Aqui tem é muito. Eles se penduram no telhado, pulam em cima da cama, da mesa, caem dentro das panelas, de tudo. Tem o Elvis, a Sassá. Este é o Zeca.(brinca com o que tem nas mãos) A senhora pode até virar uma princesa se beijar um deles. Eles são meus amigos, a senhora quer ver. (Chama por eles) Elvis, Sassá...

QUINTA CENA

OS SAPOS

LUZ: (Efeitos para mostrar outra ambientação)

MÚSICA:

SAPO ELVIS: (Entra pulando e brincando) Vem Sassá, vem! (Sai)

SAPA SASSÁ(Entra pulando) Elvis, cadê você! (Sai)

ELVIS E SASSÁ (Voltam)(Ficam agarradinhos e fazendo sons de sapo. Dormem um no ombro do outro)

LUZ: (Entra em resistência).

SAPOS (Saem)

SEXTA CENA

MARGARIDA, ZORRAIDA, COBRA

LUZ: (Volta para a luz anterior)

MÚSICA: (Sem música)

ZORRAIDA: (Como se nada tivesse acontecido). Bobagem menina, bobagem.

MARGARIDA: (Cortando a fala da mulher) E cobra, a senhora gosta de cobra? Aqui tem uma enorme, é a Maricota. Ela é toda colorida e vive no telhado. Quando tá todo mundo dormindo, ela passeia pela casa, fica assistindo televisão e comendo laranja, banana, abacaxi, tudo que a mamãe deixa dentro da fruteira.

LUZ:

SOM:(Instrumental de chocalho de cobra)

COBRA MARICOTA: (Entra e evolui na cena cantando uma canção. Sai)

SÉTIMA CENA

MARGARIDA, ZORRAIDA, DUENDES E MELUSINA MÃE DAS ERVAS

LUZ: (Anterior)

ZORRAIDA: (Pega a bengala e olha em volta da cena como que procurando a cobra, mas sem mostrar medo). Bobagens menina, bobagem.

MARGARIDA: Dona Zora...madame! Vamos lá ao fundo do quintal, eu vou lhe mostrar a casa dos duendes que fica dentro do pé de tucunzeira. Eles vivem lá, preparando porções mágicas. Eles colhem pedacinhos de raio do sol, bocadinhos de brilho das estrelas e misturam com gotinhas de orvalho da noite. O Dodô vende flores do meu jardim.

LUZ: (Mudança de luz)

MÚSICA:

CASA DOS DUENDES: (Aparece no alto da empanada, abre a porta e dentro aparece um duende).

DUENDE COQUITO: (Conversa em sons onomatopaicos com Lolô)

DUENDE LOLÔ: (Conversa em sons onomatopaicos com Coquito e saem de cena)

DUENDE DODÔ: (Sai de dentro da casa)

CASA DOS DUENDES: (Sai de cena)

DODÔ (Empurra um carrinho de flores e oferece para a plateia). Quem quer comprar flores, flores lindas e cheirosas do jardim de Margarida. Rosas, Jasmins, Miosótis, Açucenas, Maria Cagona, flores de todas as cores e perfumes. Alguém quer comprar flores? (Pausa) Flores perfumadas...

MELUSINA MÃE DAS ERVAS: (Entra cantarolando, com um saco cheio na costa). Bom dia Dodô!

DODÔ: Bom dia Melusina Mãe das Ervas.

MELUSINA MÃE DAS ERVAS: Bom dia Dodô, como tem passado?

DODÔ: Tô bom um tantão e a senhora?

MÃE DAS ERVAS: Tô bem, mas as raízes estão ficando cada dia mais difíceis meu filho. É preciso cuidar da terra pra se ter sempre folhas e flores pra fazer essências cheirosas. Pegue leve esta para a sua mãe, é essência de horiza. (Entrega um frasco para Dodô)

DODÔ: Obrigado, a mamãe vai ficar feliz. (Coloca o vaso no carrinho). Até amanhã, dona Melusina Mãe das Ervas.(Sai)

MÃE DAS ERVAS: Até amanhã Dodô. Ali tem chanana, vou pegar umas raízes (Sai cantarolando e catando folhas).

OITAVA CENA

MARGARIDA, ZORRAIDA E FORMIGAS

ZORRAIDA: (Anda de um lado para o outro com a bengala nas mãos). Cadê o Pierre. (Chama gritando) Pieeeeeerrre.

MARGARIDA: (Com uma formiga nas mãos brincando)

ZORRAIDA: O que é isso?

MARGARIDA: É a formiga Carmosa

ZORRAIDA: Formiga? Pierre, onde esse homem se meteu!

FORMIGA CARMOSA: (Brinca com Margarida)

MARGARIDA: Aqui tem muita formiga, um montão. Têm vermelhas, pretas, amarelas. Tem umas grandonas e outras bem pequenininhas e elas mordem que doe um tantão. Ah! E tem cigarras também. Elas cantam tão tanto, que acorda todos os bichos do mato e nos também. Tem tartaruga, lagarto...

ZORRAIDA: (Gritando). Pierre!!

NONA CENA

ÁRVORE DAS FORMIGAS, FORMIGA MÃE, TARTARUGA E CIGARRA

LUZ:

MÚSICA:

FORMIGA MIGA: (Entra na cena carregando um tronco de árvore e coloca na cena. Sai e trás uma trouxinha amarada numa vara, para diante do tronco de árvore)

TARTARUGA RUGA: (Aparece). Olá amiga Formiga Miga. A cigarra Sissi tá pra começar a cantar!

FORMIGA MIGA: Olá amiga Tartaruga Ruga. Estou esperando por ela.

CIGARRA SISSI: (Aparece)

TARTARUGA: (Fala lentamente) Vi-va- a-Ci-gar-ra-Sis-si!

FORMIGAMIGA: Viva!!!!

CIGARRA SISSI: Obrigado, obrigado, respeitável público. (Se dirige também para a plateia). Desculpem-me, mas hoje estou com pressa, vou fazer um show na festa das filósofas corujas. Logo, logo o meu produtor vai passar para me levar. Vou dá só uma palhinha para vocês. Por favor, luz, som!

LUZ: (iluminando a cigarra)

MÚSICA: (Gravação de canto decigarra)

TARTARUGA RUGA: (Fala bem compassado): Vi-va-a-Ci-gar-ra-can-to-ra-das-mul-ti-dões!

FORMIGA MIGA: Viva!

CIGARRA SISSI: (Para a plateia) Palma para mim pessoal! Palmas.

TAPETE MÁGICO: (Chega apitando)

CIGARRA SISSI: (Sobe no tapete mágico) Até logo queridas. (Saem)

LUZ: (Acompanha o Tapete Mágico)

FORMIGA MIGA:(Sai levando o tronco)

TARTARUGA RUGA: (Sai devagarinho andando na empanada cantarolando a música da cigarra).

DÉCIMA CENA

VIOLETA, PIERRE, ZORRAIDA E MARGARIDA

VIOLETA: (Entra em cena) Mas seu Pierre, eu não vou vender a minha casa.

PIERRE: (com sotaque estrangeiro). Dona Violeta, não se preocupe, eu pago em dólares, dólares, muito grana. (Mostra uma nota de dólar). Senhorra comprar outra casa, uma carro, poupança, que maravilha. A senhorra vai sair da miséria.

VIOLETA: Miséria, mas eu não sou miserável não senhor, eu vivo muito bem.

PIERRE: Bobagem senhora, bobagens. Vamos acertar tudo com minha esposa.(Chamando) Zorraida, monamour! (Sai de cena)

VIOLETA:Mas senhor! (Sai atrás de Pierre)

ZORRAIDA: (Entra chamando Pierre) Pierre!

MARGARIDA: (Entrando atrás, fazendo um jogo de entrada e saída). Dona Madame, eu ainda não lhe falei dos macacos, das galinhas, do Saci Pererê, do Lobisomem, do Bicho Papão...

ZORRAIDA: (Apavorada, gritando). Chega, não quero ouvir mais nada. Pierre, vamos embora daqui que eu não quero mais comprar nada, essa casa é assombrada, tem até Bicho Papão!

PIERRE: (Entra) O que aconteceu monamour!

ZORRAIDA: (Sai puxando Pierre e saem de cena). Vamos embora!!!!

VIOLETA: (Entrando) O que aconteceu!

MARGARIDA: (Entrando) Hi! Eu acho que a dona Zorraida tem medo de bicho papão! Mãe, o que é bicho papão?

VIOLETA: (Abraça Margarida)

Luz: (Em resistência)

- FIM -

CIRCO DE BONECOS PÉS DE FULÔ 2017

Sandra Cordeiro
(Texto para bonecos e atriz)

BONECOS:

01. Sisi Star - dona e apresentadora do circo
02. Carro Maluco
03. Trombeta - palhaço motorista do carro
04. Teobaldo - palhaço Branco
05. Tintim - palhaço Augusto
06. Lorde Escovinha - domador de serpente
07. Serpentina - cobra
08. Pirulito - o palhaço contorcionista
09. Leão Leonino
10. Lolita - equilibrista
11. Epaminondas - palhaço tocador de violino
12. Lili - vaca cantora
13. Serafim - encantador de serpente
14. Suzete - serpente
15. Benedito - repentista tocador de violão
16. Bacurau - repentista tocador de violão
17. Mister Clayde - O Homem Bala
18. Piolin - marionete
19. Narrudin - Mágico
20. Penélope - Partner do mágico

ABERTURA:

MÚSICA CIRCENSE:

(bandeiras tremulam no alto da empanada)

CARRO MALUCO: (Conduzido pelo palhaço Trombeta, entra dando várias voltas na cena fazendo zoada).

SISI STAR (Entra e apresenta o circo). Senhoras e senhores, está chegando o maior espetáculo da terra, o Circo de Bonecos Pés de Fulô.

CARRO MALUCO: (Entra, corta a voz da apresentadora; dá voltas na empanada e Sisi sai atrás do carro brincando. Carro sai).

SISI STAR: Palhaços, domadores, mágicos, cantores, animais adestrados, marionetes, o homem bala e muito mais. Preparem seus corações que vai começar o maior espetáculo da terra.

Música: Circense

SISI STAR: (Em cena). Viajando pelos quatro cantos da terra, o nosso espetáculo trás as mais belas atrações do mundo mágico do circo. Vamos receber no nosso picadeiro a alegria do circo, Tintim, o palhaço Augusto e Teobaldo, o palhaço Branco.

PRIMEIRO NÚMERO

Tintim e Teobaldo – o Augusto e o Branco

MÚSICA:

TINTIM: (Entra em cena e verifica que o espaço está sujo; Sai e volta com um espanador, limpa e sai; Volta com um lençol e coloca na empanada; Sai e volta com um travesseiro; Coloca sobre o lençol e sai).

TEOBALDO: (Entra em cena; Olha o lençol de Tintim e deita sobre ele).

TINTIM: (Volta e vê que Teobaldo está deitado no lugar dele; Sai e volta com o espanador; Empurra Teobaldo com o cabo do espanador).

TEOBALDO: (Acorda, toma o espanador de Tintim, bate nele e tira-o de cena; Tintim sai; Teobaldo volta a dormir).

TINTIM: (Volta com um pano no rosto disfarçado de fantasma. Puxa o lençol de Teobaldo até ele acordar).

TEOBALDO: (Acorda, se espanta com o fantasma e cai de costa na empanada).

TINTIM: (Também se espanta e cai do outro lado na empanada. Levanta e sai correndo atrás de Teobaldo). Saem correndo um atrás do outro dando voltas pela empanada.

TINTIM: (entra e pega uma ponta do lençol)

TEOBALDO: (Entra e pega na outra ponta do lençol)

(Os dois puxam pra lá e pra cá)

TINTIM:(Fica com o lençol e sai correndo rindo de Teobaldo).

TEOBALDO (sai correndo)

(Os dois voltam e agradecem a plateia;Saem juntos).

SEGUNDO NÚMERO

Lorde Escovinha o domador e a Cobra Serpentina

SISI STAR: Este é o maior espetáculo da terra. Vamos receber no nosso picadeiro a Cobra Serpentina e seu domador Lorde Escovinha

MÚSICA:

LORDE ESCOVINHA: (Entra com uma varinha e cumprimenta o público). (Bate com a varinha na empanada e chama com arrogância). Serpentina!

SERPENTINA: (Entra)

LORDE ESCOVINHA: (Bate com a varinha na empanada) Serpentina cumprimente o público.
Serpentina: (Sacode a cabeça afirmativamente).

LORDE ESCOVINHA: Vejam como ela me obedece e faz tudo que eu mandar não é Serpentina?

SERPENTINA: (Sacode a cabeça negativamente)

LORDE ESCOVINHA: (Bate com a bengala). Não é Serpentina!

SERPENTINA: (Sacode a cabeça afirmativamente).

LORDE ESCOVINHA: Atenção Serpentina vire para a direita, para a esquerda (bis 3x). Agora, para cima, para baixo (bis até a cobra ficar cansada).

SERPENTINA: (Vai obedecendo aos comandos)

LORDE ESCOVINHA: Serpentina agora mexa só o rabo, mais uma vez, outra vez, outra vez... Muito bem. Agora, abre a boca, fecha a boca, abre a boca, fecha a boca.

SERPENTINA(obedece até fica estressada e ataca o domador)

LORDE ESCOVINHA: (Levanta a bengala e bate na cobra) Agora vocês vão ver o poder do meu comando sobre este animal. Acaricia, beija a cobra. Vou colocar a minha cabeça na boca de Serpentina. Serpentina abra a boca!

SERPENTINA: (Abre a boca)

LORDE ESCOVINHA: (Coloca a sua cabeça na boca da cobra)

SERPENTINA: (Prende a cabeça do domador)

LORDE ESCOVINHA: (Grita) Socorro, socorro, me solta Serpentina! Socorro!

SERPENTINA: (Sai com o domador)

SISI STAR: (Entra chamando) Segurança, segurança. (Sai)

LORDE ESCOVINHA: (volta carregando a cobra).

SISI STAR: Lorde Escovinha aprendeu a lição, não se deve maltratar os animais.

TERCEIRO NÚMERO

Pirulito, o palhaço contorcionista

SISI STAR: Hoje tem espetáculo! Tem sim senhoras e senhores. Vamos receber o palhaço que treinou vinte anos para fazer este número. Ele que faz as maiores proezas com o seu corpo de pano. O nosso querido palhaço Pirulito.

MÚSICA:

PIRULITO (Boneco de vara; Entra e evolui)

QUARTO NÚMERO

O Leão Leonino

SISI STAR: Respeitável público, vamos trazer uma fera, a fera mais feroz deste circo e a sua domadora madame Maria Barbosa.

MÚSICA:

MARIA BARBOSA (Atriz entra em cena e cumprimenta o público) Minhas senhoras e senhores, vindo diretamente das terras do bem querer, criado com linha, pano e sisal nos bastidores deste picadeiro, o encantador Leão Leonino!

Música:

LEÃO LEONINO: (Dança ao som da música)

MARIA BARBOSA: (Conversa com o Leão, diz que ele é manso e que ninguém vai e fazer mal a ele. Diz que vai passar a mão nele para mostrar que ele é manso; Passa a mão no Leão).

LEÃO (Ruge e avança)

MARIA BARBOSA: (Se assusta; A música volta a tocar)

LEÃO LEONINO: (Se acalma)

MARIA BARBOSA: (Diz que o leão é inteligente, sabe falar e pede para a plateia dizer uma palavra fácil para ele repetir).

PLATEIA: (Diz uma palavra fácil, depois uma difícil, depois uma mais difícil. O leão repete as palavras. Na última palavra, o Leão se zanga. A música volta a tocar e o Leão se acalma).

MARIA BARBOSA: Agora respeitável público o Leão Leonino vai fazer um número muito perigoso, vai passar pela roda mágica das cores. Atenção contra regra, que suba a roda.

MARIA BARBOSA: Atenção Leão Leonino, preparar. Música maestro.

MÚSICA: (Suspense)

LEÃO LEONINO: (Atravessa a roda, vai e volta)

MARIA BARBOSA: (Agradece. Saem de cena)

QUINTO NÚMERO

A Equilibrista Lolita e o Palhaço Epaminondas

SISI STAR: Viva o circo, viva a brincadeira, viva os bonecos. Preparem seus corações porque Lolita vai se equilibrar em uma vara a dez metros de altura. Para acompanhar Lolita, o violonista Palhaço Epaminondas.

MÚSICA:

EPAMINONDAS: (Entra trazendo o instrumento e se posiciona na cena)

MÚSICA: Violino

LOLITA: (Entra e evolui no seu aparelho)

EPAMINONDAS: (Toca enquanto ela faz o seu número)

LOLITA: (Quando termina o seu número, vem até o palhaço e agradece)

EPAMINONDAS: (Vai até ela)

LOLITA: (Sai sem se importar com o palhaço)

EPAMINONDAS: (Sai triste levando o seu instrumento)

SEXTO NÚMERO

Lili, a vaca

SISI STAR: Senhoras e senhores, vamos receber neste picadeiro, uma das maiores estrelas da bonecaria. Ele que já cantou nos melhores picadeiros do mundo, já encantou todos os tipos de plateia dos circos pano de roda, dos circos pinico sem tampa, tomara que não chova e agora é contratada deste circo. Vamos receber a encantadora Lili a Vaca.

MÚSICA:

LILI: (Entra e evolui ao som da música). Respeitável público vou cantar para vocês o meu mais novo sucesso. Deixa-me afinar a minha voz! Múuu! Múuu!. (Canta)

MÚSICA: Eu passo a vida cantando. Ai Lili, ai Lili ai lô
Por isso sempre contente estou. O que passou, passou
O mundo gira depressa. E nessas voltas eu vou
Cantando a canção tão feliz que diz
Ai Lili, ai Lili, ai lô
Por isso é que sempre contente estou
Ai Lili, ai Lili, Ai lô!!!!
Obrigada, obrigada.
Música: (Volta a música de entrada)

LILI: (Sai dançando ao som da música).

SÉTIMO NÚMERO

Encantador de serpente (Serafim e a Serpente Suzete)

SISI STAR: Vindo diretamente do oriente. Ele que tem a capacidade de levantar uma cobra com a sua flauta. Serafim e a serpente Suzete.

MÚSICA: Oriental

SERAFIM: (Entra com um cesto. Toca uma flauta).

SUZETE: (Sai do cesto, evolui ao som da música e depois volta para o cesto)

SERAFIM: (Agradece e sai)

OITAVO NÚMERO

Dupla de repentista Benedito e Bacurau

SISI STAR: Vindo diretamente das praças e feiras nordestinas para brilhar neste circo, vamos receber a dupla de repentista Benedito e Bacurau.

BENEDITO: (Off) Bacurau tu tá ai?

BACURAU: (Off) Eu tô!

BENEDITO: (Off) Então tamo, vamos começar.

BACURAU: (Off) Só se for agora.
(Sobem os dois em cena)

BENEDITO: Cadê o tom Bacurau?

BACURAU: (Procurando) O tom não veio!

BENEDITO: É o tom da viola, Bacurau!

BACURAU: E promode que tu não disse logo!

BENEDITO: Tu começa!

BACURAU: Agorinha mesmo! Oh! Biniditoo Bacurau!

BENEDITO: Tá no oco do pau! (bis)

BACURAU: O meu pai é bonito!

BENEDITO: Minha mãe muito mais.

BACURAU: Binidito, vamo levar uma prosa!

BENEDITO: Agora!

BACURAU: Binidito, tú que é sabido diz ai, quanto tempo tem o tempo?

BENEDITO: Essa eu sei! O tempo tem o tempo que o tempo tem! Agora me diz ai Bacurau: Qual o doce mais doce que o doce de batata doce?

BACURAU: Eu sei! O doce mais doce que o doce de barata doce é o doce de batata doce!. Acertei!

BENEDITO: Acertou!

BACURAU: Agora sou eu! Me responde Binidito, quantos cabelos tem numa careca?

BENEDITO: Essa é fácil Bacurau. Se é careca é porque não tem cabelo nenhum! Acertei!

BACURAU: Acertou!

BENEDITO: Agora sou eu. Me diga Bacurau, qual a cor do cavalo branco de Napoleão!

BACURAU: Lascou! Essa eu não sei!

BENEDITO: (Para a plateia) Te peguei Bacurau! Diga ai pessoal, qual a cor do cavalo branco de Napoleão? (Espera a resposta da plateia se a plateia não disser ele responde). É branco Bacurau, a cor do cavalo branco de Napoleão é branca.

BACURAU: Então diz ai sabidão. O que é o que é, branquinho brancão, não tem porta nem portão?

BENEDITO: É o ovo Bacurau!

BACURAU: Depois dessa vamos saindo Binidito! Binidito, o Bacurau!

BENEDITO: Tá no oco do pau!

BACURAU: O meu pai é bonito!

BENEDITO: Minha mãe muito mais! (Saem).

NONO NÚMERO

Mister Clayde - O Homem Bala

SISI STAR: Preparem os seus corações que vem ai um artista corajoso, bravo, destemido, valente. Para acompanhar este número vamos receber a sua treinadora que garante que nada

vai dar errado. Com vocês Madame Maria Barbosa e o sensacional Mister Clayde, o homem Bala.

MARIA BARBOSA: (Atriz entra em cena): Mister Clayde! Mister Clayde cadê você?

MISTER CLAYDE: (Off) Eu tô aqui, já tá na hora?

MARIA BARBOSA: Sim Mister a plateia está esperando.

MISTER CLAYDE: Dá pra esperar, tô me concentrando. Já tô indo! (Aparece em cena)

MARIA BARBOSA: (Pede palmas para Mister Clayde).

MISTER CLAYDE: Ai! É hoje que me lasco. Posso fazer uma oração de despedida.

MARIA BARBOSA: O que é isso Myster, você é um artista treinado. Pode fazer a sua oração.

MISTER CLAYDE: (Rezando) Pelo sinal, castanha real, comi tocinho e não me fez mal, se mais tivesse, mais comia. Até logo minha gente, até outro dia.

MARIA BARBOSA: Pronto Myster, agora vamos ao seu número. Contra regra, traga o canhão.

CANHÃO: (Sobe)

MARIA BARBOSA: Se concentre que vamos à contagem regressiva.

MÚSICA: (Suspense)

MARIA BARBOSA: Quatro, três, dois, um, fogo!

MISTER CLAYDE: (Sai do canhão, gira e cai dentro da tenda)

MÚSICA: (De queda)

CANHÃO (Sai de cena na hora que o boneco dispara).

MARIA BARBOSA: (Chama) Mister Clayde...cadê você!

MISTER CLAYDE: (Aparece sacodindo a cabeça cheia de talco) Ai! Ai! Eu tô tontinho!!! (sai)

MARIA BARBOSA: Palmas para o Homem Bala. (Sai)

DÉCIMA CENA

A Marionete Palhaço Piolin

SISI STAR: Para o encanto desta plateia, vamos trazer um número de marionete, o boneco movido a fio o Palhaço Piolin.

MÚSICA: (Piolin evolui dançando e interagindo com a plateia na frente da empanada).

DÉCIMA PRIMEIRA

O Mágico Narrudin e Penélope Charmosa

SISSI STAR: Estamos chegando ao final deste espetáculo e para fechar com chave de ouro vamos receber o mágico Narrudin e a charmosa Penélope

MÚSICA:

NARRUDIN: (entra)

SACO MÁGICO: (Entra em cena)

NARRUDIN: (Faz movimentos de mágico e coloca uma flor dentro do saco mágico. Pega um lenço e cobre a boca do saco. Faz movimentos em torno do lenço, retira o lenço e Penélope sai de dentro do saco).

MÚSICA:

PENÉLOPE: (Aparece, dança e volta para o saco mágico)

NARRUDIN: (Coloca o pano sobre o saco mágico, tira o pano; some Penélope e sai do saco um pássaro).

PÁSSARO: (Voa por todo o palco e sai)

NARRUDIN: (Sai de cena)

SISI STAR: E assim chegamos ao final da nossa brincadeira. Prometemos estar de volta qualquer dia, qualquer hora, em alguma Praça deste País. Vamos receber os manipuladores que carinhosamente deram vida aos nossos encantadores bonecos.

TODOS: (Entram em cena os atores manipuladores e agradecem)

- FIM -

O ARRAIAL DOS PEQUENINOS

2017

Sandra Cordeiro
(Texto para bonecos e atores)

ELENCO:

Zizi Zoadada
Leocádia
Dona Doçura
Sr. Roleta
Sr. Balardão
Dona. Clotilde
Dolores
Vovó Naná
Fafá
Barba de Velho
Burrinha Preciosa
Cazumbas
Caboclo de Pena
Burrinha
Chico
Catirina
Boi
Quiabo
Purpurina

ABERTURA

MÚSICA: (Forró)

ZIZI ZOADA: Meninas e meninos, senhoras e senhores, começa neste momento, sob o comandode Zizi Zoadada, eu, a brincadeira mais animada desta região, “O Arraial dos Pequeninos”.Trazemos nesta noite maravilhosas personalidades do ciclo junino, o maior espetáculo de Rua do Maranhão pra brincar neste Arraial. Viva São João, São Pedro, São Marçal! Viva o Arraial dos Pequeninos e viva o Teatro de Bonecos!

OFF: Viva!

ZIZI ZOADA: Bota o som maestro que vai começar o nosso Arraial com um forró arretado, levantando poeira e arribando saia!

PRIMEIRA CENA

MÚSICA: (Forró)

(Entram em cena quatro casais de bonecos dançando forró e saem ao som da música).

ZIZI ZOADA: (Entra dançando) Êta forró bom da gota serena.

DONA LEOCÁDIA: (Entra com uma barraca de comida). Com licença Dona Zizi Zoada, tamo chegado. (Coloca a barraca na empanada).

ZIZI ZOADA: A noite promete Leocádia! (Sai)

Sr.DOÇURA: (Entra com uma vara de algodão doce e circula na empanada anunciando). Olha o algodão doce! Algodão doce!

Sr. ROLETA: (Entra anunciando). Olha o rolete de cana, tá docinha freguês.(Circula na empanada anunciando)

Sr. BALARDÃO: (Circula com balões)

Sra. CLOTILDE: (Entra com uma tábua de pirulito anunciando). Pirulito, amassado no pinico, enrolado no palito. Tem de maracujá, de morango. Pirulito!

FAFÁ: (Uma menina brinca em volta da cena).

DOLORES: (Entra vendendo boizinho pendurados em uma vara)

VOVÓ NANÁ: (Entra procurando). Fafá vem cá menina, não vai te perder.

FAFÁ: Vovó compra um balão, compra. Compra um pirulito, um rolete de cana, algodão doce, compra!

VOVO NANÁ: Calma Fafá, vamos comprar.Ei do balão!

Sr. BALARDÃO: (Vem até a vovó Naná). É dois real.

VOVÓ NANÁ: (Compra um balão e dá pra Fafá)

FAFÁ: (Pega o balão)Vovó Naná, vamos brincar de pescaria lá do outro lado! (Saem de cena).
(A música vai diminuindo, os vendedores vão saindo de cena).

SEGUNDA CENA

A PESCARIA BARBA DE VELHO

(A cena é feita por atores e um boneco. O Boneco deve ter uma longa barba onde as pessoas vão puxar os fios e na ponta deve ter estar amarrada uma prenda).

ZIZI ZOADA: Venha participar minha gente, vai começar a pescaria da Barba de Velho, traga a sua contribuição e ganhe os mais bonitos brindes da noite.

MÚSICA:

BONECO BARBA DE VELHO: (Entra em cena; O boneco fica com o corpo fora da empanada e o manipulador por trás manipula a boca).

ATOR 1, 2 e 3 (Os atores manipuladores entram e comandam a cena na frente da empanada, organizando as pessoas em fila para fazerem a pescaria).

ATOR 1: (Coloca a placa no cenário onde deve estar escrito: Pescaria).

ATOR: 2: Vamos lá minha gente, vamos participar da pescaria do Arraial dos Pequeninos. Vai começar quem quer pescar? Vamos fazer a fila.

BARBA DE VELHO: A pesca custa quanto você puder pagar. É o teatro de rua, vamos colaborar.

ATOR 3: Quem vai participar (Mostra o chapéu).

ATOR 1: (Organiza a fila dos participantes)

(Um participante de cada vez puxa um fio da Barba do Velho e leva o seu brinde).

ATOR 2: Vamos agora encerrar a brincadeira, quem veio, veio quem não veio vem outro dia.

BARBA DE VELHO: Amanhã tem mais, não percam.

(Saia pescaria)

TERCEIRA CENA

TAMBOR DE CRIOLA

ZIZI ZOADA: (Entra cantando) Berôô, berôô, berôbeiramarberô. Berôbeiramar, berôbeiramar. Viva o Arraial dos Pequeninos, o maior Arraial desta região, trazendo as mais belas atrações juninas para a sua diversão. Se acheque que tá entrando no terreiro o nosso Tambor de Crioula, tocado a fogo, socado a murro e dançado pelas mais belas bonecas Coreiras da bonecaria. Que entre os nossos tocadores.

TAMBOZEIROS: (Entram em cena três atores manipuladores usando meia máscara e trazendo os tambores que compõe a dança. Tambor grande, meião e crivador).

MÚSICA: Tambor de crioula

COREIRAS: (Bonecas aparecem no alto da empanada e dançam fazendo a coreografia do tambor de crioula. Agradecem e saem).

TAMBOZEIROS: (Saem levando os tambores).

QUARTA CENA

BURRINHA PRECIOSA

ZIZI ZOADA: Este é o “Arraial dos Pequeninos” uma festa arretada, cheia de alegria e brincadeiras. Pra contagiar esta plateia vai chegar a nossa “Burrinha Preciosa” pra fazer bonito neste arraial.

MÚSICA:

BURRINHA PRECIOSA: (Boneco de vestir)

MIOLO:(Ator manipulador que manipula a burrinha: Evolui em frente a empanada e de repente a burrinha empaca e não quer mais dançar).

ZIZI ZOADA: Sr. Miolo, o que está acontecendo com Preciosa?

MIOLO:(Conversa com a burrinha) Ela diz que só vai brincar se tiver uma garupa.

ZIZI ZOADA: (Chama na plateia para saber quem quer ser a garupa. Alguém se oferece, monta atrás da Burrinha e ela continua a evoluir; Depois de dois ou três participantes a cena encerra e o Miolo sai de cena com a Burrinha).

QUINTA CENA

O BUMBA-MEU-BOI

ZIZI ZOADA: E agora vamos fazer a nossa homenagem a brincadeira do Bumba-meu-boi, trazendo para vocês as personagens que compõem esta singular brincadeira popular e que homenageia São João, São Pedro e São Marçal. Para alegrar ainda mais o nosso arraial, as nossas marionetes brincantes.

MÚSICA:

CAZUMBÁS 01 e 02: (Entram e fazem evolução)

INDIO E CABOCLO DE PENA: (Entram e fazem evolução)

BOI E BURRINHA: (Entram e fazem evolução)

CHICO E CATIRINA: (Entram em cena e fazem evolução)

BOI: (Entra, evolui com Chico e Catirina).

TODOS: (Fazem uma coreografia em volta da cena e saem)

SEXTA CENA

FORRÓ DO VAI E VEM QUEM QUER

ZIZI ZOADA: Para encerrar a nossa brincadeira, vamos fazer um concurso de forró e saber qual é o casal mais dançador desta noite. Procure seu par e se prepare para dançar no Arraial

dos Pequeninos.

QUIABO e JAPEÇOCA: (Entram em cena)

ZIZI ZOADA: Já temos o nosso primeiro par concorrente. O boneco Quiabo e a sua manipuladora Japeçoca.

ZIZI ZOADA: O nosso segundo par concorrente está chegando. A boneca Purpurina e seu manipulador Trancoso.

PURPURINA E TRANCOSO (Entram em cena).

ZIZI ZOADA: Vai chegando os bonecos gigantes Chico e Catirina.

CHICO E CATINIRINA: (Entram em cena)

ZIZI ZOADA: (Convida e plateia para participar; Caso não venha outro casal, a disputa ocorrerá entre os três casais)

MÚSICA: (Os casais evoluem e começa uma confusão entre eles, cada um querendo roubar a cena).

ZIZI ZOADA: Para a música sonoplasta. Diante da confusão criada pelos participantes, vamos considerar todos vencedores. Palmas senhoras e senhores.

(Os casais saem de cena)

ZIZI ZOADA: E assim chegamos ao final da nossa brincadeira, agradecemos a sua participação e até a próxima. Viva o Arraial dos Pequeninos.

OFF: Viva!

MÚSICA:

TODOS: (Atores manipuladores entram em cena e agradecem a plateia e sem).

- FIM -



SILVANA CARTÁGENES

AS HISTÓRIAS DE MAGÁ 1990

AUTORES: SILVANA CARTÀGENES e BIL DE JESUS
(Uma só atriz faz Magá, os bonecos e as formas animadas)

PERSONAGENS:

Magá – atriz
Galo - boneco
Sol – boneco
Barquinho de papel- forma animada
Juquinha - boneco de luva
Passarinho – boneco de luva
Velha Cachimbeira- boneca de vara

ACESSÓRIOS E ADEREÇOS:

Três trouxas, uma dentro da outra
Rio
Lençol
Gaiola de ouro
Roupinhas de bonecos e bonecas
Fio para varal e pregador de roupas
Unha de gigante
Pedaço de pele seca, grande

(As cenas se passam numa beira de rio. O cenário é uma empanada para bonecos com dois planos, os mesmos servirão de apoio para varais de estender roupas).

CENA 1

(Clima de amanhecer. Aparece um galo cantando)

GALO– Cocoricó...cocoricó... Cocoricó...cocoricó... Cocoricó...cocoricó... (sai)

(*Entra Magá cantarolando e trazendo trouxa de roupas para lavar*)

MAGA – Nossa que afobação! Fui entrando sem nem prestar atenção (*coloca a trouxa no chão*)
-Permitam que eu me apresente, meu nome é Margarida, mas podem me chamar de Magá. Tem 'uns e outros' que me chamam de "Magá Tagarela".Eu não me ofendo e até gosto; se vocês quiserem podem me chamar assim também. Eu sei que essas pessoas não entendem o meu jeito de ser, porque desaprenderam a brincar, não gostam de ouvir nem de contar histórias.

Enfim...Pensam que falam só o que é importante. Eles cortaram as asas do passarinho que tem dentro delas e só falam da vida alheia. *(Mudando de clima)* Bom, vamos em frente que atrás vem gente, vou deixar de conversa fiada que o serviço é muito; agora é hora de trabalhar, trabalhar e trabalhar.Pra vencer essa peleja do dia a dia, eu faço tudo brincando, cantando e dançando que eu não sou besta.

(Observa o tempo) Esse dia está muito lento, está com cara de chuva.

(Trovoadas) Valei-me Santa Clara protetora das lavadeiras! Clareia esse dia pra mim minha santa.*(Resposta com trovoadas mais fortes)* Xiii, ela não ouviu.

(Para plateia) Vou já fazer um olho de sol. Vocês conhecem um olho de sol?

Desses que a gente faz no chão pra afastar a chuva e chamar o sol? É assim... *(faz três círculos no chão com o dedão do pé eo calcanhar)* Pronto está feito, é um santo remédio, a chuva fica com medo e vai chover em outra freguesia. Outro dia cheguei mais cedo que hoje e o sol já estava de fora com os olhos bem arregalados e alegres. Ah! Seu Sol molenga, preguiçoso , aparece, cuida logo.

(Magá canta para acordar o Sol)

Bis : Meu solzinho / Meu solzão

Bis : Redondinho, redondão!

(Magá retira o sol de dentro da trouxa e manipula o Sol)

SOL – Mas que ‘zuada’ é essa? Já não posso nem dormir sossegado, assim eu não agüento. Ser sol é muito difícil, estão sempre reclamando. Cada hora tão querendo que eu faça isso ou aquilo ou aquilo outro, assim não tem estrela que agüente. *(Bocejando)* - Estou muito cansado, fui dormir muito tarde ontem a noite, porque a lua estava com medo dos astronautas, eles queriam pintá-la de uma outra cor. Quando ela voltou já era muito tarde, por isso o dia foi mais longo. Queria dormir mais um pouquinho... Hum...*(Canta mal humorado)*

(Música do Sol)

Nasce o dia, Mais um dia, Outro dia, todo dia, e eu aqui, no quarador...

É pra alegrar. É pra brotar. É pra vingar. É pra aquecer com meu calor...

É sol a pino, Nordestino.

É sol na cara, No Saara.

Quando levanto, sou nascente

Quando repousosou poente

Desse jeito não tem sol que agüente.

Desse jeito não tem sol que agüente.

Desse jeito não tem sol que agüente.

SOL –*(finalizando)*Mas já que é pra ajudar minha amiga Margarida, então já estou aqui. Pode lavar sossegada que eu vou secando suas roupas.

(Sol fica fixado na empanada)

CENA 2

(Cantando, Magá retira o Rio de dentro da trouxa. Inicia manipulação da forma animada)

(MÚSICA DO RIO)

Rio... Meu rio doce de águas claras/
Que lava os trapos e as mágoas /
Do povo que mergulha em ti.

Vai... E leva além de tuas margens/A força da tua coragem / Que a correnteza nos traduz.

Rio... As impurezas que deságuam / assustam sonhos e mãe d'águas / Curimatãs e juritis

Vai... E leva além de tuas margens /A força da tua coragem / Que a correnteza nos traduz.

Vai... E leva além de tuas margens /A força da tua coragem / Que a correnteza nos traduz.

Vai... E leva além de tuas margens /A força da tua coragem / Que a correnteza nos traduz.

(Magá encontra uma bola de papel dentro rio, com ela confecciona um barquinho e relembra uma história de infância).

MAGÁ – *(Narrando)* Quando eu era criança, adorava quando chovia, porque eu corria pra janela e de lá jogava bolinhas de papel na enxurrada da sarjeta. Achava lindo quando ela subia e descia nas águas que corriam. Mas, mamãe não deixava. Papai muito menos ainda, mas mesmo assim eu ia. Um dia eu fiz um barquinho, mesminho assim... Como esse... *(Mostrando)* Eu gostava muito dele, ficamos grandes amigos e conversávamos muito.

BARQUINHO – Margarida, eu estou com uma vontade...

MAGÁ – Vontade de que barquinho?

BARQUINHO – Vontade de ir para a lua.

MAGÁ – Mas... Como? Barquinhos não voam!

BARQUINHO – Mas, navego.

MAGÁ – Está bem, mas mesmo assim. Como você vai navegando até chegar na lua?

BARQUINHO – É assim. Quando chover você me joga na enxurrada da sarjeta, da enxurrada eu chego ao rio, do rio eu chego ao mar e do mar eu fico ancorado bem na linha do horizonte. Você me ajuda?

MAGÁ - Claro! Mas mesmo assim como é que você vai do mar, chegar à lua?

BARQUINHO– Hora!No horizonte o céu não se encontra com o mar?Então é assim, quando a lua estiver nascendo na linha do horizonte, eu dou um pulinho e chego à lua!

MAGÁ – *(Paraplateia)* E aí eu enfeitei o barquinho todinho, com tampinhas de refrigerante e bandeirinhas de papel de bombom brilhoso. E pra ele não se esquecer de mim, eu coloquei uma rosa amarela bem na proa, pra perfumar toda a viagem... Aí, quando choveu, eu joguei o barquinho na enxurrada. Daí ele começou sua viagem!

(Magá canta BOM BARQUINHO, manipulando faz o barquinho navegar. Compartilha a manipulação com a platéia. O barquinho passa de mão em mão até voltar para Magá novamente para encerrar a história)

MAGÁ -O barquinho naufragou e se encantou bem na linha do horizonte. E até hoje em noite de lua cheia, tem gente que vê um barquinho de papel admirando a lua.*(Efeito de sol a pino)*

CENA 3

MAGÁ - *(voltando pra realidade)* Virgem minha gente, já é meio dia, minha sombra está bem em baixo de mim. Tenho que cuidar. *(Suspense)* Dizem que não é muito bom ficar nesse rio até tarde.

(Abre outra trouxa pega um lençol, sente cheiro de urina)

MAGÁ - Nossa que fedor de xixi! Esse é o lençol de Juquinha

Esse xixi custa a sair,êta menino mijão.*(lava bastante)*Pronto agora ta cheiroso...

Juquinha é muito danado é pior que o curupira e o saci juntos. Sabe o que ele fez uma vez?... *(mudança de clima, narração de história)* No quintal da casa dele tinha um cajueiro grandão que estava carregado e caju docinho que era uma beleza. Foi quando apareceu por lá um passarinho, que cantava como uma maravilha, e encantava todo mundo.

Um dia ele prendeu o passarinho numa gaiola. Mas, desse dia em diante o passarinho ficou triste e não cantou mas como antes.O Juquinha achou que era porque ele não estava gostando daquela gaiola, então, ele botou o passarinho em outra gaiola muito mais bonita, uma gaiola de ouro. Mas mesmo assim não adiantou o passarinho ficou ainda mais triste.

PASSARINHO – *(Triste)* Piu, piu, piu, piu, piu, *(Apitos)*

JUQUINHA- *(Boneco de luva aparecendo)* Que foi meu passarinho, o que é que tu tens , que não cata mais como antes?Já te dei outra gaiola e assim mesmo cada dia você fica mais triste.Todo dia eu trago da escola um pedaço do meu lanche, e mesmo assim você não se alegra.

MÃE - (*Voz em off*) Juquinha está na hora de ir pra escola.

MENINO – Já vou mamãe, não sai daí, quando eu voltar vou trazer um pedaço de sanduíche, tá?*(Sai)*

(Magá surge de dentro da empanada no mesmo nível da gaiola cantando para o passarinho)

(MÚSICA PARA O PASSARINHO)

Passarinho na gaiola

Sonha, sonha com a imensidão

Passarinho na gaiola

Vive sempre na solidão

Passarinho na gaiola

Morre sempre de paixão

Quem prendeu passarinho

Não tem alma, nem coração...

MAGÁ – Voa passarinho! *(Solta o passarinho)*

CENA 4

MAGÁ – (*Voltando pra cena na frente da empanada*) Nossa o dia hoje está correndo como nunca. Eu acho que já vai dar cinco horas e eu nem terminei de lavar as roupas. (*Suspense*) aqui na beira desse rio, a noite cai mais depressa do que em qualquer outro lugar! Ainda bem que só faltam essas roupinhas. Mas mesmo assim, sozinha não vou dar conta (*Para plateia*) Vocês me ajudam?

(Magá distribui roupas de bonecos para a platéia, todos cantam “Passa, Passa Gavião”. As crianças lavam em seus lugares, depois entram no palco e estendem as roupas no varal)

MAGÁ – (*Elogiando as roupas que as crianças lavaram*) Puxa como essas roupas ficaram cheirosas, vocês já podem ajudar em casa já sabem lavar.

(Percebe que ainda falta uma trouxa)

Virgem santíssima! Ainda falta mais essa trouxa. Ah! Meu deus, já é quase seis horas. Dizem que ninguém deve ficar aqui na beira desse rio quando anoitece. Preciso cuidar logo. (*Efeito de suspense abrindo a trouxa da Velha Cachimbeira*) Essa trouxa é de uma senhora muito gentil, mas que a vizinhança apelidou de “Velha Cachimbeira”. Eu acho isso uma falta de respeito! Ontem aqui ela passou, e pediu pra eu lavara roupa dela. (*Outro tom*) E como ela já esta bem velhinha eu não pude recusar. Mas já esta tarde e tenho medo de ficar na beira desse Rio depois das cinco horas da tarde. (*Segredando*) Dizem que é mal assombrado, que é perigoso. Só deu pra minha radiola.

(Clima de suspense) A Velha Cachimbeira é muito misteriosa, inventaram até que ela vira bicho... Eu não vou dizer que é verdade, porque eu nunca vi... A casa dela fica ali, lá pra acolá. *(Gesto)* Dizem que quando ela vira bicho vem pra cá, nessa mesma hora de hoje, de agora mesmo... Ai meu Deus! Deu um frio na minha espinhela que foi responder lá no meu focobó. *(Desconversando)* Mas isso é só conversa desse povo preconceituoso eu não vou acreditar nessa difamação... Não acredito que essa senhora é enfeitiçada. Mas, mesmo sem acreditar é melhor eu cuidar logo e sair daqui antes das seis horas. *(Abre a trouxa e vai encontrando coisas estranhas)* Mas que fedor de enxofre, cruz credo, dente de alho amassado 'mangalô' três vezes. Olha! Uma unha; um pedaço de pele seca!... Será que essa velha vira mesmo bicho? E vem pra cá às seis horas da tarde *(Ouvem-se passadas)* Nossa eu acho que é ela. Ai meu deus! Será que ela vai me comer? Ai! É ela! Estachegando. Deixa eu me esconder aqui. *(Debaixo das roupas)* Volto quando ela já tiver ido embora.

VELHA CACHIMBEIRA – *(Sem aparecer, em off)* Magáaa, Magázinhaááá

MAGÁ - Já tô me mijando toda... *(Faz que lava)* Pronto já lavei.

VELHA CACHIMBEIRA – *(Magá de costas faz voz da boneca, enquanto estende as roupas na empanada)* Magáaa onde você esta Margarida? Estou sentindo seu cheiro, você está por aqui em algum lugar.

MAGÁ – *(Virando-se de frente)* Valei-me Santa Clara das lavadeiras desesperadas. Vou me esconder aqui. *(Na platéia, perto das crianças)* Hummm! Mas aqui não dá, de lá, ela olha logo quem está aqui. Eu preciso de um lugar seguro, eu vou é ficar atrás de um tucumzeiro. *(Magá entra na empanada para se esconder e manipula a boneca)*

VELHA CACHIMBEIRA- *(Gargalhadas. Boneca aparece na parte de cima da empanada)* Eu sei que você está por aqui em algum lugar, estou sentindo o seu cheiro.

MAGÁ - A senhora é a Velha Cachimbeira?

VELHA CACHIMBEIRA – Não, Magá. Meu nome é Noca. Você pode me chamar de vóvó Noca se quiser.

MAGÁ – A senhora vira bicho?

VELHA CACHIMBEIRA – Claro que não! Você não precisa ter medo minha querida, eu sou uma pessoa igual a toda as outras. Não acredite nas mentiras dos maldosos. Porque são pessoas que não entendem as diferenças. Olhe pra mim, eu sou apenas uma mulher idosa.

MAGÁ – (*Passando a Mão no rosto da boneca*) o que aconteceu?

VELHA CACHIMBEIRA–Sou diferente porque escolhi sair da cidade para morar tranquilamente no meu sítio, vivo aqui em paz sentindo a natureza. Cuidando dos passarinhos, das plantas da terra, da água da vida através do meu quintal. Ai tem gente que se incomoda.

MAGÁ – (*Beijando o rosto da boneca*)

VELHA CACHIMBEIRA – algumas pessoas não aceitam as diferenças, por isso difamam, condenam, inventam mentiras. Eu só vim aqui buscar as minhas roupas. Ah! Ah! Você deixa as roupas tão cheirosas. Estou muito agradecida por ter lavado as minhas roupas.

MAGÁ - (*Contracenando com a boneca*) Então me desculpe, é que o medo faz a gente imaginar cada coisa...

VELHA CACHIMBEIRA – Eu sei. Quando você for levar as minhas roupas lá em casa eu vou passar um cafezinho e lhe contar umas histórias do tempo da Janambura (Sai boneca.)

MAGÁ – Sim senhora! Vou recolher essas roupas depois passo lá na sua casa. Até logo D. Noca. (*Cantando “A Carrocinha Pegou”. Arruma as roupas de volta na trouxa deixando o palco limpo*) (*Voltando-se para a platéia em tom reflexivo*) Puxa, a imaginação da gente cria cada coisa....

MAGÁ– (*Efeitos de finalização*)

Entrou pelo bico do pinto, saiu pelo bico do pato.
Quem quiser que conte quatro.

- FIM -

MARÉ DE LUA 2006

Silvana Cartágenes

PERSONAGENS:

Lua

Rita

Justina

Antonio

Pai de Santo

Patrão

Futuca – Boneco de Luva

Pescador – Máscara

Padre – Máscara

Mulher – Máscara

Velha – Máscara

Dançarina de forró – Boneca de Dançar (tamanho humano)

Dançarino de forro – Boneco de Dançar (tamanho humano)

Sebastião – Boneco de Sombra

(A peça se passa num povoado de pescadores. Na praia de Genipaúba, localizada no litoral Maranhense. No palco vê-se uma grande rede de pesca que ainda esta sendo confeccionada).

CENA 1

LUA JOVEM (Olha para o mar esperando o retorno de Sebastião. Ela trás nas mãos uma garrafa de cachaça, enquanto embriaga-se! Passagem de tempo... Envelhece uns vinte anos)

LUA – Essa noite a maré é de lua! Mar...Traz em tuas ondas ele de volta pra mim ou então me leva 'pro' reino dos encantados. Lá vou encontrar meu príncipe das águas. Mar tu és tão misterioso! Guarda em tuas profundezas os segredos dos encantados. Onde está o meu amor? Teu silêncio me enlouquece! Leva-me logo de uma vez e acaba com esse meu sofrimento.

RITA – (Entrando vê Lua se afogando, puxa ela da água) Dona Lua, a senhora não se afasta dessa garrafa de tiquira? Senhora vá pra casa. Venha eu lhe levo, vamos.

LUA – Vai embora sua filha de uma égua! Foi tua mãe que te mandou aqui? Tua mãe nunca prestou... Justina sempre foi uma oferecida, invejosa.

RITA- A senhora é uma velha cachaceira, eu só desculpo porque tenho pena da senhora. Seu marido foi embora e lhe deixou. Ele nunca vai voltar.

LUA - É mentira de tua mãe. Justina só diz isso porque ela se ofereceu pro meu Sebastião e ele não quis.

RITA - E a senhora até hoje espera por ele. Coitada!

LUA – Tua mãe casou com teu pai por desgosto.

RITA – Velha doida! Te afoga na maré...Mas nem maré te quer. Amarga tua desgraça que eu não vou te ajudar (sai).

LUA – (Expulsando-a) Vai! Vai! Vai-te embora e me deixe sozinha. Já se vê pelo rastro que tu vai ser ordinária que nem tua mãe. Me deixa em paz, sozinha, com minhas lembranças (Sai expulsando Rita)

CENA 2

(Antonio entra, chegando da pescaria. Traz suas tralhas e um presente pra Lua)

ANTONIO – Lua... Corre, mulher. Vem receber teu homem. Eu cheguei com saudades.
Lua (Entrando em cena, uma Lua jovem de 30 anos atrás) – Antonio ! A viagem foi boa?

ANTONIO – Muito boa. O vento soprava teu nome (agarrando-a)

LUA– Me solta Antonio... A gente mata a saudade depois que eu voltar da novena. Hoje é o ultimo dia da novena pra São Pedro, as mulheres estão todas reunidas lá na casa de D Nora. Vou agradecer pra o santo.

ANTONIO- Tá bom! Mas bota logo a janta e põe água no pirão que eu trouxe mais uma boca pro jantar (desculpando-se).

LUA – É sempre assim, você trazendo mais uma boca... deixa eu cuidar.

ANTONIO – Mas tem mais uma coisa...

LUA– Diz logo, homem, que estou curiosa.

ANTONIO – É que trouxe um rapaz pra passar uns tempos aqui com a gente. Mas é só por uns tempos, depois ele vai embora.

LUA – Ah! Antonio tu sabes que eu não gosto de gente estranha dentro de casa. Por que ele não fica na casa de Sr. João Tainha? Depois ele vai embora.

ANTONIO – Que é isso mulher?! Tô te estranhando... Tu sempre foste caridosa, disposta a ajudar todo mundo. Esse rapaz é filho de um compadre meu, Ele se meteu em uma confusão lá de São Luís e o compadre me pediu pra ele passar uns dias aqui. Só isso Lua. O nome dele é Sebastião.

LUA – Tá bem. Mas arranja um lugar lá fora pra esse Sebastião ficar (Saindo) de um jeito que ele não atrapalhe a gente.

ANTÔNIO – (Batendo na bunda dela) Tentação...

(Dizendo pra ela que já esta fora de cena, enquanto ele arruma as tralhas que trouxe da pescaria)
- Vou armar a rede dele lá pelos fundos e lá ele vai se arranjando. Tu nem precisa te preocupar. Depois eu preciso de um ajudante no barco. Ele nem vai entrar em casa. Tu sabe que eu preciso de alguém pra dividir a força comigo.

Essa maré foi braba, ainda bem que ele já estava comigo na hora e virar as velas. Por isso que cheguei disposto, economizei as forças... Hoje eu é que vou te deixar cansada. Aguenta mulher que hoje o banzeiro vai ser é grande (Sai)

CENA 3

LUA(envelhecida) – E assim o rapaz que Antonio trouxe foi ficando. Aprendeu o ofício de pescador, enquanto ajudava Antonio com a lida no barco. Conquistou todo mundo aqui do povoado de Genipaúba. Quando era noite de tambor na praia, ele era o centro dos olhares das mulheres. Mas quando eu entrava na roda, o olhar dele era só pra mim. Eu não tinha percebido e Antonio... Acho que também nunca notou.

(Forma-se uma roda de tambor e crioula. A cozeira Justina sai, sorradeira depois volta chorando e se recompondo. Lua observa)

LUA – O que foi Justina o que aconteceu? Não chora.

JUSTINA (Ódio) – Sebastião me esnobou pela segunda vez. O que ele tá pensando que é? Ele é um 'Zé Ninguém', não tem nada, vive na tua casa de favor. Ele me paga!

LUA – Calma, Justina. Quem sabe Sebastião se arrepende e volta atrás... Todos sabem que tu és boa moça e o melhor partido de Genipaúba.

JUSTINA – Mas ele não se interessa por ninguém daqui. Tem alguma coisa estranha com ele.

LUA – Sebastião é moço bom, trabalhador, disse que não vai embora. Acho que logo, logo, ele vai se interessar pelas moças daqui. Aí chega a hora de você seduzir e conquistar esse moço.

JUSTINA– Mas, se ele já escolheu e eu que não estou sabendo? Talvez seja uma pessoa que ele tenha que guardar segredo. Um amor proibido... Talvez uma mulher casada?!!!!

LUA – Acho que não. Genipaúba é pequena. Se ele estivesse namorando todo mundo já estaria sabendo.

JUSTINA (observando Lua) – É você mesmo. Mas como eu não percebi isso antes? Agora estou entendendo o olhar dele pra ti, quando tu estás dançando na roda do Tambor.

LUA – É impressão tua, mulher. Nem diz um aleive desses. Sebastião nunca me faltou com respeito, ele trabalha pra Antonio. Olha só a desgraça que tu tá arranjando.

JUSTINA – É santinha! Tu não me enganas.

LUA – Justina me respeita!

JUSTINA – Quando Antônio souber... Eu vou sorri na tua cara... Chifreira!

LUA– Aprende a respeitar cara de mulher! (Lua dá um tapa na cara de Justina. Os integrantes do tambor de crioula impedem um revide de Justina, apartando a briga. Antonio sai levando Lua.)

JUSTINA – Isso não vai acabar aqui. Tu vai me pagar. Gente assim não é feliz, fazendo os outros sofrerem. Eu amo esse homem! Ele vai ser meu ou não será de mais ninguém... Tu não vai sair rindo de mim. Nem Lua, nem ele. Vamos ver, Lua, quem vai ganhar essa parada, porque quando eu começo só paro quando acabo.

CENA 4

(Antonio esperando Lua se aprontar para irem a festa de forró)

ANTONIO – (Ajeitando-se) Cuida Lua! Não demora. Assim quando a gente chegar lá a festa já acabou. Pra se arrumar demora demais, lambuza a cara toda, troca de roupa várias vezes... Até a hora que eu perco a paciência e ela ainda quer ter razão. Tá pronta?

LUA – Tô indo...

ANTONIO – Anda logo que tô ficando aperreado. Tá pronta?

LUA – Quase.

ANTONIO – Quando a gente chega lá, tá na hora de voltar... Por isso que às vezes eu não quero te levar pro forró... Aí tu acha ruim!

LUA – Desculpa, tu não quer me levar por isso fica me agoniando.

ANTONIO – Se tu quer que eu te leve, não demora. Ou então tu fica e da próxima vez eu te levo.

LUA – Onde tu botaste o desodorante?

ANTONIO – Bota Minâncora que resolve. Ah! Quando agente chegar o forró já acabou.

LUA – (colocando uma flor no cabelo) Pronto!

ANTONIO – Tu és a mulher mais linda dessa praia toda.

(O ambiente se transforma num salão de forró. Justina dança com um boneco, Antonio com Lua, depois deixa Lua de lado e vai dançar com uma boneca de dançar. No auge da festa entra um suporte para sombra humana)

ANTONIO (terminando de dançar com Lua) Já chega. Vai te sentar um pouquinho que tô de goela seca. Tenho que tomar uma tiquira.

LUA – Mas já! Eu ainda nem dancei direito e tu já vai beber de novo. É pra isso que tu vens pra festa? Pois fique sabendo que eu não vou ficar só olhando, eu quero é dançar.

ANTONIO – Sossega teu facho. Ou então vai pra casa e não me enche o saco. Vai pra casa (lua não vai) Tu ainda tá aí?! Vai pra casa mulher. Cuida logo mulher.

(Ao sair Lua percebe que Antonio vai dançar com a boneca, fica brava. Aparece na sombra dançando com Sebastião, que também é boneco de dançar. A cena deve ser engraçada)

SEBASTIÃO BONECO (Fala no ouvido dela)

LUA – Só mais essa música. Já vou pra casa.

SEBASTIÃO (*Novamente fala no ouvido dela*)

LUA – Mais respeito seu cabra! Tá calor...

SEBASTIÃO (*Fala novamente no ouvido dela*)

LUA (*Dengosa*) – Me respeita... Antonio não vai gostar disso, dance direito.

SEBASTIÃO (*Fala no ouvido dela e passa a mão na bunda dela*)

LUA (*Querendo*) – Aí, ai meu Deus! Não é por mim... É por Antonio. Ele é teu patrão. Oh! Sujeito ingrato... (*sombra sai com o pano tremendo*)

CENA 5

(Clima de amanhecer. Antonio aflito, esperando Lua. Entra e sai três vezes do palco. Lua surge cautelosamente com sandálias nas mãos e desgrenhada)

LUA (*Sem contato físico, a cena deve ser engraçada*) – Ordinária! Tu não vai brincar com a minha cara. Eu não nasci pra ser capacho de mulher. Eu não sirvo pra ser corno (*Joga uma trouxa nela*) leva o que é teu.

LUA – Deixa eu explicar, Antonio... Pelo amor de Deus!

ANTONIO – Quem morde Deus quebra os dentes. (*joga as tralhas nela*) Isso não tem explicação!

LUA – Antonio, é só maldade da tua cabeça. Não aconteceu nada.

ANTONIO – Essa desculpa eu não aceito. Arranja outra. (*Ele joga tralhas, ela segura*)

LUA – Foi da tiquira!

ANTONIO (*Antonio joga a última trouxa e sai*)

LUA – Perdão Antonio. Foi sem pensar. Foi só uma vez... Ninguém viu!... Ah! Então é assim? Eu também estou te deixando. Não volto mais aqui.

JUSTINA (*para a platéia*) – Esse povoado é pequeno, quando acontece alguma coisa todo mundo

fica sabendo. Bem feito! Tomara que ela vá pras brenhas e não volte nunca mais. Se Sebastião quiser voltar pra São Luís, eu vou com ele. Vou fazer ele se apaixonar por mim. Sou livre, posso ir com ele pra onde eu quiser.

CENA 6

(Cena com máscaras)

MÁSCARA/ PESCADOR – Sebastião é muito traidor. Aprendeu a ser pescador com Antonio, agora ele sabe levar o barco, conhece o canal. Congela, salga ou vende a carga. Antonio botou Sebastião dentro de casa e não viu o bote da cobra.

MÁSCARA/ MULHER – Ela que não se deu o respeito. Sebastião é um homem bonito, mas é respeitador. (Insinuante) Ele Nunca me faltou com respeito. Parece um bom rapaz.

MÁSCARA/ VELHA - A culpa é de Antonio. Ele que botou capim seco perto de faísca (riso).

MÁSCARA/ PESCADOR– Tá um falatório lá na praia, diz que Antonio queria abrir a barriga de Sebastião com a peixeira, que nem se limpa peixe.

MÁSCARA/ VELHA – Lua se juntou com Sebastião, mas eles não têm nem onde morarem. Parece que vão fazer uma tapera na beira da praia e viver só de amor... Êta vida boa! Ô La em casa (riso).

MÁSCARA/MULHER – Com que cara eles vão enfrentar todos nós? Afinal somos amigos de Antonio, acho melhor eles ficarem por lá mesmo. Aqui eu não tolero safadeza

MÁSCARA/ VELHA– Com o tempo tudo vai se acertar. Vamos cuidar da nossa vida. Hoje vou rezar pra São Pedro, quero todos vocês na capela, vamos pedir proteção pro Santo, pra acalmar o mar e os ânimos daqui de Genipaúba. Vamos deixar a vida de Lua e Sebastião que nosso problema é outro... Temos que vender nosso peixe e sair de debaixo do pé desse aí, que só quer nos explorar.

MÁSCARA/ PESCADOR - Pra negociar com o patrão Sebastião é bom.

(Saem com murmúrios)

CENA 7

(A cena se passa num terreiro de mina, sons de tambores)

PAI DE SANTO – O que é, filha? Porque tu choras? O santo não te quer ver chorando.

JUSTINA – Eu quero castigo! Sebastião era pra ficar comigo. Eles são irmãos de santo. O santo não tá vendo isso? Ele devia ficar comigo.

PAI DE SANTO – Tua raiva só piora as coisas pra ti mesma. Ficas cega de ódio e envenena tua alma. O santo quer que você limpe seu coração. A justiça vem do alto, nos é que não entendemos. Vai pra casa esfria a cabeça, toma banho de ervas, toma chá. Justina o que é seu, vai chegar nos seus pés. Não te mete nessa tempestade de trovões e raios no meio do mar.(Sai)

JUSTINA (se enfeitando num ritual de sedução. Sons de tambores) Hoje à noite vou esperar ele na beira da praia. Vai me ver como mulher, vai me sentir...o meu desejo e se ele não for meu... Pois que a maré fique com ele (Sai).

CENA 8

(Empanada para ator contracenar com boneco)

PATRÃO – Esse caboquinho de merda vai aprender a respeitar. Vai saber quem é que manda. Tá ocupando minhas terras, fazendo casa na minha praia, vendendo meu peixe pra quem ele quer e ainda quer me peitar?! Futucaaa...Vem cá, cabra.

FUTUCA (Boneco de Luva com porrete na Mão) – Pronto, chamou meu padinho?

PATRÃO – Aquele caboquinho que fez casa na praia, o tal de Sebastião, tá me dando preocupação.

FUTUCA – Se o padinho quiser, eu dô uma lição nele. Ensino o B A BA do padinho pra ele já, já... B com A = Bate nele(Bate porrete). P com O = porrete nele (Bate porrete). C com O =cocorote nele (Bate porrete)

PATRÃO – Não,Futuca! Não faça zuada, senão esse monte de pescadores vai fazer confusão. Eu não quero ser enérgico, depois vão dizer que sou malvado. Tu tens que trabalhar no silêncio.

FUTUCA – Padinho, é maré de lua, ele vai entregar o pescado todo lá em São Luís.

PATRÃO – Então, vamos aproveitar a maré pra dá uma lição nesse caboquinho e ainda servir de exemplo pra todos os pescadores ingratos dessa praia.

FUTUCA – Padinho, é justo!

PATRÃO – A maré vai estar muito alta, ‘cubriendo’ a pedra de Itacolomy... Aí quando acontecer, a culpa vai ser da pedra (*risos*)

FUTUCA – Êta sabedoria!

PATRÃO – Cuide de avariar o casco e sabotar o motor. Assim o barco não aguenta a força do banzeiro.

FUTUCA – É capaz dele se arrebentar na pedra.

PATRÃO – Debaixo da pedra tem reino de encantados, esse povo não vai se atrever a duvidar do destino dos encantados.

FUTUCA – Só falta o senhor mandar.

PATRÃO – Presta bem atenção. Não vai fazer besteira, porque depois só vai dá pra ti!

FUTUCA – E por acaso padinho, eu faço besteira? Eu só faço as besteiras que o Senhor manda.

PATRÃO – O que é Futuca? Tá dizendo que eu faço besteira, tá querendo ganhar uma surra? Se der alguma ‘cagada’ a culpa é tua e tu que paga. É tua obrigação retribuir a caridade que te fiz. Deixei tu te criar nas minhas terras e te alimentei. Eu sou um pai pra ti (surra no boneco) deixa de ingratidão e faz tua obrigação (Surra no boneco / sai)

FUTUCA – Ô padinho ruim do cão!

PATRÃO (voltando) – O que tu disse ai Futuca?

FUTUCA – Ô padinho bão! (sai)

(Um barco atravessa o palco navegando numa tempestade e naufraga ao som de tambores, trovões e efeito de raios).

CENA 9

(Mudança de clima aparece Lua jovem tecendo uma rede de pescar)

LUA (observa o mar pra ver se Sebastião está chegando, continua tecendo a rede de pescar)
Quero terminar essa rede pra Sebastião.

ANTONIO (entra batendo palmas e chamando por Lua) – Ô de casa! Lua...

LUA – O que foi Antonio. Aconteceu alguma coisa?

ANTONIO – Eu vim te dizer que encontraram uns destroços de um barco que naufragou ... Tão dizendo que o barco bateu na pedra de Itacolomy.

LUA – Valei-me nossa Senhora da Conceição! Foi barco de fora? Os pescadores daqui conhecem muito bem a direção da pedra de Itacolomy. Vou ascender uma vela pra São Pedro pra proteger os náufragos.

ANTONIO – (sem conseguir falar) Lua, presta atenção. Não importa o que aconteceu no passado entre nós, nesse momento a gente tem que se ajudar, por isso que vim aqui te dar essa noticia. Como amigo.

LUA – Claro Antonio, nessas horas todos tem que se unir... Conta comigo, vou ajudar a procurar os corpos na praia.

ANTONIO– Lua tem mais coisa que você precisa saber...

LUA – O que é homem fala logo?!

ANTONIO – É sobre o Sebastião.

LUA – Sebastião foi vender o peixe dele lá pras bandas de São Luís. Quando ele voltar tu fala com ele.

ANTONIO – Ele não vai voltar. É o que estou tentando te dizer.

LUA – O quê?

ANTONIO – Os destroços que encontraram são do barco de Sebastião.

LUA – Mentira. Ele sabe a localização dessa pedra.

ANTONIO - Mas a maré estava alta encobrindo a pedra, a noite estava escura com tempestade.

LUA – Vamos procurar nas praias. São Pedro protege teu filho. (Antonio sai)

(Justina e Lua cruzam o palco repetidas vezes procurando por Sebastião)

LUA – Sebastião, meu amor... Banzeiro grande trás esse guerreiro pra terra.

JUSTINA – Sebastião... Sebastião...

LUA – Eu sei que você vai voltar.

(passagem de tempo. Lua envelhece 30 anos)

LUA – Hoje é maré de lua. Eu estou aqui meu amado. Me toma em teus braços e me leva daqui.

(Lua sai misteriosamente, em outra extremidade Rita entra trazendo uma comida)

RITA – Dona Lua! Dona Lua?! Trouxe sua comida, cadê a senhora?! Eu só vim aqui porque me mandam (encontra o xale de Lua) Meu Deus ela sumiu! ...

(Lua Jovem passa cruzando o palco, ao som da música que sugere seu encantamento no mar)

MÚSICA:

Lua baiando por cima das ondas,

Flor encantada da beira do mar!

Choro de sal, encanto de lua,

Maré! Amor é maré de Lua!

- FIM -

KABUPE O CAVALO VOADOR 2011

Silvana Cartagés

Personagens:

Vovó Magá e Magá criança: mesma atriz

Bengala: forma animada

Kabupe: boneco cavalinho de pau

Dr. Caramujo: boneco de luva

Tam Tam: Sapatilhas - formas animadas

Guardiã do mundo encantado: boneca

Adereços:

Telefone

Lupa

Ampulheta

Cenário:

Malas de bonecos

Caixas de costuras

Tripé ou suporte para apoiar o cavalo de pau

Banco

O cenário é um recanto de uma vovó, um lugar para costurar ler e contar histórias. No palco estão: um banco, um cestinho de costura, alguns livros, uma maletinha, uma mala grande, um tripé, um cabideiro com roupas, acessórios, um telefone, uma ampulheta, um mapa. Uma vovó entra pela platéia, senta no banquinho costura enquanto conversa com a platéia.

CENA 01

VOVÓ MAGÁ – Olá meus amigos. Que bom receber vocês aqui, logo hoje que estou com uma saudade da minha infância.

Eu era uma criança muito alegre, adorava brincar com meus colegas, nos subíamos em árvores pra comer frutas fresquinhas.

Hoje eu me lembrei de kabupe, ele foi um grande amigo de infância. Vou contar essa historia pra vocês, Kabupe era um cavalinho de pau, feito de um pedaço de bengala velha que eu encontrei abandonada no fundo do quintal.

(Manipulação da bengala)

VOVÓ MAGÁ - A bengala estava tremendo de medo de ser devorada pelos cupins. Tudo que ela queria era voltar a dormir protegida dentro de um lar. Então eu a peguei, limpei , protegi e ficamos amigas.

Ela me contou dos passeios que fazia, ia à praia, ao mercado, ao teatro ao cinema, ia até em festas de aniversário.

Contou-me que já foi fruto, já foi semente, já foi árvore, ela foi um pé de goiaba muito alta e também muito visitada pelos seus amigos passarinhos, eles pousavam em seus galhos para depois voarem para a imensidão do céu.

Brincávamos de fazer teatro e vivíamos vários personagens, nessa brincadeira ela foi uma espada, um lápis pra desenhar na areia, um cetro de rainha, uma vara pra carregar trouxa de viagem...

Até que um dia eu a transformei num cavalinho de pau.

(Transforma bengala em cavalinho de pau)

VOVÓ MAGÁ - (Monta no cavalinho) Montei nele e viajamos pelo mundo, vivendo grandes aventuras visitando lugares, países, conhecendo gente miúda gente graúda, diversas criaturas. (Manipulação do cavalinho)

MAGÁ- Uma vez, no meio da brincadeira eu percebi que o meu cavalinho de pau estava subindo, subindo até que saiu voando, levado pela brisa que soprava para o infinito e pelo aroma da felicidade. **MAGÁ CRIANÇA** (fazendo o batizado) eu declaro que de agora em diante você será para sempre um cavalinho de pau encantado e se chamará Kabupe, O Cavalo Voador.

MAGA CRIANÇA (voando) Voa kabupe, voe bem alto, para cima, por cima das montanhas...

Vamos Kabupe, voe para cima... O que esta acontecendo? Voe para cima, para cima...

(o cavalo vai perdendo altura ate cair).

Desça com cuidado. Uuaaaiiii !!!

CENA 2

(Caem em mundo desconhecido. Efeito de queda. Caem rolando no chão, ficam desacordados por um tempo. Magá desperta querendo identificar seus machucados do seu corpo).

MAGÁ CRIANÇA – (Confusa) ai, ai, onde sou? Quem estou? Ai, ai que dor meu Deus, ai estou toda quebrada, não tem nada no lugar, ai onde foi parar meu coração, meu fígado, minha moela, ai minha espinhela.

Ah! Agora já me lembro, estava voando com meu amigo kabupe.

Cadê Kabupe? Kabupe, meu amor cadê você?

(sem vê-lo, encontra um pedaço de seus enfeites no chão e desespera-se)

Kabupe, meu amor. Ai! Kabupe só sobrou esse pedacinho, coitadinho se espatifou todinho!

(começa a chorar, até percebê-lo deitado no chão do outro lado da cena)

MAGÁ CRIANÇA - Kabupe meu amigo, você esta bem? O que foi que aconteceu? ... Foi aquele avião que passou por nós naquela nuvem de algodão doce que atrapalhou você?

KABUPE – Dá sinal negativo

MAGÁ CRIANÇA - Não? - O que foi então?

KABUPE –(Responde)

MAGÁ CRIANÇA - Ah! Você perdeu as forças. Mas por quê? O tempo estava bom. Sem tempestade nem ventania.

Você estava bem alimentado? Com a barriguinha cheia? (examinando)

Esse não é o problema você come capim verdinho e água fresquinha que escorre da fonte.

Fique por aqui até recuperar suas forças (retira as tralhas para aliviar o peso). Vou te cobrir para você não sentir frio.

Agora vamos procurar ajuda talvez alguém possa explicar tudo que está acontecendo.

Veja Kabupe, aqui tem muita gente.

KABUPE falando com ela

MAGÁ CRIANÇA(Ouvindo-o) sim, terei cuidado.

(para a platéia) permitam que eu me apresente, sou Magá e este, é meu amigo Kabupe.

KABUPE –(fala com Magá)

MAGÁ CRIANÇA – sim, eu vou dizer. Ele diz que é um prazer conhecer-los

MAGÁ CRIANÇA (Ouvindo-o) Ta bom Kabupe, você fica aqui se recuperando enquanto isso, vou buscar socorro.

(Conversando com a platéia, com um enorme mapa e lupa)

Que lugar é esse?

(resposta da Platéia)

Quem são vocês?

(resposta da platéia)

De onde vieram?

(resposta da platéia) Estão tentando me confundir?

Em que ano nós estamos?

(resposta da platéia)

Pronto já sei. Estamos no tempo real.

(verificando o mapa) pelas coordenadas que vocês me deram, estamos nesse endereço, (dá endereço local).

Preciso de um médico pra salvar kabupe?

Alguém aqui é médico de seres especiais?

kabupe é meu melhor amigo.

(Kabupe chama) – o que foi? O que está sentindo? Ah! é fraqueza?

Calma Kabupe. Precisamos chamar um médico.

(lembra do Dr. Caramujo; pega um celular platéia, não consegue sinal e usa seu próprio telefone q é mais apropriado).

MAGÁ CRIANÇA - Alô! É do consultório do Dr Caramujo ? ...é a secretária dele D. Lambisgóia?

LAMBISGÓIA -

MAGÁ CRIANÇA - Estamos precisando de um médico para criaturas especiais e seres encantados.

LAMBISGÓIA - ...

MAGÁ CRIANÇA - é urgentesim...O caso é sério o

paciente está só o olho e a língua.

LAMBISGÓIA -.....

MAGÁ CRIANÇA - O quê? Operar as amídalas? Não! Ah, não! Sim, agora entendi... O Dr caramujo está operando dona formiga tanajura, sim. Está bem nos vamos ficar esperando. (Para Kabupe), fique calmo, ele vai só examinar a parafuzeta da calingueteta da dona formiga tanajura e jura que depois vem pra cá, ele tá já chegando.

CENA 03

(Cornetas anunciam Dr. Caramujo, musica e coreografia para entrada do boneco)

MAGÁ CRIANÇA - Deve ser o Dr. Caramujo!
(prepara-se para ela mesma manipular o boneco, saindo por trás do cabideiro.)

MAGÁ CRIANÇA - Seja bem vindo Dr. Caramujo... Este é o paciente, Kabupe, um cavalinho de pau que sabe voar.

DR. CARAMUJO - (Examinando kabupe) Como eu desconfiava! A doença é falta de imaginação. Kabupe esta sendo contaminado com a falta de imaginação.

MAGÁ CRIANÇA – Isso é grave Dr. Caramujo?

DR. – Gravíssimo. kabupe precisa da imaginação para voar.

MAGÁ CRIANÇA – e falta de imaginação tem cura?

DR. – Tem, mas é muito difícil.

MAGÁ CRIANÇA – Qual é o remédio?

DR. – Essa é a parte mais difícil.

MAGÁ CRIANÇA – Por quê?

DR. - A ciência ainda não descobriu.

MAGÁ CRIANÇA – Então o que eu faço?

DR. – KABUPE terá que mergulhar na Fonte da Imaginação, cuide logo. (deixa uma ampulheta) não perca tempo.

MAGÁ CRIANÇA – Onde fica essa fonte?

DR. - Quem sabe indicar o caminho é a guardiã do mundo encantado.

MAGÁ CRIANÇA- onde posso encontrá-la?

DR.- ela mora na linha que costura ficção e realidade, tenha cuidado para não se perder nem se enrolar nessa linha.

No final dessa linha você encontrará a guardiã do mundo encantado. Ela lhe dirá onde fica a Fonte da Imaginação.

(telefone toca) Agora preciso ir, vou ver como esta passando dona tanajura.

MAGÁ CRIANÇA - Espere um pouco, ah, Doutor caramujo. Até logo!

CENA 04

MAGÁ CRIANÇA – (procurando) Onde encontro essa linha do tempo?

(Retira uma fita do cesto de costura, faz com ela manipulação de formas animadas, dança a fita no ar depois coloca chão.

MAGÁ CRIANÇA - Vou atravessar essa linha (Nesse momento a fita passa a ser a linha do tempo. Faz numero de equilíbriço em cima da linha)

Ai, ui, como é auto daqui, fiquei até tonta .vou calçar minhas sapatilhas mágicas que ganhei de presente da minha fada madrinha. (apresentando as bonecas sapatilhas)

MAGÁ CRIANÇA - Essas são as irmãs TAM, TAM, primas das botas sete léguas (calçando-as/ dialoga com elas) eu preciso me equilibrar nessa linha do tempo. Vocês prometem me ajudar?

TAMTAM- (manipuladas) faz gesto que sim, depois dão à louca e saem correndo, fazem coreografia, até por fim obedecerem os comandos de Magá.

VOZ EM OFF- (musica efeito suspense) Atenção concentração. Magá irá atravessar a 200 metros de altura ... Cuidado! Olha o avião! Cuidado com a ventania!

MAGÁ CRIANÇA - Mas, como está alto aqui!

Pronto, Chegamos!

CENA 05

MAGÁ CRIANÇA – (Chegando) Deve ser aqui. (batendo palmas)

Ô de casa, sou eu, Magá. Eu sou amiga do Dr Caramujo eu quero falar com a guardiã do mundo encantado.

(A guardiã é uma boneca)

GUARDIÃ DO MUNDO ENCANTADO - (aparece cantarolando)

Olá Magá! Seja bem vinda. Posso lhe ajudar em alguma coisa?

MAGÁ CRIANÇA - Sim. Eu quero saber onde fica a fonte da imaginação?

GUARDIÃ DO MUNDO ENCANTADO- Preste bem atenção, que vou lhe dizer onde fica a fonte da imaginação.

(Cantarolado)

A fonte da imaginação
Está nas histórias dos livros da vovó
Na canção de ninar da mamãe
Na voz doce do papai

A fonte da imaginação está
Lá onde agente se encontra feliz,
A fonte da imaginação é o lugar onde
O pensamento vai brincar

É só chamar a lembrança
Que todo mundo vira criança
Feche os olhos, se entregue ao vento que você chega lá.
Se puder mergulhe agora sem hesitação
Na fonte da imaginação
É só lembrar...

(Sai boneca guardiã)

MAGÁ CRIANÇA - Agora já sei onde fica a fonte da imaginação! Entendi que esta nas nossas brincadeiras, na leitura, na convivência amorosa com nossos amigos e nas brincadeiras de infância.

MAGÁ CRIANÇA – (vai até Kabupe) amigo pra mergulhar na fonte da imaginação só precisamos lembrar das nossas brincadeiras de infância, assim imaginação cresce e você volta a voar novamente.

(convidando a platéia)

MAGÁ CRIANÇA – Vamos todos mergulhar na fonte da imaginação e ajudar Kabupe a voar novamente?

É só lembrar...

Vamos lembrar?

(Cantarolando)

Vamos lembrar.
Uma historia que a vovó contou?
é pra lembrar (para platéia lembrar)
Um livro que você já leu?
E nunca esqueceu (platéia lembrar)
Uma noite que se perdeu no céu?
Entre as estrelas? (platéia lembrando)
Uma brincadeira legal com seus colegas?
Já lembrou? (platéia lembrar)

(À proporção que a platéia vai lembrando das brincadeiras de infância. Kabupe vai se levantando).

MAGÁ – Repitam comigo. (já montada) Voa Kabupe, Voa Kabupe, Voa Kabupe...

TODOS- Voa Kabupe, Voa Kabupe, Voa Kabupe...

MAGÁ - Voa kabupe para o alto, acima das montanhas, para além do horizonte. Lá onde todos são felizes para sempre.

(saem voando e Magá transforma-se em Vovó Magá novamente)

VOVÓ MAGÁ - Kabupe ficou curado e saiu voando com Magá, ele ficou morando no mundo da imaginação. E eu voltei pra casa, e aqui estou.

kabupe ainda hoje me visita, ele continua voando como um passarinho pelo céu.

E só aparece para pessoas iniciadas na arte de voar com o pensamento, aquelas que sabem sonhar acordada.

Vocês sabem?

(sai com musica)

- FIM -



TÁCITO BORRÂLHO

JOÃO PANEIRO
1975

Tácito Borralho e Josias Sobrinho

CANTO 1

I – ATORES

“Boa noite aqui chegamos
Para lhes apresentar
Com esse jeito de lorota
Para das coisas falar”

II – BONECOS

(Bis)

ATOR DA DIREITA

- O meu nome ninguém sabe.

ATOR DA ESQUERDA

- O meu ninguém saberá

ATORES

E do meu? quem é que sabe?

Bonecos da esquerda e da Direita

“Ninguém, pois não vou contar”

Todos

“velhos, grandes e pequenos,
Desta plateia geral
Muita atenção nós pedimos
Pro nosso caso real
Contato sem mais nem menos
Coisa muito natural
Nesses tempos que nós temos,
Sem contar estória fraca

Não esquecemos a faca
Que corta o que nós não lemos

VI - Todos repetem. Os dois atores (e bonecos) das pontas, repetem o canto **V**, enquanto os atores do centro falam a letra do mesmo.

VII – Os atores do centro recuam e os das pontas avançam e continuam o canto alternando a coreografia, montando o palco para bonecos, trazendo-os dependurados na armação.

- “Um caboclo muito forte,
Muito moço,
Muita sorte,
Curioso, até zeloso,
Que faz cofo, não faz pote
- Nascido aqui pressas bandas não tem medo do invisível.
- Mas crê no tempo e nos vivos
- Duvida até da sua sombra
- Sabe ler rastro em caminho
- Distingue sinal no vento
- Nunca é contente com pouco
- Não dorme em “rede do avesso”
- Mora em uma casa de esteira
- Mexe farinha de boa
- Bota roça, pesca e caça
- Brinca boi, dança tambor,
- Reza pouco e muito faz”

VIII – O palco já armado, os atores apresentam *João Paneiro*:

- “Todo mundo já conhece o homem de quem falamos.
- Deixemos de muita prosa
- Que ele mesmo já apronta
- Por detrás de miaçaba
- Que bem ali maginamos
- Ser a porta desta casa que nós agora montamos.

IX – Todos

“Todo mundo já conhece o homem de que falamos” (*BIS*)

X – JOÃO (entrando)

- Sou João de Simpliscio
Torrei farinha inda pouco
Como o caso é empaneirar
Começo a fazer meu cofo.”

CENA 1 – João está fazendo cofo. Vão passando, pelo Palco, dois bonecos e alguns personagens do povoado. Cumprimentam João e desaparecem. João demonstra sentir dores nas costas.

FRANCISQUINHO – Seu João, Dona Mundica tá chegando! (Sai)

JOÃO – tá certo.

DONA MUNDICA – De casa

JOÃO – Teje dentro.

DONA MUNDICA – Como tá passando?

JOÃO – Aperreado.

DONA MUNDICA - O que foi?

JOÃO – Coido que é carne-aberta.

DONA MUNDICA – Não será nervo torto?

JOÃO – Coido que não.

LOURIVAL – (chegando-se) “coido que não”!

JOÃO – Passa, louro!

LOURIVAL – “Passa, louro”! Currupaco!

JOÃO – Veja aí, Dona Mundica.

DONA MUNDICA – (espia) – Chega mais perto.

JOÃO – Não dá.

DONA MUNDICA – caminha, siô!

JOÃO – Pera aí, siora!

DONA MUNDICA – Tira a camisa.

LOURIVAL – “Tira a camisa. Tira a camisa” Tira... óia!...

JOÃO – Sai daí louro!

DONA MUNDICA – Vigie só o colombo! É carne-aberta! Só cuzendo! Chegue pra cá.

JOÃO – Ei! É mais em cima!

DONA MUNDICA –Tú te avexa, corno! Bom!... Que é que eu Côso?

JOÃO – Carne-aberta.

LOURIVAL – “Carne-aberta”

DONA MUNDICA – Xô! Praga!... (rezando): Carne-aberta, nervo-torto, osso-rendido.

LOURIVAL – “osso-rendido” – “Currapaco”!

JOÃO – Não atrapalha, Lourival!

DONA MUNDICA – Que que eu côso?

LOURIVAL – “que é que eu côso?”

DONA MUNDICA – Sai de cima Traste!

LOURIVAL – (sai aos gritos)

DONA MUNDICA – (Balbucia mais alguma coisa)

- Arre! Que eu não acabo!

- Bom. Bota sentido em não dormir com o pé pro lado do vento.

- Amanhã eu volto.

JOÃO – (espreguiçando-se) – Carece mais não! Já tou podendo mexer bem melhor. Espie!

DONA MUNDICA – Mas é teimoso!

LOURIVAL – (entrando de costas) – “Tô dentro! Tô dentro! Currupaco”!

MANUEL – Arre diabo de bicho chato! Vou te trocar o pescoço!

JOÃO – Não faça isso!

MANUEL – mas gente! Dona Mundica por aqui? quem tá com “mauhlado”?

JOÃO – Não foi “mauhlado”, não. Foi Carne-aberta.

MANUEL – Que carne-aberta. Foi bem mau jeito!

DONA MUNDICA – Lá vem contrário!

MANUEL – Mas quem vai botar fé nisso? Se fosse causo sério, só médico dava jeito.

DONA MUNDICA – diabo de médico! Óia aqui. Tô com essa idade e nunca cristão algum botou defeito nas minha reza, viu?

JOÃO – Ora Dona Mundica, não se embarça. Manuel tá com conversa. O doente não era eu? Pois já tô bom.

DONA MUNDICA – Que nada. Não é conversa;
- É o tempo que tem virado a cabeça de muita gente.
- Ninguém quer mais botar fé nos antigos, não.

MANUEL – Coisa de antigo! Antigo é antigo. A gente é agora.

DONA MUNDICA – Vocês são uns descrentes. Por causa disso é que as coisas tão tudo mudando pra pior.

JOÃO – não sei não, Dona Mundica.

MANUEL – Que pra pior, siora! Hoje em dia já se tem poste de luz elétrica por todo lugar. Não se vai mais de canoa ou de cavalo, ou de pés, pras partes. Tem carro. Tem bicicleta. Tem avião.

DONA MUNDICA – Sim sinhô! Mas não se respeita mais as coisas de Deus. O que falado pelos

antigos, tá tudo acontecendo.

JOÃO – O quê? Dona Mundica.

DONA MUNDICA – Ora o que, siô! Tu não bota sentido nessas sem-vergonheza dessas roupas, dessas tinta na cara! Dessas músicas numas fala que ninguém entende... Filho não respeita pai. Barulho por todo lado. Siô! Isso não já é o fim do mundo? Até as chuvas tão mudando de tempo! Vez por outra o rádio tá dizendo coisa! Falta de Reza! As mulher não respeita mais os marido. É uma dança se esfregando um-nos-outros! (faz com Manuel).

MANUEL – Se aquete, Dona Dica.

DONA MUNDICA – Tá mudando. Mas tá acontecendo tudinho como tava previsto.

MANUEL – Conversa...

DONA MUNDICA – Vim-Vim tem cantado muito nos últimos tempos. Tá vindo coisa. Alma de gato tem arrematado. Não pode ser coisa boa. Tão mexendo muito com as coisas do Fundo. Botando bomba aqui acolá. Escrafuxando os mistérios.

MANUEL – O progresso! Dona Mundica. Não é coisa pra velho mais, não.

JOÃO – Mas tão mexendo muito mesmo!

DONA MUNDICA – Se tão Meu avô, o falecido Antão de Farias, sempre contava que aqui por baixo dessas terras tem coisa. Coisa de Ciência!

JOÃO – Que Coisa, Dona Mundica?

DONA MUNDICA – Bote sentido. Debaixo da Coroa grande, tem uma cabeça de serpente encantada por muitos tempos. O corpo dela, dá a volta na ilha toda, e, a pontinha do rabo, tá aí no Boqueirão. Ela tá quentinha..., mas tá escrito que no dia que ela se infezá (não gosto nem de dizer)! Vai tudo se acabá. Vai estremecer tudo e a ilha toda vai pra o fundo.

MANUEL – Isso era estória de enganar Criança.

DONA MUNDICA – Não brinque com os mistérios de Deus. Maneco. Olhe que meu avô já ouvia contar “derna” do avô dele.

MANUEL – Mais ninguém hoje liga mais pra isso!

JOÃO – Eu não sei não. Mas quando eu era pequeno, ouvia falar muito disso. Dessa serpente (Desliga-se dos dois). Ela era tão comprida, dorminhoca, bonita, vaidosa... Parecia de sonho. Toda dourada...

(Aparece a serpente nº 1)

João – (Canta):

Olhos graúdos

Asas de borboleta...

Era uma rica princesa, a minha serpente.

Não tinha nada de cobra

Saía voando, por sobre a baía.

Rodeava a Ilha,

Voltava e dormia

Eu só não me lembro o que ela comia.

DONA MUNDICA – (Cantando): Comia os sumidos dentro da baía.

MANUEL – (Cantando): Só comia vento pois não existia.

JOÃO – (Cantando): Não comia gente, não comia peixe, comia as estrelas da praia e bebia as espumas das ondas. Eu a via voando.

SERPENTE 1 – ... Voando

JOÃO – Sorria comigo,

SERPENTE 1 – Comigo,

JOÃO – Comigo brincava,

SERPENTE 1 – ... Brincava

JOÃO – E voltava a dormir. Uma vez sua Coroa Caiu... (Ao mesmo tempo a Serpente deixa a coroa cair e João para atônito. A serpente some)

MANUEL – João! Té “cumpôca mais”.

DONA MUNDICA – Coida dos teus cofo. Amanhã eu passo pra Benzê. Té amanhã João.

JOÃO – (Refeito):Hum.hum...Té mais. (Ao papagaio que se aproxima) – Lourival quer café?

LOURIVAL – Lourival quer café? Ôba... ôba... Lourival quer Café? Currupaco! (João dá café ao louro e volta a fazer Cofo. De fora, o papagaio vem anunciando)

LOURIVAL – João tem gente! João tem gente! Currupaco!

FRANCISQUINHO– Ei seu João! Óia quem tem aqui. Sou Zé-da-Luz.

JOÃO – Oi, seu Zezinho, como se vai? Vá se chegando. Vai vê um mocho, menino.

FRANCISCO – Vou já.

JOÃO - Tá vindo de casa?

ZÉ-DA-LUZ – Não. Da cidade... Siô, as coisas tão um rebuliço medonho!

JOÃO – De vera? (Chamando o menino) Chega um mocho, Francisquinho.

FRANCISCO – Já tá aqui.

ZÉ-DA-LUZ – Dê cá pra eu vê.

FRANCISCO – Taqui.

ZÉ-DA-LUZ – Donde? Trás cá!

FRANCISCO – Aqui!

ZÉ-DA-LUZ – Bom.

FRANCISCO – Tá caindo manga, seu João?

JOÃO – Vai juntar uma pra tí mas não mexe com minhas cabras.

FRANCISCO – Ô, Siô!

JOÃO – Comé, seu Zezinho? As coisas tão aperriada, né siô?

ZÉ-DA-LUZ – Um bocado! Vigie só que hoje não interei nem dez conto!

JOÃO – Tá ruim.

ZÉ-DA-LUZ – Tá fazendo cofo?

JOÃO – É. Mexendo uma farinha pra vê se dou um pulo no interior esses dois dias, e levo umas coisas pros compadres pra parentada toda. Siôtômaginando na viagem de Barco. É puxada. Leva tempo.

ZÉ-DA-LUZ – Ora, siô – Vai de expresso.

JOÃO – Cuá, siô. É mais caro.

ZÉ-DA-LUZ – Sim sinhô! Tem isso. Mas é mais depressa.

JOÃO – Só mesmo pra quem tem pressa.

ZÉ-DA-LUZ – É, hoje em dia é coisa que todo mundo tem, siô!

JOÃO – É, o mundo tem rodado ligeiro.

ZÉ-DA-LUZ – O que meus avô falava, tá tudo dando certinho.

JOÃO – É mesmo!...

ZÉ-DA-LUZ – O cão soltou os enxofre, siô.

JOÃO – Os mato tudo já tem dono. Tão sendo derrubado pra fazer estrada de ferro, de rodage... Cumpôca mais, não tem mais uma beirinha de terra pra se plantá. Intéuns coquinho pra quebrar e ir se defendendo de quando em vez, já tá rareando. Não sei onde isso vai parar.

ZÉ-DA-LUZ – O rádio é só dizer coisa! Tem confusão por todo esse mundo! Os jorná tão falando de mudança. A televisão tá agora com umas notícias coloridas, assustando Deus e o mundo. Isso é coisa do Cão!

JOÃO – Minha tia Ciprinana, quando era assinzinho, dava de fala muito que os dias iam se acabá por esses tempos. Eu não botva fé nisso.

ZÉ-DA-LUZ – É mas tá tudo caminhando pra isso. As profecias tão se ajuntando todo num

caminho só. O cão soltou os enxofre.

JOÃO – A serpente começa a se estremecer.

ZÉ-DA-LUZ – A corte encantada de Queluz começa a se encarnar. Breve essa ilha vai pro fundo...

Lençol vai se abrir de palácio. João, é ele que tá chegando pra livrar o povo dele.

JOÃO – Mexeram com a serpente...

ZÉ-DA-LUZ – O grande dragão tá fervendo e começa a desvencilhar as asas preta.

JOÃO – É. Vai ser o vim disso aqui.

ZÉ-DA-LUZ – É o começo da dominação no novo reino.

JOÃO – Tô começando a ver as coisas são. O santo guerreiro levanta a espada. O senhor acreditou seu Zezinho?

ZÉ-DA-LUZ – Ah, meu filho. Os tempos me ensinaram a ver as coisas longe. A corte estrangeiravai dominar tudo isso. As promessas estão se cumprindo.

JOÃO – Eu custei a entender tudo o que me contavam. Os sinais dos tempos eram estranhos pra mim. Mas como o senhor tem certeza? O senhor nem lê jornais!

ZÉ-DA-LUZ – Eu leio mais adiante. Eu leio na boca dos homens, no assobio dos ventos. Quem tem os óio fechado pro mundo, tem os ouvido aberto pro tempo, o nariz arregalado pro vento. Eu divulgo muita coisa, João.

É sério!... Eu acredito

Óia aqui. Vou contar pra ti as estória que aprendi nesta vida. Elas tão acontecendo tudo direitinho.
(pega a viola e canta)

Presta atenção:

(Canto)

“já dizia a santa Bíblia

Nos livros da sagração

Que o mudaréu de pecado

Se acabava em perdição

Que os tempos da Besta-fera

Só clamor consumirão
Nos tempos do Deus-menino
Muita criança morreu
Muito velho padeceu
Em grande perseguição
O domínio dos romanos
Sobre a terra de Davi
Só trouxe a devastação.
As escrituras sagradas
Prediziam essa estória
De cobra engolindo cobra
E das trombetas douradas
Eu aqui penso comigo
Que os anjos da predição
Não tocaram as ditas cujas
Para as pragas anunciadas

Já começa a se notar.
Desde os tempos de antanho
Que trombeta não reboa
Viola é que mais ecoa
Nesse perdido rebanho
Fui menino, já sou home
Fui moço, já tô velhinho
Tive luz nesses dois olhos
Mas hoje vejo o caminho
As profecias se cumprem
Em todo canto do mundo
Como não tem mais profeta
Eu falo as vozes dos anjos
Pois tá claro como o dia
Que às estórias sagradas
Se ajuntaram as profecias
Dos sábios de antigamente
Que contavam as estórias
Dos encantados do fundo
Que subiram pra terra
Em forma de uma serpente

(A serpente nº 2 aparece com um ruído especial)

*“Montado em lombo de fera
Por esses campos afora
Galopa veloz nos tempos
O senhor dessa estória
Com os dentes regendo em fúria
E os olhos queimando em brasa
O monstro do fundo sobe
Vem mostrar as brutas garras
Pra prestar conta com o povo
Que pecou contra os ditames*

*Das leis que conservava o mundo
Acaso em todo seu lume
Esturrando a cada erro
Que descobre pelos cantos
E cobra a preço de sangue
O tempo do seu encanto
Essa serpente danada
Dragão-Cavalo do homem
Vai varrer todo esse tempo
Dessa batalha travada
Entre a cruz e o santanás,
Onde os maus venceram os bons
E o sangue foi enxurrada*

*Levando a terra a baía,
Transformando em maresia*

*De dor e morte penanda
Vai ver daí o guerreiro
O nosso santo esperado
Chegar coberto de glória,
Ajustar conta com o resto,
Espalhar seu manto púrpuro
E dominar toda a estória.*

*Que o mundo vai ter seu dono
Seus reis, sua espada santa,
Quem tiver olhos, que veja,
Tiver ouvidos, que ouça
Pois já se quebrou a louça
Dessa tremenda matança.*

(A serpente nº 2 desaparece, João repete a última quadra dançando perplexo)

ZÉ-DA-LUZ – Chega aqui, Francisquinho, caça meu bastão e vamos chegando mais, té mais, João.

JOÃO – (Não liga pro cego, continua absorto e repetindo as últimas palavras do canto. Fica sozinho, refaz-se da visão e fala). Eu não posso me conformar com essa estória. Dom Sebastião vem dormir a gente. Vem salvar a gente. De quê? Se ele vem dominar? De onde é que ele vem? Dos encantados? Se ele não é daqui, é estrangeiro. Porque ele não vem de frente? Porque ele manda uma serpente destruir tudo antes? Eu não me conformo! Não pode ser certo!

MANUEL – Oi João. Chegue de novo!

LOURIVAL – (Gritando) de novo! Currupaco!

MANUEL – Essa besta-fera me beliscou outra vez. Agora eu te depeno, curisco!

JOÃO – Te aguenta, Manuel. Desça o pé, Lourival. Vamos pro puleiro (João sai e volta breve)

MANUEL – Papagaio das queimadas! Se eu te agarro sem teu dono ver! Vai virar torresmo!

JOÃO – Tá resmungando o quê Manuel?

MANUEL – Nada não! É essa besta-fera solta dentro de casa!

JOÃO – É. Ela anda solta, já por duas vezes eu vi. Vivinha essa serpente. Só que cada vez é diferente.

MANUEL – Tá falando de quê?

JOÃO – Não sabe? Da serpente. Ela já começou a esturrar. Já se estremeceu. Daqui a pouco isso não vai tá florido, não.

Zé-da-Luz teve aqui ainda gorinha. Ele diz que já tá perto do fim do mundo.

MANUEL – Zé-da-Luz tá é caduco!

JOÃO – Poder ser. Pode tá caduco. As coisas vão acontecer de outro jeito. Mas o fim é o mesmo. Dom Sebastião pode ter até outro nome, essa ilha pode não ir pra debaixo das éguas, mas pode ser coberta de outra cidade. Tô entendendo, Manuel.

MANUEL – João, tu tá com tifo? Tu tá delirando?! Eu vou chegando.

JOÃO – Ninguém tá percebendo, mas eu tô! A serpente vem chegando sim! Vem diferente. Eu adivinho suas escamas! Vocês tão vendo essa terra bonita?

- “ CADÊ MEU POVO?”

(Inicia-se uma opereta com os personagens)

CORO – “Tamo trabalhando”

JOÃO –Trabalhando em quê?

CORO – Na terra do meu amo.

JOÃO – Seu amor é quem?

CORO – Deus nosso senhor.

JOÃO – Semeando o que?

CORO – Vida e suor.

JOÃO – pra nascer o que?

CORO – Feijão, farinha, arroz, batata, leite, carne, peixe, gente, casa, roupa e remédio pra curar mulher doente.

JOÃO – Eia, meu povo, trabalha contente, a terra que se planta, é a cama da gente.

URUBUS – (voando e cantando):

Xengo, xengo, o fato é meu

Tá chegando a nossa hora

Quem quiser ficar com vida

Arrume a trouxa e vá se embora

JOÃO – O céu tá virando roxo. O que foi que aconteceu? Em vez de xexeu cantando já se ouve o “fato é meu!”

CORO – Corre João, te manda João. A terra tremeu... volta pro SERTÃO QUE LÁ TU NASCEU.

JOÃO – Não corro. Seu cura, pronde o senhor vai?

CURA – Caçar outro emprego. Aqui não dá mais.

JOÃO – Ô seu delegado, não largue a cadeia.

DELEGADO – Não fico mais lá, pois ela tá cheia!

JOÃO – Dona mariquinha, não deixe sua casa.

MARIQUINHA – Se eu não me arretiro, mia fia não casa.

JOÃO – Pra que tanta pressa, pra que tanto horror?

CORO – Te cuida João! Que o bicho esturrou!

URUBUS – Xengo, xengo, nossa hora tá chegada

Já se vê daqui de cima a derrubada

Carniça boa, pendurada no telhado

Ninguém é dono, terminou a arribada.

(saem os Urubus e João fica só)

JOÃO – (Canta)

*Não fujo, não corro
Pois não sou cachorro
Que se estala o dedo,
Rosna e mexe o rabo,
E mete entre as pernas.*

*Eu fico, eu brigo
Pois minha farinha
Qualquer serpentina
Não vai me tomar*

*Todo mundo corre
Eu fico sozinho,
Com as coisas que ocorre,
Como vou brigar?
Meu cofo mia mala
Meu cofo-paneiro
Meu cofo-miaeiro
Como vai ficar?*

*Mia casa, mia roça,
Cercado, esperança
Meus dias melhores
Meu comer pra pança
Donde vou tirar?*

(A Serpente nº 3 aparece)

*A terra tremeu...
O povo correu...
Já vejo seu rabo...
As asas... os costados...
As ventas rangindo!
Seu diabo ladrão!
Que fede a latão!
Puxe-se daqui!
...De que adianta gritar?!...
Se faca não corta
Bala não invade
Palavra não basta, como te enfrentar?
Não sei; mas não arredo o pé do batente,
Enquanto eu for gente, vou te arrepiar
- Que jeito? – sentou -se com banca de dona
Arrevirou a terra,
Armou seu trono
E vai manobrar*

(aqui a serpente some. João se cala. Segura os cofos pelas bordas, pára um pouco – escurece, sai)

- FIM -

ERA UMA VEZ UMA ILHA, OU... O GHOCAIHO DA CASCAVEL 1980

Tácito Borralho
(Espetáculo para atores, bonecos e formas animadas)

MÚSICA DE ABERTURA:

(retirada do espetáculo "O Cavaleiro do Destino")

Olhos graúdos
Asas de borboleta...
Era uma rica princesa, a minha serpente.
Não tinha nada de cobra
Saía voando, por sobre a baía.
Rodeava a Ilha,
Voltava e dormia
- Eu só não me lembro o que ela comia.
- Comia os sumidos dentro da baía.
- Só comia vento pois não existia.
Não comia gente,
Não comia peixe,
Comia as estrelas da praia
E bebia as espumas das ondas.
Eu a via voando. Voando...
Sorria comigo. Comigo,
Comigo brincava... Brincava
E voltava a dormir.
- Uma vez sua Coroa Caiu...

MÚSICA DE INTRODUÇÃO DO ESPETÁCULO

(música retirada do espetáculo "João Paneiro")

Já dizia a santa Bíblia
Nos livros da sagração
Que o mudaréu de pecado
Se acabava em perdição
Que os tempos da Besta-fera
Só clamor consumirão
Nos tempos do Deus-menino
Muita criança morreu

Muito velho padeceu
Em grande perseguição
O domínio dos romanos
Sobre a terra de Davi
Só trouxe a devastação.
As escrituras sagradas
Prediziam essa estória
De cobra engolindo cobra
E das trombetas douradas
Eu aqui penso comigo
Que os anjos da predição
Não tocaram as ditas cujas
Para as pragas anunciadas

Já começa a se notar.
Desde os tempos de antanho
Que trombeta não reboa
Viola é que mais ecoa
Nesse perdido rebanho
Fui menino, já sou home
Fui moço, já tô velhinho
Tive luz nesses dois olhos
Mas hoje vejo o caminho
As profecias se cumprem
Em todo canto do mundo
Como não tem mais profeta
Eu falo as vozes dos anjos
Pois tá claro como o dia
Que às estórias sagradas
Se ajuntaram as profecias
Dos sábios de antigamente
Que contavam as estórias
Dos encantados do fundo
Que subiram pra terra
Em forma de uma serpente
“Montado em lombo de fera
Por esses campos afora
Galopa veloz nos tempos
O senhor dessa estória
Com os dentes regendo em fúria
E os olhos queimando em brasa
O monstro do fundo sobe

Vem mostrar as brutas garras
Pra prestar conta com o povo
Que pecou contra os ditames

Das leis que conservava o mundo
Acaso em todo seu lume
Esturrando a cada erro
Que descobre pelos cantos
E cobra a preço de sangue
O tempo do seu encanto
Essa serpente danada
Dragão-Cavalo do homem
Vai varrer todo esse tempo
Dessa batalha travada
Entre a cruz e o santanás,
Onde os maus venceram os bons
E o sangue foi enxurrada

Levando a terra a baía,
Transformando em maresia

De dor e morte penanda
Vai ver daí o guerreiro
O nosso santo esperado
Chegar coberto de glória,
Ajustar conta com o resto,
Espalhar seu manto púrpuro
E dominar toda a estória.

Que o mundo vai ter seu dono
Seus reis, sua espada santa,
Quem tiver olhos, que veja,
Tiver ouvidos, que ouça
Pois já se quebrou a louça
Dessa tremenda matança.

1.º MOMENTO

(As luzes acendem inicialmente sobre o tablado onde estão os músicos, do lado direito do palco, que executam a música tema do espetáculo. As luzes caem lentamente em resistência, enquanto do lado esquerdo, também em resistência, vai subindo um foco sobre o narrador, o qual acende uma caixinha do tipo de realejo, que mais lembra um cineminha doméstico de brinquedo para crianças)

NARRADOR – (utilizando-se de uma manivela ou outro recurso tecnológico qualquer, ele vai narrando o texto enquanto exhibe, através da caixa, cenas como em cartões postais, como em uma tela transparente de cinema, que projeta imagens referentes à narração) - Era uma vez, uma ilha pequena muito bonita, que se deitava no Oceano Atlântico, encostadinha ao litoral. Era

uma ilha não muito grande, mas devido à proporção das vizinhas, era considerada pelos índios a ilha grande, Upaon-Açu. Essa Upaon, quer dizer, ilha, era de fato Açu, enorme e muito bela. Cheia de aves, florestas e bichos, cercada de mar e de mangues. Margeada de praias alvas e extensas e, cortada por rios caudalosos, toda cheia de vida e repleta de mistérios.

A caça abundante e a fartura da pesca emprestavam-lhe as fontes vitais mais importantes.

Não era preciso plantar. Bastava colher. Esse paraíso dos Timbiras, índios fortes, guerreiros audazes, tinha sua defesa natural. O Boqueirão de mar revolto e profundo que naufragava quem desavisado nele se aventurasse. Assim aconteceu com 900 homens e 10 naus que acompanhavam os primeiros donatários portugueses. Mas nem isso impediu de toda a xeretagem. Eis que daí, um tal de Monsenhor Charles de Vaux se deu muito bem com os robustos Timbiras. Morou com eles, comerciou com eles, e tão apaixonado ficou pela terra, que inspirou expedição solenemente organizada, chefiada por senhores que de fidalgo não tinham nada. Chamados de La Ravardière, de Rasily, de Sancy, que a 12 de agosto de 1612, adubam sua primeira cruz plantada no chão da Upaon-Açu.

“ Nasce pela benção e Deus e pela mão da França, aquela cidade brasileira cheia de graça que será chamada São Luis do Maranhão.”

“Está implantada a França Equinocial”

“Apraz esquecer que o nome foi dado em honra de Luís XIII, então menino, depois homem carregado de vícios e fraquezas humanas. Mas antes jurar que veio do avô, São Luís, rei da França, santo justiceiro e curador”.

Com eles vieram fradinhos franciscanos, como Claude d’Abbeville e Yves d’Evreux, que vão contar ao mundo nos seus livros, a Terra e a Gente.

CENA I

(os dois frades devem falar com um sotaque afrancesado)

CLAUDE – Yves, querido, isto aqui é um jardim de palmeiras.

YVES – Certo, Claude. E como a palma, é um emblema do triunfo...

CLAUDE – Pode-se dizer que esta ilha é um verdadeiro campo de vitórias !

YVES – Não terá Deus reservado este país para ser louvado no Ocidente e até o fim do mundo?

CLAUDE – Ah! E os frutos desta terra! Entre nossas tratadas frutas nada encontramos semelhante em beleza e sabor às deste país.

YVES – E as criaturas! Seu excelente gênio e sua viva inteligência, Hunmm?

CLAUDE – As mulheres, aliás, mais ativas do que os homens!

YVES – Oui !!! Por que estes são bastante preguiçosos e só pensam em falatórios e distrações.

CLAUDE – Mas também, Yves, chérie, a terra ajuda! Não exige labutas exaustivas.

YVES – Enquanto isso na Europa, os que se esgotam no trabalho, mal conseguem sustentar-se a aos seus filhos.

Geralmente alcançam a condição de mendigos.

CLAUDE – Pois se vivessem neste país, poderiam passar bem, sem esforço. Com bem pouco trabalho e indústria, seriam ricos em pouco tempo.

YVES – Ah! Se não vejo! Numa terra, mon frater, onde as formigas tem asas e são muito boa caça! Saborosíssima caça!

CLAUDE – Um pouco de exagero!

YVES – Bem te enganas frei Claude! Pois muito breve verás os filhos do Brasil darem cabo ao reinado de Lúcifer e começarão estabelecer o reinado de Jesus Cristo!

CLAUDE – Quem se atreve a duvidar e vós, frei Yves? Mas como chegaste a esta profecia?

YVES – É que já vi sinais do Diabo aqui no Maranhão

NARRADOR – E como devia ter visto! Mas não se limitaram os franceses à tarefa colonizadora. Levaram à Paris, índios do Maranhão. Batizaram-nos e os fizeram desfilar apapagaiados pelas ruas ao que não faltou cortejo. E o deslumbrado frei Yves não tardava a afirmar que “O forte de são Luís estava inconquistável e não temeria uma armada real, se pudesse surgir”. Pecou o nosso fradinho, pois em 1614, os lusos comandados por Jerônimo de Albuquerque, venceram os franceses em Guanxenduba, com Nossa Senhora da Vitória ao lado, e tudo. Mas ninguém cedia. Franceses na ilha e portugueses no continente... e hajam a trocar sonoras cartas:

CENA II

LA TOUCHE (escrevendo a seu canto) __ “Este teu imtal inimigo, La Ravardièrè”.

JERÔNIMO – (respondendo a seu canto) __ “Somos hombres que um puño harina, e um pedaço de culebra, quando la hai, nos sustenta!”

LA TOUCHE – Beijo-vos as mãos...

JERÔNIMO – Os besamos las manos muchas veces...

NARRADOR – Vai daí, logo, Diogo de Campos Moreno se passa ao forte e a conversa continua:

D. CAMPOS – Ainda que hoje tendes a barra, nós temos a terra que pisamos. E além disso, na guerra, melhor às vezes que na paz, se acham os remédios

LA TOUCHE – Então vamos a comer, companheiro!...

NARRADOR – Comeram com música, fizeram tréguas... Mandava-se gente a Madri e a Paris... Aos portugueses, o continente. Aos franceses a ilha. Amigos até que os reis na Europa, decidissem sim ou não. Então sem luta, La Ravardièrè se rende, e a 3 de novembro misas

voarem livremente por cima das ceroulasportugueses ganham a ilha e começam sua tarefa criadora. Muito depois, em 1644, os holandeses que aí na ilha bela “A melhor terra do mundo, o Brasilmelhor, segundo eles”, foram expulsos por um levante de lavradores, primeiros no Brasil Holandês, a fazê-lo, que culminou com a degola de flamengos e corrida desvairada de senhoras nórdicas nuinhas em pelo, mato adentro.

E, São Luís dos portugueses, livre de aventureiros, cresce e desenvolve-se entre os sermões xingativos de Vieira e a força de Bequimão. As perspectivas iniciais do século XIX são felizes para os donos da terra. O algodão em alta... Mas as brigas por uma adesão do Maranhão à independência do Brasil são violentas... Até que a 28 de julho de 1823, São Luís vê-se fiel ao Império Brasileiro.

(Da sacada de um sobradão, a mãe francesa do futuro Visconde do Uruguai, lê uma carta que acaba de escrever ao filho):

MÃE – Oh! Meu filho que em Coimbra estudas. Bem sei que no futuro serás um visconde. E do Uruguai. Prevejo este título. Mas agora, para mim não passas de um menino. O meu Paulinho. “Espero que te agradem estas bem curtas linhas que a saudade que abafa o meu peito de mãe se divide entre tua ausência e distância que eu mesma estou do meu torrão, a França. Por isso compreendo bem as tuas saudades, dessa doce liberdade brasileira que permite as camisas voarem livremente por cima das ceroulas; dessas redes onde a gente se estende deliciosamente, depois de cheia a barriga de jenipapos, de buritis, ou, de tigelas de juçara bem açucarada; desses agradáveis banhos d’água fria que esses bons brasileiros tomam a cada instante”...

Mas, adorado Paulinho, uma hora a seca deprime os fazendeiros, noutras as escaramuças pela adesão à independência nos pregam cada susto!!!

(nas ruas o povo canta um “relaxo” e ela some da janela)

- Oh! A patuléia está de novo solta às ruas!! Oh! Mon Dieu! Mon Dieu! Protége mois!!!

3 BONECOS (cantando) – Do tope verde-amarelo
Dom Pedro fez a carapuça
Viva o nosso imperador
E morra tudo quanto é puçá!

NARRADOR – De 1838 a 1840, a sociedade toda estremece na grande convulsão da Balaiada. São Luís se prepara para o sítio que, entretanto, não chega. O Duque de Caxias estabelece a vitória das forças conservadoras sobre as reivindicações dos cativos e agregados que cantavam:

CORO, EM OFF – “O Balaio chegou, o Balaio chegou... Cadê branco?... Não tem mais braço, não tem sinhô...”

NARRADOR – Vencidos os Balaios, o domínio dos brancos se estabiliza. Reafirma-se a estrutura social. A fisionomia da cidade, bela, cada vez mais se define no seu contorno físico.

Continua a aportar os imigrante portugueses que se destinam em geral ao comércio. Serão caixeiros, depois genros, mais tarde, sócios.

A cidade vai se ultimando no correr do século. A cantaria, o ferro, os azulejos, vinham de Portugal como lastro no fundo dos navios. Em 1820, já se definiam as diversas formas arquitetônicas da cidade: Os sobrados com mirantes, a morada inteira, a meia morada, a porta e janela. O comércio que dá cor à fisionomia urbana de São Luís, é o de importação. Importavam-se tudo. Para a cidade, a república significa o povoamento. O núcleo central, opulento, foi sendo deixado naturalmente e margeado por uma arquitetura mais modesta nos rumos do “deserto florido”, o Caminho Grande.

2.º MOMENTO

NARRADOR – Mas o que precipitou mesmo a decadência do Estado e conseqüentemente de São Luís, foi a libertação dos Escravos, pois com Guerra de Secessão Americana, os donos do algodão atolavam-se em dinheiro. O teatro era um fausto. Companhias européias; mestres de arte italianos; falava-se fluentemente francês; cada sobradão tinha o seu piano... Finda a guerra, com o advento do café, sem braços para a lavoura, a economia desceu bruscamente o que fez com que, pelos meados de 1889, a elite burguesa do Maranhão abandonasse seus palacetes e fosse viver no sul do país.

A decadência da burguesia latifundiária provocou a ascensão das classes populares. Mas isso se manifestou no acirramento das briguinhas da política partidária, oposição contra governo, sem defesa precisa de uma ideologia qualquer.

Assim é que na década de 50 do século XX, a oposição preparou uma violenta reação à posse de um governador eleito por fraude vexatória, auspiciada por um cacique senatorial. O povo aderiu à massa e as escaramuças estavam prontas.

CENA I

(reunião de populares armados de faixas, cartazes e alguns rifles. Discutem calorosamente)

LÍDER DA OPOSIÇÃO – (discursando) – Pois é. Faremos valer o nosso direito de cidadãos honestos e eleitores escrupulosos. Eles verão se após o nosso ato, ainda terão coragem de fraudar eleições e por no governo uma raposa, contra a vontade do povo. Não permitiremos mais o roubo nas urnas. Ele não tomará posse. Ocuparemos o Palácio dos Leões e o povo governará se for preciso, ou não sobrar mais sangue em nossos corpos!

POVO – Muito bem! Fora os corruptos! Ladrões de nossos votos.

UM POPULAR [1] – (correndo) – Deputado! Deputado! Os samangos já ocuparam a praça até o Hotel central. Tão chamando quilo lá de paralelo 38. É impossível chegar ao Palácio!

LID. OPOSIÇÃO – É o que eles pensam! Avante povo heróico!

POPULAR[2] – E quem leva o pavilhão à frente da Marcha, Excelência?

LÍDER – Um de vós, meus bravos!

POVO – (gestos de dúvida geral)

POPULAR[3] – Olha lá! Lá vem o Bota- pra- Moer. É doido, mas tem coragem.

POPULAR [4] – Oi Bota!. Tu não quer ser Herói?

BOTA – Olépsss!

POPULAR [4] – Então chegou a hora! Vai na nossa frente. Te damos a honra de levar o pavilhão nacional!

BOTA – É comigo mesmo. Quem for macho, venha atrás de mim!

(A marcha inicia ruidosa. Ao aproximarem-se do Hotel Central, um soldado põe a cabeça de fora e dispara. Todos recuam)

BOTA – Bem, meus camaradas! Até aqui o doido foi herói. Mas daqui em diante arranjem um mais doido do que eu pra levar a bandeira.

NARRADOR – O fato é que o governador não tomou posse naqueles dias e houve muita confusão, o que fez com que o governo tivesse muita dor de cabeça até dominar a situação. Nessa confusão desgraçada, a polícia metralhou um ônibus de capangas do PSD que veio de Rosário em auxílio do governo e por azar entrou no centro de São Luís por uma rua errada. Como foi muita morte para um só dia, a negrada foi enterrada numa vala comum no Cemitério do Gavião. Até os meio-vivos, o que não deixou escapar às piadas de mau gosto.

Esse fato fez com que São Luís ficasse nacionalmente conhecida como “a ilha rebelde”. Chavão muito utilizado ainda hoje em dia nas campanhas eleitorais. São Luís evoluiu politicamente?

Afirmam uns que só na casca. O caciquismo do passado é bem presente hoje em dia. Apenas os nomes foram sendo substituídos. Já na metade do século XIX, um jornalista maranhense reclamava que um governo não concluía as obras iniciadas no governo anterior. Culpa do caciquismo político. Os “vultos” históricos serão “almas” que reencarnam? É por isso que lhe são feitos tótems no centros das praças da ilha?

CENA II

(Num ritual de mesa branca de Centro Espírita, um senador consulente recebe os espíritos que tomam forma humana e vêem lhe emprestar força. Todos tem cocar indígena à cabeça).

SENADOR – Venham, ó poderosos mestres. Transmitam-me vossas forças.

(Ruído característico, e um a um dos evocados aparecem em seus trajes característicos de políticos, como se viessem do além. Depois das falas, fazem uma corrente com as mãos e cobrem o suplicante. Depois desaparecem)

ESPÍRITO DE URBANO SANTOS – Aqui estou filho. O que te aflige?

SENADOR – Tanta coisa, ó mestre! Tanta coisa, que no seu tempo era fácil resolver.

ESPÍRITO DE U. S. – Para que foste mexer em muita coisa? Mas não te aflige. É só mudar um pouco o jeito. A manobra ainda é a mesma.

ESPÍRITO DE BANEDITO LEITE – Quem aguarda meus conselhos?

SENADOR – Eu, ó sábio de outra época. Dá-me forças!

ESPÍRITO DE B. L. – Forças tens, filho meu. Tens dinheiro, poder e séquito. E sabes usá-los

bem. Não tenhas medo. Continua brilhando bem que a galera aplaude.

ESPÍRITO DE VITORINO FREIRE – Víge! Ta aperreado, bichim?

SENADOR – Confesso, meu mestre. Vós que manobraste por mais tempo, como perpetuar a vossa obra?

ESPÍRITO DE V. F. – Ora, cabra! Ta se afrouxando? É só não amolecer pra essa gentinha. Botar pé firme e distribuir bem os homens nos lugares certos. Vacilou um pouco, derruaba antes que tu caias. E pronto.

SENADOR – Estou grato senhores mestres. Sinto-me mais seguro.

ESP. DE U. S. – Que é isso, filho. Precisou, chama.

ESP. DE B. L. – Isso mesmo. De lá, a gente está de olho em ti.

ESP. DE V. F. – Não solta a corda da pipa, meu filho.

(Dando uma espécie de passe):

OS TRÊS ESPÍRITOS – Toma. Vai. Continua nossa obra, ó imortal! (somem)

SENADOR – Uffa!!! Estou pronto! (desce)

NARRADOR – Realmente o caciquismo continua imperando. E quem sabe, não foi um dos principais fatores a impedir que o progresso se instalasse naturalmente no Estado?

No período das guerras mundiais, já tínhamos uma indústria têxtil respeitável, que tentava substituir a falida economia agrária. Mas os nossos ricos, nossos industriais, cuidavam de esbanjar os SUS gordos lucros em viagens ou aplicando em imóveis no sul do país. A cidade parada. O povo muito pobre.

3.º MOMENTO

NARRADOR – A ilha resistia. As fábricas grandiosas das indústrias de tecido e de sabão, de maquinaria já obsoleta, iam fechando uma a uma, ora de maneira moderada, ora de forma trágica. Na Rio Anil, explode uma caldeira; poucos anos depois, a Martins tem sua caldeira maior desativada também por uma explosão. E por razões, as mais diferentes a Cântamo, a São Luís, a Fabril, a Santa Isabel e o Cotonifício Santa Amélia e outras, que no fim de uma década deixaram desempregados milhares de operários numa cidade pobre, engrossando o cinturão de palafitas em volta do centro urbano,. Forçados a viver de biscates, à estiva e a providenciar sua alimentação e seu sustento da fauna do mangue e da lama que lhes servem de assoalho.

Do mesmo modo o desemprego e a fome assaltam o povo do interior que é tangido pela grilagem maciça. Em busca de trabalho essas pessoas desembarcam em São Luís, famílias cansadas, com uma certa esperança. Lugar para morar? Onde? A Lama é vasta mas difícil de acostumar quem sempre viveu com os pés secos.

Ah! Outras áreas na ilha possibilitam local de moradia. Proporcionam as invasões de terrenos... Os lixeiros de aterro também dão bons lugares.

E para esses, a briga pela terra continua. Trazem a vontade de lutar por um lugarzinho seu, e

mesmo, daqui não dá mais pra arredar. Pois pela frente, só há o mar.
Em suas bagagens também trouxeram as festas.

CENA I

(Em um plano da tenda uma procissão de São Benedito que some ao aproximar-se do mastro votivo)

HINO – Que santo é aquele,
Que vem acolá?
É S. Benedito, que vai pro altar (bis) etc...

CENA II

(Três creoulos iniciam uma marcha de tambor que é dançado por duas creoulas, acompanhados por canto e palmas. Alguns bonecos participam e se pungueiam entre si até que uma das dançarinas dá uma punha em um assistente, e pau fecha!)

COREIRA 1 – Tá pensando o que, sua piranha!? Vai caçar outro macho pra arribar tua saia, galinha!

COREIRA 2 – Peraí, sua vagabunda, que tua vai provar do chifre do Diabo, esgoto de sarjeta!!

(As duas se estaponeiam e rolam pelo chão e a turma do “deixa-disso” aparta e as duas são seguradas e estrebucham e se xingam)

COREIRA 1 – Arraia de lama, duma figa! Deixa eu me soltar daqui, deixa! Tu não vai poder trepar nas pontes da tua palafita, Cachorra!!

COREIRA 2 – Deixa eu quebrar a latrina dessa sem vergonha, gente. Deixa! Quero ver como é que ela vai comer as carniças do monturo onde ela mora! Me largue!

COREIRA 1 – Óia, que eu te costuro, nigrinha de merda!

COREIRA 2 – Me solta gente! Me solta que eu quero acabar com a foba dela!

(Entre empurrões e conselhos, as duas são afastadas ficando na tenda só uma velha que vende laranja e um homem, que compra uma pra chupar)

VELHA – Quiá, quiá, quiá! Ore veja! Só pra acabar a festa... Tambor já tava esquentando!

HOMEM – Dá uma aí, siá.

VELHA- Pode tirar... Mas por que elas se desentenderam?

HOMEM – Sem-vergonheza. Por causa de homem.

VELHA – Veja só! Tanta coisa ruim acontecendo. Tanta coisa errada pra se brigar, e justo na festa do Santo, muié vem brigar por causa de homem, Siô!?

HOMEM – De vera! Té mais, mia tia. Vou ver se pego o baile!

VELHA – Té mais. É o jeito é eu chegar com minha banca pra porta da festa.
(Desce)

4.º MOMENTO

NARRADOR – Mas as confusões costumeiras, os bailes e brigas, ajudam o povo a esquecer por momentos, os problemas maiores. O desemprego aumenta, a fome grita mais e começa a onda de roubo, de assalto, de crimes. E mais gente chegando, a cidade inchando... Problemas como água potável, moradia... Lugar pra morar. A ilha é cada vez mais desnudada. Abrem-se estradas, avenidas, multiplicam-se os conjuntos residenciais, para quem pode pagar, claro. Aterram-se os mangues, expulsa-se o povo...Constroem-se pontes e desmata-se a ilha. O calor começa a ficar insuportável. Não há brisa que dê conta de aliviar. O povão começa a ficar arreliado... As promessas vão desvanecendo as esperanças... Mas esta ilha gostosa ainda tem zona rual. Lugar aprazível. Dá pra plantar, pescar... Uma casinha aqui, outra acolá. Dá pra viver fora da cidade quem quiser ser lavrador e não biscateiro. Algumas indústrias novas vão sendo implantadas... As maiores, de capital estrangeiro, sofisticadas, poucos empregos... Até que um dia, depois de muito sussurro abafado, explode a notícia já das celebrações de convênios e implantação definitiva de um grande milagre. Solução para todos os problemas de desemprego.

CENA I

(Um garotinho- boneco- conversa com a mãe que conserta roupa, um chambrezinho – atriz-)

RIBINHA – (espia a mãe) – Mamãe. Aquilo que seu Joaquim quitandeiro, falou pro pai, é de sério mesmo?

MÃE – Vai dormir, pequeno. Anda logo.

RIBINHA – Tô com medo, mãe.

MÃE – Passa logo. Toma. Veste o teu chambre (retira a roupa de uso diário e veste o chambre no boneco) Pronto. Agora deita na tua tipóia, e dorme.

RIBINHA – (fica de costas para o público e suspende a parte da frente do chambre e urina. Imita uma leve sacudida, deita-se na rede e fala para a mãe) – Dá um embalozinho, vai.

MÃE – Tá bom. Cuida de rezar, e dorme é que é.

(O bonequinho acomoda-se na rede e tenta dormir. É incomodado por um pesadelo terrível. Mãos brancas repetem no SUS sonho tudo o que o quitandeiro falara. Desperta assustado e ...desce)

NARRADOR – Mas não só as crianças estão assustadas. Aliás, é difícil uma criança compreender tudo isso. Ribinha, é por que escutou muita conversa do quitandeiro e suas reflexões a respeito do problema. Que “coisa” seria essa tão promissora, que começa a preocupar os habitantes do interior da ilha e os moradores da capital?

O que será de tão grandioso e tão monstruoso que ela traz?

Que história é essa de bem e de mal?

O certo é que as comunidades de moradores dos vários cantos da ilha estão desconfiadas e se reúnem.

CENA II

(Reunião de moradores. Os bonecos discutem o problema da fábrica enquanto o casal [ator/atriz] (pais de Ribinha) participam só com as cabeças para fora da tenda como se fossem bonecos).

BONECO 1 – ...e tem mais. Vão emporcalhar toda a nossa água.

BONECO 2 – Eu, cá comigo, penso que vai ser de bom proveito pra nas. Só dá emprego, pra quem ta na merda um bocado de tempo!...

BONECA 1 – E que tipo de emprego?

BONECO 2 – De operário, de ajudante de pedreiro, de carpinteiro...

BONECO 3 – E por quanto tempo?

BONECO 2 – Pelo menos enquanto constroem a coisa.

BONECO 1 – Beleza de emprego. Serviço de peão tem em todo lugar. E sem que a gente tenha que deixar nossa terrinha .

BONECA 4 – Isso mesmo. Dão emprego agora. Quando acabarem com a construção da coisa, vamos fazer o que?

BONECO 1 – É. Dão o emprego mas tiram a gente daqui. Constroem tudo aqui em cima do nosso chão. Daí acaba o serviço, a gente vai ter terra pra plantar? Vai?

BONECA 4 – Vai ter riacho pra botar mandioca de molho?

BONECO 3 – Vai tá morando perto do porto, pra poder pescar, vai?

BONECA1 – Saindo daqui, a gente vai morar onde?

BONECO 2 – Ó gente! Pra que toda essa lamúria? Os homens vão indenizar as terras que vão ocupar com a “coisa”.

BONECA 4 – Como é isso? Vão dar outra terra igualzinha a esta pra gente? Já plantadinha,

cercadinha, só que em outro lugar, né?

BONECO 3 – Deixa de burrice, siá. Eles vão é pagar um preço pela terra da gente.

BONECA 4 – E o dinheiro vai dar pré comprar outra? Sei não. Acho que depende do terreno e dos benefícios.

BONECO 1 – Mas, parece que lá no lugar onde eles já começaram o serviço, não foi bem assim.

BONECO 3 – Óia aqui. Esses compadres são de lá e tão de muda aqui pra perto. Ele podem contar como foi por lá.

(Atores fora da tenda)

ATOR – Bem, eles prometeram uma quantia, mas pagaram menos. Todo mundo ficou revoltado. Mas tinha que sair mesmo, né?

ATRIZ – Teve gente que nem morava lá e foi correndo fazer casa. Mesmo de palha, só pra ganhar indenização. Cabou sendo mais pouca ainda, por que a terra não era legal.

BONECO1 – Bem, minha gente. O que a gente faz?

BONECO 2 – Acho bom não se precipitar, compadre Bento. Ninguém sabe nada ainda certo. Pode ser que eles nem queiram a terra toda.

BONECO 1 – Pode ser, pode ser... Mas quem vê barba de seu vizinho arder...

BONECA 4 – Põe a sua de molho, compadre. Depois, a gente precisa ficar unido e saber se defender. Se tirarem seu sítio e de mais uns outros? A gente fica de fora, só olhando? Não vamos ajudar a reclamar?

BONECO 2 – Bom, isso...

BONECA 4 – Tá bom, gente. Minhas trerras eu não deixo por bagatela. São registradas e tudo.

TODOS – (Auê geral)

BONECO 1 – Então ta certo. A gente espera os homens. Fala com eles direitinho. Mas não vai cair na conversa deles.

NARRADOR – Mas são poucas as comunidades que serão afetadas que tiveram tempo de se organizar. Na primeira atingida, onde está sendo construído o núcleo (a “coisa”), os moradores nem tiveram tempo de optar ou exigir alguma indenização. Eles nem eram obrigados a sair. Mas seu velho rio, donde lhes vinha água pra beber, onde a roupa era lavada, donde tiravam um peixinho vez em quando, foi aterrado. Que jeito? Mas os agentes imobiliários e simpáticos da grandiosa “coisa” não economizam papo pra convencer o povo das outras comunidades, e até, por que não, os moradores da cidade. São um verdadeiro espetáculo.

CENA III

(Três bonecos gigantes, à frente da tenda [um americano, uma brasileira tipo assistente social, um engenheiro japonês] dançam, cantam e no fim são aplaudidos pelos bonecos que estão na tenda e discutem com eles).

CANTANDO – (todos em coro)

Nós somos o progresso/ que chegamos à ilha
Nosso poder é imenso/ vejam só como brilha

JAPONÊS – Não haverá mais fome/ pois daremos trabalho
E não permitiremos/ a nós nenhum atrapalho

AMERICANO – A povo do Maranhão/ será contente e feliz
Pois terá muito dinheiro/ os homens de São Luís

ASSISTENTE SOCIAL – Basta que todo sorrissem/ contentes em nos receber
E nós lhe garantiremos/ um longo e saudável viver.

TODOS OS BONECOS GIGANTES – (repetem o coro, param e são aplaudidos. Agradecem)

AMERICANO – Oh! Então são vocês que estão contra o progresso por aqui. Non?

BONECO 1 – Pera aí. Não senhor. Contra o progresso, não. Contra essa coisa aí que vai emporcalhar toda anossa terra!

JAPONÊS – Ih.Ih.Ih. Que coisa engraçada. Progresso brilha, nô? Non emporcalha, nô?

BONECA 2 – Como não/ se polui, emporcalha.

JAPONÊS – Oh! Nós tomaremos cuidado, nô? Nós faz lagos fundos, nô? Nós joga todo detrito no lago, nô?

BONECO 3 – Sim. E o veneno que essa porcaria vai provocar na gente? No ar, na água? Já to sabendo que isso não infiltra na terra.

AMERICANO – Isso me cheira a conversa de deputado de oposição. Não ser? Pois bem. Já temos dessas coisas em tanto lugar do mundo e não envenenar ninguém.

BONECO 1 – E por que não querem vocês mais por lá?
Aqui mesmo neste país temos uma.

BONECA 4 – tem sim. Mas lá onde tem o terreno é de outro jeito, seu moço.

ASS. SOCIAL – Calma, calma, meus nativos. Vocês estão zangadinhos é só por que vão perder uma terrinha, né? Pois não fiquem tão nervozinhos não. Com a graninha que vão receber, poderão comprar outra até melhor, em outro lugar.

BONECO1 – Melhor, ou pior, dona. Mas onde? Longe daqui. Começando tudo de novo.

AMERICANO – Bom começar, minha senhor.

BONECO 3 – Mas só que desse jeito...

NARRADOR – O problema não está só para o povo da zona rural da ilha. Mas todo o povo ad ilha e cidades vizinhas. São Luís está situada no estuário de três rios e está cercada de baías. Uma ilha de solo arenoso, e com muita umidade no ar. É uma cidade de porcelana, exposta à corrosão. Uma cidade sem infra estrutura urbana já saturada de uma população desempregada. Mas apesar do povo mais prevenindo não aceitar a implantação de tal “coisa” e até sugerir que ela se instale em outra área do estado, a construção vai se fazendo em ritmo acelerado. E mato caindo, e casas rolando sob potentes tratores... E esse povo, onde vai?

CENA IV

(Ao som de tratores, fila de bonecos na tenda. Vão seguindo no caminho do abandono de suas terras. Ao findar afila, entram na frente da tenda três atores encapuzados com capas cor de chumbo e botas cor de alumínio. Comportam-se como vigias, Suas máscaras são brancas. Fora da tenda, nas cortinas das pernas, aparecem cabeças de bonecos assustados que são enxotados pelos vigias)

CENA V

(Com a saída dos vigias, entra o casal de atores com uma pequena trouxa e Ribinha no ombro da mãe. Executam uma dança, guardam Ribinha na trouxa, e começam a ter visões)

VISÃO 1 – Três dançarinos com capacete de operários (em alumínio), dançam tocando instrumentos (saem)

VISÃO 2 – Quatro máscaras gigantes dançam em lamurio enquanto três outras máscaras diferentes dançam, afastando-as. (saem)

VISÃO 3 – Caranguejos gigantes agonizam sob espessa lama vermelha. (saem)

VISÃO 4 – Formas em côfo (como águas vivas) bailam sinistramente. (saem)

(Ao encerrarem as visões, os atores pegam sua trouxa. O pai pega Ribinha que dorme, põe-no ao ombro e saem lentamente enquanto tocam a música tema)

NARRADOR – O que será da cidade daqui a dois ou mais anos? O que serão dessas praias, desses rios? Desse povo? Dessa ilha?

(Em off ouve-se a primeira estrofe do hino de São Luís. Na caixinha a palavra FIM, e depois, ... ou THE END)

- FIM -

MOLEQUE FUJÃO 2014

Tácito Borralho
(Texto para Teatro de Bonecos)

PERSONAGENS / BONECOS:

Mãe – Boneco de Luva;
Diquinho - Boneco de Luva;
Curupira - Boneco de Luva com adereço;
Velha - Boneco de Luva;
Porco - Bonecos de Vara;
Manguda - Boneco de Vareta;
Saci - Boneco de Luva;
Mãe D'água - Boneco de Luva;
Peixe - Boneco de Vareta;
Urubu - Boneco de Vara;
Sapo - Boneco de Luva;
Serpente - Boneco de Vara;
Fit – Sombra;
Madrinha - Boneco de Luva.

ADEREÇOS CENOGRÁFICOS:

Baladeira; Chapéu; Saco de Viagem; Porta; Cachimbo do Saci; Foguinho; Cacete; Fio de Cabelo de sovaco; Rio; Canoa; Espinha Dourada; Coqueiro; Touceira de tucum; Trouxa de roupa; Toalha Benta.

1º EPISÓDIO – A FUGA

MÃE – Diquinho! Diquinho! Aonde se meteu esse moleque? Diquinho! Diquinho!

DIQUINHO – Oiiii!!!

MÃE – Seu moleque! Não tava escutando eu te chamar não?

DIQUINHO – Que eu tava, eu tava. Só Não sabia aonde! (A mãe corre atrás de Diquinho).

MÃE – Ah seu moleque, eu te pego

DIQUINHO – Ai, ai, ai, não é preciso não, mãezinha!!!

MÃE – Cadê a água?

DIQUINHO – Que água?

MÃE – A água que eu te mandei buscar.

DIQUINHO – Tá lá na fonte!

MÃE – Pequeno, e o balde?

DIQUINHO – Ficou lá também!

MÃE – Eu não te mandei buscar a água pra encher as vasilhas aqui de casa?

DIQUINHO – Foi, foi. Mas eu vou buscar, eu vou buscar.

MÃE – Eu vou cuspir no chão (cospe), e vou contar até dez, se tu não trouxer essa água até esse cuspe secar, tu não janta! Vou entrar preparar o jantar e enquanto eu arrumo a cozinha, você vai pegar essa água!

DIQUINHO – (Olha para a platéia) Mas ninguém merece uma mãe braba assim! Imagina só, enquanto papai tá no garimpo, todas as obrigações da casa sobram pra mim. Não agüento mais! Daqui a pouco fico velho então tenho mais tempo pra brincar. Não agüento mesmo! (Anda) Eu já vinha pensando nisso há uns dias, eu preciso é me mandar. Vou embora! Aí eu quero ver... “Diquinho, vai varrer o terreiro.” Não tem Diquinho! “Diquinho, vai lavar o cachorro.” Não tem Diquinho! “Diquinho, vai pegar água.” Não tem Diquinho! E se não tem Diquinho, não tem nada disso. Eu vou me mandar! Mamãe não sabe, mas eu já tô é pronto. Quer ver? Quer ver? (Desce) Um saco de viagem! (Desce) Uma baladeira. (Desce) E um chapéu pra me proteger do Sol. Pronto! Agora é pé na estrada. Tchau, mamãe braba! (Sai)

2º EPISÓDIO – PERDIDO NA FLORESTA: O CURRUPIRA

DIQUINHO – Meu Deus, como escureceu rápido! Tá muito escuro aqui. Ai! Peraí, o que é isso? Tem uma pedra aqui. Que pedra esquisita! (Começa a alisar a pedra, fazendo cócegas) Essa pedra parece que se mexe. Deixa eu ver aqui embaixo (Apalpando), deixa eu ver aqui em cima. (O Currupira se revela)

DIQUINHO – Ai meu Deus! Cadê a pedra que estava aqui?

CURRUPIRA – Isso não é pedra seu besta, isso é um pé!

DIQUINHO – Um pé? Nas costas?

CURRUPIRA – E tu já viu Currupira de pé pra frente?

DIQUINHO – (Gaguejando) Cu... Cu... Cu...

CURRUPIRA – Isso. O dono da floresta. O pai da mata! E o que tu fazendo por aqui?

DIQUINHO – Eu tô fugindo.

CURRUPIRA – Fugindo?

DIQUINHO – É.

CURRUPIRA – Tá indo pra onde?

DIQUINHO – Correr terra. Pra isso, eu preciso passar por aqui.

CURRUPIRA – Passar? Pra passar por aqui, tem que pedir licença pro pai da mata.

DIQUINHO – Pai da mata? Mas, quem é o pai da mata?

CURRUPIRA – Já lhe disse. Sou eu, o Currupira!

DIQUINHO – Quer dizer que eu tenho que pedir licença pro Senhor?

CURRUPIRA – É!

DIQUINHO – Então tá! Com licença!!!

CURRUPIRA – (Sorri debochadamente) Mas não é assim! Pra passar por aqui você tem que fazer uma prova.

DIQUINHO – Uma prova? Que prova?

CURRUPIRA – É. Tem que mostrar que é corajoso, forte e destemido.

DIQUINHO – Ah... Isso eu sou de sobra!

CURRUPIRA – Então presta atenção. Vou te dizer umas frases e você vai repetir ligeiro e sem errar.

DIQUINHO – Ligeiro e sem errar? Então tá, pode mandar!

CURRUPIRA – Tá pronto?

DIQUINHO – Não... Quer dizer... Tô. É o jeito, né?

CURRUPIRA – Então lá vai à primeira: “Três pratos de trigo para três tigres tristes.”

DIQUINHO – Três pratos de trigo para três tigres tristes.

CURRUPIRA – Ahhh!!! Acertou! (Com raiva)

DIQUINHO – Manda outra, manda outra... Próxima, pode mandar! (Debochando)

CURRUPIRA – Diga rápido, três vezes: “Casa suja, chão sujo.”

DIQUINHO – Casa suja, chão sujo. Casa suja, chão sujo. Casa suja, chão sujo. Pronto falei!

CURRUPIRA – Arre, acertou de novo!!! Lá vai a última, repita mais ligeiro: “Eu como quiabo cru.” Bem ligeiro!

DIQUINHO – Eu como quiabo cru. Eu como quiabo cru. Eu como que abro o cu... (Sai fugindo)

CURRUPIRA – Come que abre o quê? Volta aqui seu moleque safado! Eu te pego!

DIQUINHO – Socorro me larga!

3º EPISÓDIO – PERDIDO NA FLORESTA ESCURA: A VELHA QUE VIRA PORCO.

DIQUINHO – Acho que ele ficou pra trás. Também, o pé dele era pra trás! Deve ter ido pro outro lado. Ainda bem que consegui me livrar dele. Tá escuro demais. Não tô enxergando nada! (Esbarra na porta) Ai, o que é isso? Parece uma porta. Será que é uma casa? Vou bater. (Bate duas vezes)

VELHA – Quem é?

DIQUINHO – Sou eu...

VELHA – Eu quem? Quem ousa me acordar uma hora dessas?

DIQUINHO – Euzinho aqui, tô aqui. Olha pra baixo, dona!

VELHA – Hum... Mas que menino feio!

DIQUINHO – Hum... e a senhora é a bonita, é?

VELHA – Muito obrigada! O que te trás aqui uma hora dessas?

DIQUINHO – Eu to precisando de ajuda. Na verdade, eu to precisando de um abrigo.

VELHA – Então veio à casa certa!

DIQUINHO – Êpa!!?? Porque a senhora está ficando assim tão estranha?

VELHA – Nada não meu filho. Entre meu filho, entre!

DIQUINHO – Pensando bem, não precisa mais não! Obrigado! (Saindo)

VELHA – Entre logo seu moleque! (Corre atrás dele)

DIQUINHO – Eu não. (Desesperado). Socorro, me larga!!!
(Ela vira porco, ele continua correndo e gritando)

DIQUINHO – Socorro! Larga do meu pé. (Olha para a velha e vê uma porca correndo atrás dele)
De onde veio esse porco medonho? Peraí... (Pega um pedaço de pau) Pega seu porco safado,
vou te quebrar no pau, pega!!!
(Começa a bater na criatura, principalmente nas pernas e a velha ressurgue)

VELHA – (Mancando) Vem cá, moleque fujão. Eu não mandei entrar?

DIQUINHO – Eu não. A senhora quer me transformar em alguma coisa.

VELHA – Não corre que eu te pego!

DIQUINHO – Ah, a senhora ta mancando!!! Não pode nem correr, ta até mancando. (Surpreso)
Ahhh... Então a senhora que era a porca! Eu bati com o pau na porca e a senhora ficou mancando.

VELHA – Vem cá, moleque!

DIQUINHO – Sai, senão eu bato na outra perna, sai!!! (Foge)

4º EPISÓDIO – PERDIDO NA FLORESTA ESCURA: A MANGUDA

DIQUINHO – Ai, ai, cansei. Ainda bem que consegui fugir daquela velha. Deixa eu descansar um pouco antes de continuar seguindo em frente. Vou puxar um cochilo (Boceja). Eu tô can-sa-do...
(*Deita e dorme*).

MANGUDA – (Surge ao fundo e observa o menino) Hum... Carne nova no pedaço!!! (Anda até o menino, abraça-o e beija-o após o envolver)

DIQUINHO – Quem é a senhora? Que isso? (Assustando-se e levantando-se)

MANGUDA – Vem aqui, vem!

DIQUINHO – Que mulher feia é essa? E ta crescendo! Ta aumentando de tamanho... Quem é você?

MANGUDA – Eu sou a Manguda!

DIQUINHO – E o que a senhora quer comigo?

MANGUDA – Só um pouquinho de carinho... (Romântica)

DIQUINHO – Mas não precisa ficar me agarrando assim, não!

MANGUDA – Vem aqui, vem!

DIQUINHO – Me larga! Tira essa mão da aí!

MANGUDA – Vem cá! (Corre atrás do menino)

DIQUINHO – Vem cá nada! Me larga! Sai de mim! (Pausa) Tá bom, ta bom! Parou! Vamos conversar.

MANGUDA – Tá bom!

DIQUINHO – Calma! O que você quer de mim?

MANGUDA – Eu ando tão solitária!

DIQUINHO – E o que eu tenho a ver com isso?

MANGUDA – Preciso de carinho!

DIQUINHO – E o quê que eu tenho a ver com isso?

MANGUDA – Não acho nenhum mancebo pra namorar!

DIQUINHO – Mas eu não sou nenhum Macedo!

MANGUDA – Macedo não! É Mancebo! Olha, se você me der mais um beijinho, eu te dou um presente! Um amuleto!

DIQUINHO – Uma muleta?

MANGUDA – Não. Um a-um-le-to!

DIQUINHO – Ah! Um a-um-le-to! Mas o quê que é esse amuleto?

MANGUDA – É uma coisa que serve pra te proteger de muitos perigos...

DIQUINHO – Então eu quero! Mas o que eu tenho que fazer mesmo?

MANGUDA – Só precisa me dar mais um beijinho!!!

DIQUINHO – Cruz-credo! Não sei se vale a pena não. Pra que serve esse amuleto?

MANGUDA – Você não está fugindo?

DIQUINHO – Sim.

MANGUDA – Então!

DIQUINHO – Então...

MANGUDA – Ele vai te ajudar contra os perigos que você for encontrando.

DIQUINHO – Mas, como é esse amuleto?

MANGUDA – Ahhh!!! É só um fio de cabelo do meu sovaco!

DIQUINHO – Credo! Do sovaco? Deve feder muito!!!

MANGUDA – Nada, nada! Está até cheirosinho! (Levanta o braço e cheira o sovaco)

DIQUINHO – Então tá! Eu, eu... vou topar!

MANGUDA – Então, vem aqui, vem!

DIQUINHO – Vai doer?

MANGUDA – Não. É só um beijinho!!!

DIQUINHO – Ai, ai, ai... (A Manguda abraça e beija o menino) Pronto, já beijou. Cadê minha muleta? Quer dizer, meu amuleto?

MANGUDA – Pronto, está aqui, como prometido!

DIQUINHO – (Como se estivesse prendendo a respiração) Eita, mas ‘vede pra garamba’. Brigado, ‘boça’!

MANGUDA – De nada!

DIQUINHO – Tchau, ‘boça’!

5º EPISÓDIO – PERDIDO NA FLORESTA: SACI

DIQUINHO – Ai, ai! Tá cada vez mais escuro por aqui. Ainda bem que eu me livrei daquela mulher gigante. (*Ouve um assovio*) Que assobio é esse? (*Outro assovio*) Tem aqui. O que é aquilo? Sumiu! Cadê ele? Tô ouvindo outro assovio. Eita, parece que é do outro lado... Vixe!!!

SACI – Buuu!!!

DIQUINHO – (Assustado) Quem é você? Como é que você foi para aí?

SACI – Vai dizer que você não me conhece?

DIQUINHO – E por acaso eu tinha que te conhecer?

SACI – Claro que sim!

DIQUINHO – Quem é você?

SACI – Eu sou o Saci!

DIQUINHO – Saci? Mas Saci é um passarinho!

SACI – Ha, ha, ha... Claro que não menino bobo! Eu é que sou o Saci.

DIQUINHO – E o que você quer comigo?

SACI – Ora... Brincar!

DIQUINHO – Brinca? Mas, aqui? Brincar de quê?

SACI – Repare... Eu me escondo ali, você se esconde ali e aí você vai me procurar até me achar!

DIQUINHO – Tá bom, tá bom! Porque depois eu vou continuar a fugir. (Saci se esconde) Cadê você?

SACI – Tô aqui. (Mudando de lugar)

DIQUINHO – Aonde?

SACI – Aqui!

DIQUINHO – Eu só to vendo um foguinho! Você tá aonde?

SACI – Aqui.

DIQUINHO – Ah, assim fica difícil. Não vou mais brincar não!

SACI – Ih! A brasa do cachimbo tá apagando!!! Me ajuda aqui!

DIQUINHO – Eu não! Não gosto de cachimbo.

SACI – É só assoprar seu besta!

DIQUINHO – Não! Eu não quero assoprar.

SACI – Ou tu assopra, ou eu te assombro!

DIQUINHO – Ai meu Deus! Mais uma assombração eu não agüento. Tá bom, espera aí que eu tô indo te ajudar. (Começa a soprar) Deixa eu segurar aqui, pra soprar. (Começa a soprar) Ajuda também! Eita, caiu... Caiu num monte de folhas secas e tá ventando muito. (Sonoplastia) Fogo!!! Fogo!!!

SACI – Apaga, apaga! Pisa, pisa aí!

DIQUINHO – Então pisa você também!

SACI – Não dá, eu só tenho um pé!

DIQUINHO – Meu Deus, é um incêndio! Socorro!!!

SACI – Corre moleque. Corre!
(Saem correndo)

6º EPISÓDIO – SEGUINDO O RIO: MÃE D'ÁGUA

(Ouve-se o choro da Mãe D'água)

DIQUINHO – Olá! (Pausa) Quem é a senhora? (Desconfiado)

MÃE D'ÁGUA – Olá! Eu sou a Mãe D'água.

DIQUINHO – Mãe da água? Mas cadê a água?

MÃE D'ÁGUA – (Chorando) Acabou a água. É por isso que eu estou tão triste. Eu preciso da água. Ai, esse calor! Está tudo muito seco. O mato está pegando fogo e já está chegando por aqui. Eu preciso me refrescar, esse fogo está acabando com tudo!

DIQUINHO – Calma, dona Mãe D'água! Vou lhe ajudar!

MÃE D'ÁGUA – Mas como?

DIQUINHO – Deixa eu ver... Ah, já sei. Acho que tive uma idéia.

MÃE D'ÁGUA – Uma idéia?

DIQUINHO – Sim. A senhora por acaso não conhece uma mulher comprida que mora aqui por perto, chamada Man..., Mang...

MÃE D'ÁGUA – Manguda!

DIQUINHO – Isso! A senhora ela?

MÃE D'ÁGUA – Conheço. Você encontrou com ela?

DIQUINHO – Encontrei! E ela me deu uma muleta. Quer dizer.... um mul... ma...

MÃE D'ÁGUA – Um amuleto?

DIQUINHO – Isso.

MÃE D'ÁGUA – Que tipo de amuleto ela te deu?

DIQUINHO – Ela me deu um negócio aí... (Enrolando)

MÃE D'ÁGUA – Que negócio?

DIQUINHO – Um fio.

MÃE D'ÁGUA – Que fio?

DIQUINHO – Um fio de cabelo do sovaco dela.

MÃE D'ÁGUA – Sovaco? E não fede?

DIQUINHO – Muito! Mas é só prender a respiração.

MÃE D'ÁGUA – Será que isso vai ajudar a gente?

DIQUINHO – Sim. Porque ela me disse que o cabelo do sovaco dela iria me livrar de todos os perigos e que poderia me ajudar quando eu precisasse.

MÃE D'ÁGUA – E então...?

DIQUINHO – Eu vou prender a ponta do cabelo num pedaço do rio e vou arrastar pra cá!

MÃE D'ÁGUA – Que ótimo!

DIQUINHO – Vou pegar aqui o cabelo dentro do meu saco de viagem. Pronto. Agora eu vou lá no rio. (Retira o cabelo e o prende na ponta do rio) Tô conseguindo. Tá chegando. Tá dando certo! Lá vem o rio. Consegui.

MÃE D'ÁGUA – Que maravilha! Então, por conta disso, eu vou lhe dar um presente!

DIQUINHO – Um presente? Que presente?

MÃE D'ÁGUA – Vou te dar... Uma canoa!

DIQUINHO – Ôba!!! Uma canoa. Só pra mim!
(A canoa aparece e a Mãe D'água canta uma canção de despedida)

DIQUINHO – Tchau Dona Mãe D'água!

7º EPISÓDIO – SEGUINDO O RIO: A PIRACEMA

DIQUINHO – Vou entrar nessa canoa agora. (Entra na canoa) agora tenho que remar. E já que não tem remo, eu remo com as mãos mesmo. (Começa a remar)

PEIXE – E aí moleque? O que está fazendo?

DIQUINHO – Quem tá falando aí?

PEIXE – Eu!

DIQUINHO – Eu quem?

PEIXE – Eu aqui!

DIQUINHO – Nossa! Um peixe que fala.

PEIXE – Ah, você não sabe que peixe também fala?

DIQUINHO – Lógico que não fala!

PEIXE – Mas na imaginação, qualquer bicho fala.

DIQUINHO – E o que você está fazendo por aqui?

PEIXE – Estou subindo o rio. É a piracema!

DIQUINHO – Piracema? O que é isso?

PEIXE – É a época que nós desovamos e fazemos nascer muitos peixinhos por rio.

DIQUINHO – Que legal! Você quer uma carona na minha canoa?

PEIXE – Como é que você pretende chegar a algum lugar, remando com as mãos? Você precisa de uma vela!

DIQUINHO – Vela? Não, o vento apaga!

PEIXE – Não, seu bobo! Vela de pano, vela de barco!

DIQUINHO – Como eu vou fazer isso? Aqui no meio do rio?

PEIXE – É fácil! Olhe aqueles troncos ali.

DIQUINHO – Eu to vendo, mas o que eu faço?

PEIXE – Faz um mastro!

DIQUINHO – Espera aí. Pronto, fiz um mastro!

PEIXE – Agora, tire a camisa. Vamos, eu vou te ajudar a preparar a vela. (Colocam a camisa no lugar da vela) Pronto! Enfia o mastro na canoa.

DIQUINHO – Que bonito! Agora precisamos assoprar pra chamar vento.

PEIXE – Isso!

DIQUINHO – Mas se você assoprar aí da proa, o barco vai pra trás.

PEIXE – Claro, eu vou pra popa!

DIQUINHO – Então, vamos soprar!

AMBOS – 1, 2, 3 e já! (sopram)

PEIXE – Vai em frente que vou seguir meu caminho. Mas antes, vou te dar um presente.

DIQUINHO – Ôba! E o que é?

PEIXE – Uma espinha dourada!

DIQUINHO – Uma espinha dourada? E pra que serve?

PEIXE – Pra lhe desvencilhar de qualquer perigo.

DIQUINHO – Obrigado! Então, tchau!

PEIXE – Tchau garoto!

8º EPISÓDIO – ILHA FLUTUANTE: O URUBU QUE VIRA SAPO

DIQUINHO – Ai, ai, tô cansado! Ainda bem que consegui chegar até aqui. Mas que lugar é esse? Olha, tem água por todos os lados, água aqui, água ali também... Nossa, é uma ilha!

URUBU – Ha, há, há... (Sorrindo debochadamente)

DIQUINHO – O que é isso? Quem é você?

URUBU – Eu é que te pergunto moleque! Quem é você?

DIQUINHO – Eu sou Diquinho.

URUBU – O que anda fazendo por essas bandas, seu intrometido?

DIQUINHO – Eu acabei de sofrer um naufrágio e minha canoa foi embora pela correnteza. Depois eu nadei, nadei até chegar nesta ilha.

URUBU – Ha, ha, ha... Isso é o que dá pra quem se acha muito esperto! Não é mesmo, Diquinho? (Risos)

DIQUINHO – Porque você está falando assim comigo, heim? Você não me conhece!

URUBU – Não conheço, não quero conhecer e tenho raiva de quem conhece! E além do mais, essa ilha tem donos.

DIQUINHO – E quem são os donos dessa ilha?

URUBU – Eu e os outros!

DIQUINHO – Os outros? E quem são os outros?

URUBU – Não te interessa, moleque!

DIQUINHO – E por acaso aqui tem alguma placa escrita dizendo que essa ilha é sua?

URUBU – Não me irrite! Você não me conhece!

DIQUINHO – Você só se acha brabo assim, porque está aí em cima desse coqueiro. Eu duvido você descer! Vem pro limpo! Cai dentro!

URUBU – Você não se atreva seu moleque sem vergonha.
(Urubu sai voando e aparece o sapo)

SAPO – Uôu...

DIQUINHO – Êpa! O que é isso?

SAPO – O que pensas que estás fazendo, heim, seu moleque?

DIQUINHO – Calma, seu sapinho.

SAPO – Sapinho, não! Sapão!

DIQUINHO – Tudo bem! Calma, seu sapão. Mas como é que o senhor apareceu assim, de repente?

SAPO – Ha, ha, ha... (Risos) Isso é um mistério! Ha, ha, ha...

DIQUINHO – Seu sapão, e só tô querendo que o senhor me ajude a sair dessa ilha.

SAPO – Ajudar? Ha, ha, ha...

DIQUINHO – É. Eu já passei por tantos perigos, eu já enganei o Currupira, já bati na velha que vira porco. Já beijei até a Manguda! Ajudei a Mãe D'água, brinquei com o Saci, encontrei com um peixe que fala até que me perdi nessa ilha. Oh seu sapão, me ajude, eu só quero sair dessa ilha.

SAPO – Ôh moleque, você não sabe aonde está?

DIQUINHO – Só sei que estou numa ilha!

SAPO – Pois essa ilha é encantada e você jamais sairá daqui! Ha, ha, ha...

DIQUINHO – Encantada? Oh, não! Como assim, encantada?

SAPO – Existem outros seres além de mim nessa ilha.

DIQUINHO – Seu sapão, por um acaso, o senhor é parente, amigo, conhecido de um sujeito que estava lá em cima daquele coqueiro?

SAPO – Você já está querendo saber demais.

DIQUINHO – Eu só estou querendo sair daqui, seu sapão. Por favor, me ajuda! Só estou querendo sair daqui! (Chorando)

SAPO – Você precisa tomar muito cuidado, só existe uma maneira de você fugir dessa ilha, ha ha ha... Mas isso é quase impossível!

DIQUINHO – Porque é quase impossível?

SAPO – Existe uma serpente que rodeia essa ilha e pra escapar, você terá que enganá-la!

DIQUINHO – Mas de que maneira? Ai meu Deus, e agora? O que eu tenho que fazer?

SAPO – Quem dorme na ilha, jamais consegue passar para o outro lado da margem do rio. Mas, quando a serpente colocar a cabeça na pedra pra dormir, então você deverá ser bem rápido, e furar os olhos dela, só assim conseguirá vencê-la!

DIQUINHO – E depois que eu conseguir furar os olhos dela, o que eu faço?

SAPO – Você terá que enganá-la e montar em cima dela até que ela lhe leve para o outro lado da margem. Mas tome muito cuidado! Porque se a serpente morrer, toda esta ilha afundará!

DIQUINHO – Ai, meu Deus! Tenho que tomar muito cuidado... Eu tenho que tomar muito cuidado... (Blackout, o sapo some rapidamente e ressurgue no alto do coqueiro o urubu)

9º EPISÓDIO – ILHA FLUTUANTE: A SERPENTE

SERPENTE – Tssssssiiii... Chegue maissssssssss!

DIQUINHO – Ai meu deus! Espere aí. Aí vou eu... Eu vou, eu tô chegando!

SERPENTE – Olhe nos meus olhosssssss, dentro dos meus olhossss. Seu intrometido! Você jamais sairá daqui. Tssssi. Você é meu prisioneiro. Tssssiii... (Diquinho desmaia e a serpente passa por cima dele)

DIQUINHO – (Acordando) O que foi que aconteceu? Ai, ai, ai... Onde é que estou? (Olha a ilha) Olha! A ilha parece que mudou de lugar. Ela encostou na margem. Vou aproveitar e vou sair daqui. Peraí! Mas eu não estou vendo a serpente. Ela deve estar dormindo em algum lugar. Vou aproveitar e sair rapidinho daqui! (A serpente reaparece e avança em Diquinho)

DIQUINHO – Socorro!!! Socorro!!!

SERPENTE – Você jamais saíra daqui!

DIQUINHO – Mas eu quero sair daqui... (Chorando, vai andando pro outro lado. A serpente boceja e adormece) Ah, eu já sei! Vou usar a espinha dourada que o peixe me deu. Ele disse que eu poderia usá-la para qualquer perigo. Já sei, vou furar os dois olhos da serpente pra eu fugir daqui.

(Diquinho vai até a serpente, que se contra dormindo. Espera o momento certo e rapidamente, fura os dois olhos da serpente que esturra! Diquinho “monta” nela e consegue sair dali)

DIQUINHO – Ôba! Estou conseguindo! Isso, isso. Agora me tira daqui.

10º EPISÓDIO – A VOLTA A TERRA FIRMA: O FIT

DIQUINHO – Ôba, ôba! Consegui chegar ao outro lado da margem do rio. (Sombra do Fit) Ai, ai! O que é isso? Eu vi uma sombra. Ai, ai. Que sombra é essa? (Se desespera e acaba preso em uma touceira de tucum) Socorro! Socorro! (Gritando) Alguém me tira daqui. Ai, ai. Tem muito espinho aqui. Estou me espetando, socorro!

11º EPISÓDIO – A MADRINHA: DESENCANTAMENTO

(Entra a madrinha com a trouxa de roupa, cantando)

MADRINHA – Quem é que está falando?

DIQUINHO – Socorro! Aqui. Olha pra cá! Estou preso no espinheiro. Por favor, me ajude! Está doendo muito, tá me espetando. Tem muito espinho aqui, socorro!

MADRINHA – Meu deus, essa voz é parecida com a de alguém, parece com a voz do Diquinho.

DIQUINHO – Madrinha!

MADRINHA – Diquinho? O que tu tá fazendo aí? Tua mãe tá desesperada atrás de ti, pequeno!

DIQUINHO – Me ajuda Madrinha. Eu vi umas sombras, ouvi uns assovios muitos finos e me confundi, quando de repente eu fiquei preso nessa touceira.

MADRINHA – Meu Deus, foi o Fit!

DIQUINHO – O Fit? E agora?

MADRINHA – Tu tem muita sorte! Por coincidência, eu trago aqui na minha trouxa a toalha que te enrolei no batismo. Vou lavar ela porque já está ficando amarelada.

DIQUINHO – E daí?

MADRINHA – Daí que dizem que se jogar a toalha, os espinhos do tucunzeiro cedem e a criança fica livre. Te prepara! (A madrinha vai e pega a toalha)

DIQUINHO – Eu já estou prá lá de pronto!

MADRINHA – Então, lá vai. 1, 2, 3... já! (Joga a toalha)

DIQUINHO – Ufa! Olhe, não estou nenhum pouco arranhado.

MADRINHA – Nunca duvidei. Mas agora, acredito ainda mais.

DIQUINHO – Acreditando em quê, madrinha?

MADRINHA – No ditado do povo.

DIQUINHO – Qual ditado?

MADRINHA – Que só a toalha benta do batizado tem o poder de livrar dos encantamentos do Fit.

DIQUINHO – Obrigado Madrinha, obrigado! (Beija a mão dela e ela lhe puxa pela orelha)

MADRINHA – Obrigado? Vamos já pra casa, moleque!

DIQUINHO – Ai, ai, ai... Nessa orelha não! Nessa orelha não!

MADRINHA – Ah, é? Então vai na outra.

12º EPISÓDIO – A VOLTA PRA MÃE: O CASTIGO

MADRINHA – Comadre! Oh, comadre! (Chamando) Olha aqui o que eu trouxe pra senhora. Olha só quem ta aqui.

MÃE – Diquinho! Onde é que tu tava, heim pequeno? Senta aí! Aonde é que esse pequeno tava, heim comadre?

MADRINHA – Minha comadre, não fique muito zangada com ele não, que eu acabei de salvar ele.

MÃE – Salvar de quê?

MADRINHA – Do Fit.

DIQUINHO – Do Fit...

MÃE – (Interrompendo) Calado! Não interrompa a nossa conversa de gente grande. Passa! Senta aí!

MADRINHA – Eu encontrei ele numa touceira de tucunzeiro. Espinho pra todo lado.

MÃE – E o que este moleque fazia lá? Desde ontem a noite?

DIQUINHO – Foi o Fit.

MÃE – Te cala!

MADRINHA – Mas foi o Fit mesmo comadre.

MÃE – Como é que a senhora sabe?

MADRINHA – Por causa da toalha benta.

MÃE – Comadre, não venha inventando coisas...

MADRINHA – Mas foi! Se não fosse eu jogar a toalha, ele ainda estava lá.

MÃE – Pequeno, onde mesmo que tu andavas que não veio jantar, não encheu água, nem nada?

DIQUINHO – Fui dar uma volta.

MÃE – Levanta! Uma volta, né? Então pra quê essa baladeira?

DIQUINHO – Pra caçar passarinho.

MÃE – Eu já não te disse que não se maltrata passarinho? E onde tu foi pegar passarinho de noite?

DIQUINHO – (Gaguejando) Foi... foi... foi...

MÃE – E esse saco?

DIQUINHO – Pra juntar as pedrinhas de atirar na baladeira.

MÃE – Ah é? Pois tá. Tu não me convence com tuas lorotas não. Tu tinha era fugido.

DIQUINHO – Não, mãe. Eu só me afastei um pouquinho.

MÃE – Pequeno, tu não mente. Não tenta me fazer de besta.

DIQUINHO – Pois tá mãezinha. Eu fugi sim. mas já voltei, né?

MÃE – Voltou... Voltou e agora vai fazer tudinho que deixou de fazer antes. Com Fit ou sem Fit, fugindo ou caçando... Até teu pai voltar, moleque, tu vai me ajudarem casa com mais vontade! (A Madrinha interrompe e chama a comadre pra conversar a sós. Diquinho disfarça e tenta escutar a conversa, mas elas o reparam. A madrinha convence a Comadre a pegar leve com Diquinho com as tarefas de casa e deixar com que ele estude, brinque e se divirta como criança)

DIQUINHO – Mãe, a senhora me perdoa?

MÃE – Ainda não, vou pensar!!! (Pensa um pouco) Pensei. (*Reflexiva*) Meu filho, quando seu pai não está em casa fico sozinha pra fazer tudo e preciso de sua ajuda, senão não dou conta, desculpa te cobrar tanto, mais preciso que me ajude também.

DIQUINHO – Eu sei, mãe... Desculpa também. Se eu tivesse feito logo o que a senhora me pediu, nada disso teria acontecido. A senhora então me perdoa?

MÃE – Lógico meu filho, não sei o que seria da minha vida sem você!

DIQUINHO – Ahh, mãe!!! Daqui um abraço, vai!

MADRINHA – Isso gente. Que coisa bonita! Agora que já tudo explicado deixa eu ir ali cuidar da minha roupa.

DIQUINHO – Tchau Madrinha! (Corre e dá um abraço) Sua benção.

MADRINHA – Deus te abençoe. (Sai cantando)

MÃE – E agora vai buscar água seu moleque fujão! (*Dando-lhe um peteleco na cabeça e sorrindo*)

DIQUINHO – Ha, ha, ha... Vou agora...

- FIM -

BRINCANDO NO QUINTAL 2018

De Tácito Borralho

PERSONAGENS

Francisco – Chico [Fran]

Catarina – Catita, ou, Catirina [Cat]

(Duas crianças brincam no quintal de casa ou numa praça, ou num parque etc)

CENÁRIO: (para rua, palco italiano, arena ou sala aberta) - Um baú de vime ou grande caixa de madeira com tampa, trazendo em seu interior armações práticas, de encaixe, para a montagem de uma tenda de bonecos de luva (simples), um biombo e uma arara; peças do figurino, acessórios, bonecos e máscaras.

(Francisco e Catarina entram arrastando uma grande caixa)

FRANCISCO – Cuidado aí Catarina! Pra onde tu queres ir mais!???

CATARINA – Ôôô!!! Francisco! Chega mais um pouquinho pra cá. Vamos aproveitar a sombra desta árvore. Assim vai ser melhor pra brincar.

(Os dois abrem a caixa e se apresentam de forma jocosa e indicam qual o espaço metafórico que estão ocupando: “faz de conta que aqui é...” Em seguida armam uma tenda, uma arara e um biombo em lugares que lhes permitam uma boa evolução cênica. Retiram da caixa cabides com trajes e dependuram na arara. Deixam na caixa bonecos e máscaras).

CAT – E agora, vamos brincar de que?

FRAN – Que tal de casinha?

CAT – Ôba! De quitanda! Eu sou a quitandeira! (pode ser de loja, de venda etc, e “eu sou o balconista, ou o vendedor...”)

FRAN – Tá bom sua espertinha! Eu sou o comprador...Mas pelo visto vai ser um comércio muito parado! Só tem um cliente!

CAT – E esse bocado de criança que está nos olhando? Elas podem muito bem ser compradores também. Vai! Quem quer brincar com a gente? [reação] Isso, Façam uma filhinha... Assim (enquanto Francisco arruma afileira, Catarina veste uma capa qualquer de vendedora)

FRANCISCO – Agora eu vou entregar o dinheiro de Faz de Conta pra você fazerem as compras. Faz de conta também que estas folhas caíram da árvore, que...faz de conta, que está aqui atrás de nós! (entrega as folhas às crianças)

CAT – (Atrás do balcão - a caixa fechada - atende a freguesia) – Pois não, freguês (ou freguesa)? Vai levar o que?(Mantém um diálogo de vendedora, auxiliada por Francisco, vai incentivando a garotada a escolher produtos ou pedir produtos de sua preferência até que afileira encerre)

FRAN – Pronto! Foi um sucesso o nosso comércio de faz de conta. E agora, vamos brincar de que?

CAT – Ôba! Já sei. De papai e mamãe.

FRAN – Ah! Mas isso não tem graça!

CAT – Tem sim. Tu é o pai e eu sou a mãe.

FRAN – E a mãe está esperando neném. Como na história de Pai Francisco e Mãe Catirina!

CAT – Pronto! É mesmo!...Mas isso é uma história que se passa no Norte, Nordeste, sei lá!... No bumba meu boi do Maranhão!

FRAN – E daí? Só vai faltar um boi (e vai armando o boneco boi)

CAT – Um amo (arma outro boneco)

FRAN – E um vaqueiro montado na burrinha. (arma a burrinha)
(Fazem uma brincadeira de Boi, animando os bonecos, cantando e representando a “matança”)

CAT – (Veste a máscara [cabeção] do boneco que representa o Amo, cujo traje é como uma bata com um peitoral bordado, de brincante de bumba meu boi e empunha uma maracá, sacode-o e canta): “Urrou, urrou, urrou urrou! Meu novilho brasileiro, que a natureza criou!... (esse refrão pode ser repetido e a platéia poderá ajudar a cantar).

FRAN – (Veste a burrinha, com um chapéu de fitas, canta e dança a repetição da música. Para de cantar ao final da toada e fala) – meu amo, aí fora tem um sujeito que insiste em falar com o senhor. Diz que quer um emprego aqui na fazenda.

CAT – (falando como o amo) – Não conversa muito, vaqueiro. Vai lá e manda o homem entrar.

FRAN – (sai de cena e se troca rapidamente e volta como nêgo Chico, com a máscara característica) – Licença meu amo. Seu vaqueiro disse que eu podia entrar.

CAT – (como o amo) – Pois entre. Se achegue. Do que se trata, o que o senhor deseja?

FRAN – Meu nome é Chico e sei lidar com gado.

CAT – (amo) – e eu com isso?

FRAN – Ô, siô!... É que eu to desempregado. Minha senhora está gestante, não temos onde pousar.... eu sou trabalhador, siô. Lhe asseguro.

CAT – (amo) – Mas tu já tá um bocado quebrado, nêgo velho...Como tua mulher pode está grávida!?

FRAN – Siô !... Não duvide! Deve ser pela mandioca!

CAT – (amo) – Já sei... deve comer muita mandioca. Dizem que dá sustança!

FRAN – Coisa de ciência...sei lá!... Só sei que por causa disso, uns me chamam Nêgo Chico e outros, Pai Francisco.

CAT – (amo) – Pois vamos ver. Tá olhando aquele boizinho ali? Pois olhe bem! É o mimo da fazenda. Você vai tomar conta dele!

FRAN – Bonito touro, meu amo. Mas o que ele tem? Tá tão paradinho!...

CAT – (amo) – Ora só!.. O que ele tem... Não vê que ele está dormindo? Tá pensando que é preguiça? Cuide bem dele é que é! Vou dar umas ordens no terreiro, pra não desanimar a festa do meu senhor São João (sai)

FRAN – (Arruma o boneco boi enquanto Catarina se troca, se mascara e vira Catirina e retorna à cena)

CAT – (entrando, embuchada) – Vige, Nêgo! Pois não é que tu é danado mesmo? Já conseguiu pousada pra nós!...E vige! Que barbatão bonito! Parece adormecido...

FRAN – (entra no boi e desperta o boneco e dança ao som da toada de Catirina)

CAT – Ê meu boi!!! (cantando e dançando com o boi) “Lá vem meu boi urrando, subindo o vaquejador. Deu um urro na porteira, que o vaqueiro se espantou. E o gado da fazenda, todinho se levantou.Urrou, urrou, urrou, urrou, Meu novilho brasileiro, que a natureza criou”

(Afangando o boi) – Chico!!! cadê tu? Vem ver só a cara desse novilho!! Hum!! Ih!! Ele tá me me olhando! ih!! Ta me dando língua! Olha só!!! Safadinho... Bichinho bonitinho de Catita!... Mas... Ô linguão!! (Tocando sua barriga) – Vige, Chico! O bruguelo se danou a pular no meu buxo! Iche! Tá me dando um desejo...Ai que desejo danado! Ai que não me agüento... Eu quero comer a língua desse boi!!! UHáááá... .

FRAN – (sai de debaixo do boi e vem correndo) – Que é isso mulher?! Tu ta lélé da cuca???

CAT – Não. Tô com desejo!

FRAN – Mas desejo de que, minha nêga?!

CAT – De comer a língua daquele boi!

FRAN – Vige!!!! Meu São João protetor! ‘Tás doida, minha velha!? Esse boi é o Mimoso, a jóia da fazenda. Capricho do Amo!! Deus te livre!!

CAT – (manhosa e emburrada) – Ai ! Deus dela! O que ela há de fazer? Deixar o filho de Chico nascer com cara de Garrote!! Ui!...Ui!...Ui!...

FRAN – O que foi, mulher!?

CAT – Gastura!!! – Ói como o pequeno chuta! Ô meu pai!...melhor, ô pai dele!!!Acuda!!! (e vai mexendo a barriga com as mãos, de um lado para o outro, de cima para baixo etc, como se o bebê estivesse saltando)

FRAN – Ai meu santinho! Não se pode desmerecer desejo de mulher grávida! E agora !???

CAT – (Soluçando)- Agora... é só... assar... a língua desse novilho... e me dar pra comer!... (interrompe o jogo da barriga)- Olha pra isso! É só falar de comer língua, que o menino se acalma) – (volta a jogar com a barriga) – Eita que voltou a pinotar de novo!!!!

FRAN – Ô mulher manhosa, “meu deuso”!... Te acalma! Vamos esconder o boi (retiram o boi da cena)

CAT – (de Amo) – Ô Nego Chico!!!!

FAN – Pronto, meu amo!

CAT – (de Amo) Vá buscar o meu mimoso pra cá. Quero alisar o couro dele.

FRAN – Ih! Meu amo, não dá. (todo jocoso)- Isso é impossível!!!

CAT – (de Amo) – Como?! Repete isso, Chico !!!

FRAN- Pois então ouça. Lá vai: NÃO DÁ!! É IMPOSSIVEL!!!

CAT – (de Amo, mais jocoso ainda) – POR QUE!???

FRAN – Mimoso sumiu!!!

CAT (de Amo) – Como sumiu!???. Tu não tava “tomando de conta”?

FRAN – Que eu tava, tava. Mas o bicho é arisco, siô! Me enganou e fugiu!

CAT – (de Amo) – Arisco!!!???. Mimoso é boi mansinho! É o mimo da fazenda! Vá catá-lo agora!

FRAN – Mimoso... Mimoso! Mimoso!... Chegue! Chegue, Chegue!

CAT – (de Amo) – Olha o respeito, nêgo! Meu boi não é porco! – Passe! Ache o boi e me traga aqui! (cantando) – “Ô madrugada, meu boi urrou, ô na porteira do engenho, vem ver, morena vem ver, a prenda de ouro que nós temos (bis)”

FRAN – (já deu uma volta e retorna puxando o boi e cantando) – “ Lá vai, lá vai, lá vai, rasteirinha pelo chão, borboleta do inverno, andorinha do verão” (repete o canto soluçando)

CAT – (de Amo) – O que que é isso???. Meu São João!!!!

FRAN – Não sei, meu amo (examinando o boi)- Mas aqui, mesmo com os meus poucos conhecimentos... Eu acho... que mimoso...bateu a cachulêta!...isso não é só sono! É... O NÃO mais acordar!!!

CAT – (de Amo) – O que!???. Te vira, Chico!!! Dá teu jeito!! Me entrega Mimoso do jeito que eu te dei pra cuidar! E já! Enquanto isso vou chamar a polícia, os índios, sei lá...! Ou o meu boi vive, ou tu entra no couro!!!

FRAN – Ai meuDeus! Valei-me meus santos de junho! E agora?! Cuida, Mimoso! Acorda, preguiça!

CAT – (como Catirina, entra arrotando com estardalhaço)...Viu aí, meu velho! Agora Chiquinho ta quieto!...Ô pequeno danado de guloso, siô!... Mas também! Ô Língua saborosa!!! (olha para Chico) – Mas o que é, esse outro?!! Que choradeira é essa???

FRAN – Mas tu é mesmo um corisco, nêga velha. Tu não tas vendo o tamanho da encrenca que tu me arrumaste, Hein!!!??E agora?? O Amo foi buscar soldado, índio, os cambau , pra me prender, se ele não achar Mimoso vivo, quando ele voltar!

CAT – (como Catirina) – Víge, meu pai!! E agora?(ralhando com o bucho) – Tu tás vendo, esfomeado? Olha só a situação do teu pai!!... (para Chico)- mas meu velho, eu sei uma reza de cura que um pajé e esinou. Vamos tentar. Quem sabe Mimoso não levanta!??

FRAN – Vumbora! E como é??

CAT – (como Catirina) – Assim. (fazendo) – Eu seguro o boi pelos chifres e encosto minha boca na boca do bicho. Digo a reza em silêncio e sopro com toda força na boca dele.

FRAN – E eu?

CAT – (como Catirina) – Fácil!! Tu fica ali atrás, levanta o rabo do bicho, e bota tua cara bem juntinho do descomedor dele...!

FRAN – Que doídice de cura esquisita é essa?? Eu vo ter que enfiar minha cara no “dejetor” do boi?

CAT– (como Catirina) – Isso é só um pequeno sacrifício! Tu não queres “reviver” o boi?! Fran- É , Vamos tentar (se posiciona)

CAT – (como Catirina) – Então, Lá vai Chico! Muita fé, meu velho! (balbucia uma reza e sopra com força na boca do boi)

FRAN – (Com a cara enfiada no trazeiro do boi. O boi peida fazendo um barulhão. Chico finge cair para trás e entra para debaixo do boi e este se sacode, Urra bem alto e corre para fora da cena)

CAT – (como Catirina) – Mimoso!!! Volta! Vem cá excomungado! (sai atrás do boi e retorna correndo atrás de Chico) – Para, velho! Não vê que estou gestante? Pronde é que tu vais com tanta pressa??

FRAN – Atrás de mimoso! Agora ele fugiu de verdade

CAT – (como Catirina)- Bobagem! Nós, de tanto correr, já escapamos da fazenda.! Deixa o amo ir atrás do boi dele. Ele não chamou a polícia? Então !? Os soldados vão ajudar a encontrar Mimoso.

FRAN – Mas tu é mesmo uma praga de mulher (Cheirando Catirina) Ô veínha danada!

CAT – (como Catirina) –(pinotando) Ai meu bucho! Chico! Vai nascer! Me acode!!!

FRAN – (se trocando em cena)- Pera aí! Não estamos brincando de casinha!?? Então? Agora vamos brincar de mèdico!

CAT – (como Catirina) – (deitando-se sobre a caixa, de cabeça para a platéia, e segurando um lençol que sobe , encobrindo o seu corpo da cintura para baixo)- Mas eu continuo sendo Catirina. Ai, doutor, meu marido é um molenga, medroso. Tem medo até de injeção! Me ajude!

FRAN – (de Médico) – Se acalme dona! Respire!, Empurre! Sopre com força!

CAT – (como Catirina) – (Brava) Que droga o senhor quer que eu faça!???

FRAN – (de Médico) – Tudo!!! (Passa para trás do lençol e grita)- MADEIRAAAAA!!!! (ouve-se um choro de criança) Pronto! Nasceu seu rebento! (entrega a Catirina um boneco e esta senta-se de frente para o público)

CAT – (como Catirina) – Meu Chiquinho !!! (finge amamentar, mas o pequeno não para de chorar) Tá bom! Já vi que não é fome. É desespero! Se te aquietares, eu conto uma história pra ti dormir...

Fran – (levanta na tenda uma serpente “dorminhoca” e vai lentamente animando-a)

Cat – (Como Catirina, canta e Francisco ajuda):

“Olhos graúdos, asas de borboleta,

Era uma rica princesa,

A minha serpente.

Não tinha nada de cobra.

Saía, voando,

Por sobre a baía,

Rodeava a ilha,

Voltava e dormia.

- (voz grave) - Eu só não me lembro o que ela comia...

- (voz aguda) - Só comia vento, pois não exitia.

Não comia gente,

Não comia peixe...

Comia as estrelas da praia

E bebia as espumas das ondas...

- (voz grave) - Eu a via voando...

- (voz aguda) - Voando...

- (voz grave) - Sorria comigo...

- (voz aguda) - comigo...

- (voz grave) - Comigo brincava...

- (voz aguda) - brincava...

- (as duas vozes) - E voltava a dormir...

- (voz grave) - Uma vez sua coroa caiu!....” (voltando ao bebê) - Dormiu! Sonha meu bonequinho...

FRAN – (de Chico) – (Grita de detrás da tenda) – Catita!!!!

CAT – (como Catirina) – O que é, Nêgo? Tou aqui fora e tenho novidades!!

FRAN – (de Chico) – (entrando) Nasceu! Nasceu!!! É Chiquinho!??

CAT – (como Catirina) – É. Mas vou chamar de Mateus. Francisco Mateus!

FRAN – (de Chico) – Taí ! Bem chamado. Pois quem pariu Mateus que balance.

CAT – Ah! Francisco. Eu não quero mais brincar de casinha.

FRAN – (de Chico) Ah!, Mas por que? Ainda é preciso encontrar Mimoso! (enquanto Chico Fala com a platéia, Catirina sai, entra no boi e volta urrando)- Como é que vamos encerrar uma brincadeira sem o boi levantar!?? (afaga Mimoso)- Aí, Mimoso! Reviveu! Tá todo alegrinho!!
Urrou, meu boizinho!! (dança com o boi cantando):

“Urrou, urrou,

Urrou, urrou...

Meu novilho brasileiro

Que a natureza criou [bis]”

CAT – (como Catirina) – (sai de debaixo do boi) – Isso meu boizinho. Agora fique aí deitadinho. Tira um cochilo até teu amo aparecer e te levar de volta pra fazenda. (Vai tirando a máscara de Catirina) Pronto! Mimoso quietinho... Amo distante... Agora podemos voltar para a nossa brincadeira de faz de conta.

FRAN – Também acho. E vamos brincar de que, agora?

CAT – De arrumar isto tudinho e ir para casa. As crianças nos ajudam, quer ver? (cantam uma música se encerramento e pedem para algumas crianças ajudar a desmontar e arrumar tudo):

“De hora em hora

Acabou-se a história (bis)

Entrou pelo bico do pinto,

Saiu pelo bico do pato,

Cada um que conte quatro (bis)

De hora em... (bis)

Entrou pelo bico do pato,

Saiu pelo bico do pinto.

Cada um que conte cinco (bis)”

- FIM -



LUANA REIS

A PELEJA DE CASEMIRO COCO EM LENDAS e MARANHADAS 2012

TEXTO: Luana Reis Brito
MÚSICAS: Camila Reis e Ayckran Silva

(A trama da história acontece quando um perigoso coronel sequestra a namorada de Casemiro Coco. Madá, namorada de Casemiro, se recusa ser mulher desse rico coronel acaba por ser sequestrada. Quando Casemiro descobre resolve salvá-la. No entanto, esse coronel tem amizades do outro mundo e manda as lendas maranhenses mais perigosas para acabar com Casemiro Coco. O espetáculo começa com Madá dançando e Camila tocando para ela.)

MÚSICA

“VEJA SÓ QUEM VEM LÁ
NOSSA AMIGA MADÁ
VEIO MUITO BONITA
COM SUA SAIA DE CHITA

MENINA BRASILEIRA QUE DANÇA FACEIRA NO CACURIÁ
ELA É VAIDOSA TÁ DE SAIA NOVA PARA NAMORAR
VEJA SÓ QUEM VEM LÁ”

CAMILA: Eita Madá, tu estás animada hoje. Por que toda essa agitação?

MADÁ: Ai Camila, eu e Casemiro estamos fazendo aniversário de namoro e eu já fui ficar linda para ele. Eu não tô linda gente? Eu já passei uma escova progressiva nos meus cabelos e coloquei um Mega. Agora só falta Casemiro Coco chegar... Ele tá fingindo que se esqueceu, mas ele deve ter preparado uma surpresa e tanto para mim.

CAMILA: Tu tens certeza que ele tá lembrando mesmo, Madá?

MADÁ: Lógico! O meu coquinho finge mulherengo, o gostosão, o pegador mais no final das contas é só história pra boi dormir. Ele é doidinho por mim.

CAMILA: Se tu tá dizendo, né. Eu não sei de nada.

MADÁ: Camila, já que eu tô com minha saia nova do tudo é 10, vamos cantar umas músicas que quando meu nêgo chegar ele vai dançar muito com a gente.
(Camila volta a cantar e passa um senhor se achando o Dono do mundo).

CORONEL: Olá gatinha, há algum tempo que lhe observo... E esse seu rebolado me deixa com os bigodes no chão. Que tal sair para darmos uma voltinha na minha Hilux? Olha a moral? Não é pouco não viu?

MADÁ: Muito obrigada, mas como é mesmo seu nome?

CORONEL: Coronel Zé bigode..(....)

MADÁ: Muito obrigada seu Zé Bigode, mas eu estou esperando meu namorado Casemiro Coco.
Coronel: Tudo bem. Pode namorar com esse seu coco aí que eu não tenho ciúmes. Só quero te dar uns beliscos e além disso “O que o olho não vê o coração não sente”

MADÁ: Seu Coronel, com todo respeito não quero beliscar ninguém.... A não ser o meu coquinho!

CORONEL: Ninguém diz não ao Coronel Zé Bigode e fica por isso mesmo!! Vai comigo por bem ou vem por força; (Puxa o braço da boneca)

CAMILA: Ei rapaz, ela não já te disse que não quer ir? Deixa ela em paz!

CORONEL: Eu não falei contigo sua pretinha olho de bomba! Cala tua boca que o assunto ainda não chegou no lixeiro!

CAMILA: Rapaz, além de tudo tu és saliente. Aprende a respeitar as mulheres...

MADÁ: Me solta.

Coronel: Cala tua boca jamanta! Que eu não falei contigo e nem com esse bando de criança feia que dói. São tudo teus filhos, né? Para ser feio desse jeito só pode ter saído de uma jamanta como tu. E tu Madá vem comigo por bem ou por mal!

MADÁ: Me solta, socorro! Eu não quero ir....

CAMILA: Rapaz, assim eu vou ter que chamar Casemiro Coco para te dar uma lição!

CORONEL: Pode chamar esse tal de Casemiro Coco que ele também vai já aprender uma lição! E Tu, Madá vais gostar de mim por bem ou por mal, vamos! Nem que eu tenha que te obrigar a gostar de mim falando com meu compadre Lulu (Sai levando Madá que pede por socorro)

Camila: Ei, rapaz solta ela! Tu és doido. Solta ela. (Tenta salvar Madá mas não consegue)

CORONEL: Espera aí pretinha que vou mandar o Xaxado cuidar de ti. XAXADOOOOOOOOO...

XAXADO: Tô aqui chefe

CORONEL: Cuida dessa pretinha zoiuda aqui. Que eu vou me divertir com Madá! Hahahaha (Sai)

XAXADO: O quê tu quer pequena feia e olhuda? Vou já te jogar ali naquela lata de lixo sua catinguental!

CAMILA: Ahhh, tu és saliente! Pois tu vais ver quando eu chamar Casemiro Coco.

XAXADO: Pois pode chamar que eu tô doido para comer cocada! Enquanto isso eu vou ali tomar um copo de cachaça na buodega do Zé e já volto.

CAMILA: Meu Deus, e agora gente o que vamos fazer? Vamos chamar Casemiro Coco para ir atrás de Madá com a gente, Casemiro Coco? (Começa uma música e chama Casemiro Coco)

MÚSICA

(REFRÃO) EI CASEMIRO VEM LUTAR COM QUEM TU PODE
VEM TIRAR TUA NAMORADA DAS GARRAS DO ZÉ BIGODE
VEM TIRAR TUA NAMORADA DAS GARRAS DO ZÉ BIGODE

ZÉ BIGODE É ESPERTO, TUDO ELE QUER GANHAR
JÁ LEVOU DE CASEMIRO SUA NAMORADA MADÁ

ZÉ BIGODE É ESPERTO, É METIDO A VALENTÃO
ELE É DONO DO MAR E DONO DO MARANHÃO

CASEMIRO COCO: Eita, que eu cheguei! Casemiro Coco o buquê das meninas. Olha, quantas meninas bonitas reunidas... Vixe, que daqui eu não saio mais!!!

CAMILA: Casemiro, deixa não de tuas histórias. Tu nem sabe o que aconteceu por aqui.

CASEMIRO: Eita Camila, que a história deve ser preocupante mesma. Teu zoió tá mais esbugalhado que o de costume.

CAMILA: Para de brincadeira Casemiro. Chegou por aqui um tal de coronel Zé bigode e levou tua namorada Madá. Bem no dia em que vocês iam fazer aniversário de namoro.

CASEMIRO: Fala baixo Camila, não queima meu filme! Assim as meninas vão ficar com ciúmes. Ah, mas isso é história. Madá tá querendo é fazer uma surpresa pra esse neguinho gostoso como brigadeiro. Pra onde ela foi?

CAMILA: Para de brincadeira homem! Eu não sei pra onde foi, só sei que ele ainda chamou um tal Xaxado para cuidar da gente e de ti!

CASEMIRO: De mim não! De mim só quem cuida é mulher... E se alguém daqui quiser se habilitar, eu tô facinho, facinho... Só não pode contar pra Madá!

CAMILA: Casemiro Coco, a história é séria! Não é brincadeira! Ele levou mesmo tua namorada e ela saiu daqui pedindo socorro.

CASEMIRO: Ave Maria, isso é verdade mesmo gente? (pergunta para a plateia)

CRIANÇA: é ele levou Madá.

CASEMIRO: Meu Deus, Camila porque tu não disse logo que era sério! Se é assim toca uma música e vamos atrás de Madá. Vocês nos ajudam?

(MÚSICA DA PELEJA)

BATEU SINO AS SEIS HORAS
BARCO À VELA, VENTO E MAR
SE PREPARE PRA PELEJA
QUE LUTA VAI COMEÇAR
ESSE É O NOSSO DIA A DIA

VOU FAZENDO A GUARNIÇÃO
EU CONVIDO TODO MUNDO
A ENTRAR NESSA MISSÃO
(refrão) VAMOS LÁ COM CASEMIRO
ONDE TÁ MADÁ? NÃO SEI ONDE ENCONTRAR. ONDE TÁ MADÁ?
PASSA O DIA PASSA NOITE. ONDE TÁ MADÁ? MAS NÓS VAMOS ENCONTRAR.

(Chega Xaxado)

XAXADO: Pode parar por aí seu picolé de breu que daqui tu não passa! Eu, Xaxado, não deixo!

CASEMIRO: Ah, o senhor que o tal do Xaxado? Eu quero saber onde tá minha namorada Madá?

XAXADO: Ela é agora de posse do meu patrão! E daqui a pouco ela não vai mais querer saber de um carvão de varinha como tu. Meu chefe, o coronel Zé Bigode, já deve de ter falado com o compadre dele e ela já deve tá enfeitada. E tem mais... se tu quiser resgatar ela, tu vai passar pelos caminhos dos quais não vai voltar nunca mais. Se eu fosse tu desistia logo, carvão de varinha!

CASEMIRO: Camila, eu acho que esse cara tá é bebado. Tá falando um monte de coisa sem sentido.

XAXADO: Pois te prepara, picolé de breu! A primeira pessoa que tu tens que passar é de mim. Eu vou fazer de tu é um chocolate de coco. Te prepara neguinho. (E vai para cima de Casemiro e porrada come)
(Xaxado sai avisando que ele não chegava nem perto da poeira que Casemiro ia enfrentar....)

CASEMIRO: Eita Camila, o que esse tal de Xaxado quis dizer heim?

CAMILA: Não sei não Casemiro, mas vamos continuar nossa peleja atrás de Madá. Vocês nos ajudam, crianças? Então vamos!

(MÚSICA DA PELEJA)

SE PASSOU O TAL XAXADO
MAS FICOU UMA PERGUNTA
NINGUÉM SABE O QUE SE ESPERA
DESSA VIDA QUE É TÃO CURTA
MAS A LUTA CONTINUA
NEM PENSAR EM DESISTIR
FAÇA SOL OU FAÇA CHUVA
A GENTE VAI PROSSEGUIR
VAMOS LA COM CASEMIRO. ONDE TÁ MADÁ?...

(Casemiro sai e sobe o coronel com Madá presa numa grade no alto da empanada)

CORONEL: Daqui a pouco Madá você estará completamente louca por mim! Depois que meu compadre Lulu nos casar, você nunca mais pensará em ninguém. A não ser no seu novo dono! Eu, o bonitão Zé Bigode!!

MADÁ: Eu não sou posse de ninguém! E Casemiro Coco vai me salvar e tu vai se arrepender.

CORONEL: Deixa ele vir, deixa ele vir que eu faço dele é um coco ralado.

XAXADO: Coronel, coronel!

CORONEL: Desembucha Xaxado!

XAXADO: Coronel, o neguinho, namorado dessa aí, apareceu e tá vindo atrás dela. Eu falei que ele ia se arrepender, mas mesmo assim ele tá vindo, patrão.

CORONEL: Deixa vir, porque meu compadre Lulu disse que ele não vai chegar aqui nunca! E se acaso conseguir chegar, já será tarde demais e Madá será uma das minhas esposas. Então de nada adiantará!

XAXADO: Esposas? Eu pensei que elas viravam sua escrava padrinho....

CORONEL: Esposas sim! daquelas que não falam nada e nem pensam... hahaha. Pois, deixa ele vir que eu tô esperando! Enquanto isso Xaxado, vai saber o que ele está fazendo e vem me contar! E vai rápido! (Xaxado sai a base de porrada)

MADA: Me Salva Casemiro!

MÚSICA DA PELEJA

SE PARECE UMA VISAGEM
NÃO SEI QUE SE ASSUCEDEU
MADÁ TAVA LÁ EM CIMA
DEPOIS DESAPARECEU
ELA AINDA GRITOU SOCORRO
DENTRO DE UMA GAIOLA
VAMOS SEGUINDO NA LUTA
NÓ CEGO SE DESENROLA
VAMOS LA COM CASEMIRO....

(Casemiro começa andar aparece uma mulher e some. Todavia, cada vez que ele olha a mulher tá maior)

MANGUDA: Eu vim te buscar Casemiro. Eu vim te buscar Casemiro. Eu tô precisando de um namorado. E não quero ficar só no além...

CASEMIRO: Não me leve não dona Manguda, mas leve alguns desses meninos aí. Eles estão doidos para namorar. Nunca arrumaram uma namorada.

MANGUDA: Eu quero é você Casemiro! Um neguinho lindo!

CASEMIRO: E agora José?! O ruim de ser bonito é isso as mulheres vêm do além para ficar comigo. Dona Manguda, eu até posso ir, mas como eu faço para ir para o além sem morrer?

MANGUDA: Você vem encantado como meu namorado. Quando eu encantar alguém para meu

marido não posso encantar mais ninguém.

CASEMIRO: Então, dona Manguda, eu fiz uma promessa que só casaria de lençol branco cobrindo todo meu corpo. Faz parte da minha religião. Espera aí, que eu vou me arrumar e já volto.

(Enquanto Casemiro Coco finge se arrumar a Manguda fica assombrando as crianças e contando sua história (lenda) a eles. Enquanto isso Casemiro Coco pega Xaxado que estava observando tudo, prende ele e o manda no seu lugar)

MANGUDA: Vamos Casemiro. Para o mundo dos encantados de onde nunca saíras. (Xaxado está com a boca amarrada e fica tentando falar alguma, porém não consegue e a Manguda o leva)

CASEMIRO: Eita Camila, que dessa bomba de casamento com a Manguda eu me livrei. Uma hora dessa ela deve estar de lua de mel com seu Xaxado.

CAMILA: Casemiro cuidado porque tu ainda tens coisa para passar...

CASEMIRO: Vamos Camila e vocês vão comigo?

TODOS: Vamos Casemiro!

MÚSICA DE PELEJA

EU OLHAVA PARA O CÉU
NÃO PARAVA DE CRESCER
ENTÃO VI UMA MULHER
DE FAZER TERRA TREMER
MAS O NOSSO CASEMIRO
TÃO ESPERTO TAO VALENTE
ENGANOU A TAL MANGUDA
A BATALHA SEGUE EM FRENTE
VAMOS LÁ COM CASEMIRO.....

(Casemiro está andando e chega na sua frente uma carruagem com alguns negros a puxando e tomando chibatada).

CASEMIRO: Quem é a senhora e porque está fazendo isso com esses rapazes?

ANA JANSEN: Eu sou Ana Jansen e esses aqui são meus escravos. E por sinal estou precisando de um picolé de Breu assim como você para puxar minha carruagem.

CASEMIRO COCO: É ruim hein! Eu não vou ficar tomando chicotada de uma branca doida como tu. E a escravidão acabou em 13 de maio de 1888.

ANA JANSEN: Você vai sim, carvão de varinha, ou eu não me chamo Ana Jansen.

CASEMIRO: Eu hein, sai pra lá. Eu não quero confusão com visagem!
Ana Jansen pega o chicote e começa a correr atrás de Casemiro Coco que foge desesperado.

CASEMIRO: Peraí don´Ana! Para por favor! Eu me rendo. A senhora me espera aí que eu tenho um amigo bom puxador de carruagem o Fofó. Espera que eu já volto e trago ele comigo para puxarmos.

ANA JANSEM: Ótimo! Assim eu tenho mais um negrinho para tomar o lugar desses preguiçosos aqui. E dá uma chibatada nos negros.

CASEMIRO: Donana, eu quero lhe apresentar o F-i –o FÓ, F-i-o fó FOFO.

ANA JANSEN: Esse é o seu fiofó?

CASEMIRO: Não é o de Nelson Brito que inventou esse nome para ele!

ANA JANSEN: Pois é assim né neguinho. Tu não quer vir! Então tu vais conhecer minha chibata....

(E a porrada come entre os dois, até que Ana Jansen apanha e vai embora, os dois negros que seguravam a carruagem dela se livram e saem agradecendo Casemiro Coco).

CASEMIRO: Eita Camila, Camila? Cadê Camila, gente?

CAMILA: Ai Casemiro, eu me escondi. Eu sempre morri de medo de Ana Jansen. Minha mãe sempre me contava a história dela. Ana Jansen aparecia no meio da noite em uma carruagem e quem a olhasse se encantava e ficava puxando a da carruagem dela eternamente.

CASEMIRO: Vixe Camila, mas depois dessas fofadas ela pensa duas vezes em surrar alguém novamente.

MÚSICA DE PELEJA:

AGORA PEÇO DESCULPA
SE ME FIZ ENCABULAR
ESSA TAL DE ANA JANSEN
É MESMO DE ASSUSTAR
ELA MATOU TANTO NEGRO
E AGORA O NEGRO TAL
EXOTOU A SINHHAZINHA
CASEMIRO É GENIAL
VAMOS LÁ COM CASEMIRO....

(Camila toca a música e eles saem para encontrar Madá. Todavia, no caminho Casemiro tropeça em alguma coisa. Quando ele olha é a ponta do rabo de uma serpente.

Depois do tropeço a serpente de São Luís sai pela empanada e perguntando quem a acordou. O manipulador da serpente gigante passa por cima das crianças da plateia e o diálogo acontece com Casemiro dentro na empanada e a serpente do lado de fora).

SERPENTE: Quem me acordou? Quem se atreve a me acordar? Não sabem que se me acordar eu posso colocar a Ilha de São Luís para o fundo? Quem se atreve? Foi algum de vocês? (E vai por cima das crianças)

CASEMIRO: Ai Meu Deus, não basta já ter encontrado Manguda, Ana Jansen e agora eu ainda

tenho que cuidar de cobra. Logo de cobra, que eu não gosto dessa história de cobra atrás de mim.

CAMILA: Casemiro, tu não tens jeito! Tu não estás vendo que isso é a serpente de São Luís. E a lenda diz que quando ela acordar a ilha de São Luís afunda. Agora ela tá aqui acordadíssima e o que vai ser de nós?

SERPENTE: Eu quero saber quem me acordou? Vou comer quem me acordou! Não quero ir dormir no fundo do mar. Por isso ainda não vou afundar a cidade. Vou me vingar de quem acordou! Foram vocês? Eu quero comer quem me acordou! Foi tu pretinha?

CAMILA: Eu não! Eu não sei quem te acordou...

SERPENTE: Ah, foi você quem me acordou né neguinho? Ah, foi você que Lulu disse que era para eu não deixar passar. Mas vou te dar uma chance, somente uma chance. Por que eu não obedeço ordens de ninguém!

CASEMIRO: Obrigado Dona Serpente.

SERPENTE: Calma, picolé de bréu! Eu vou te dar apenas uma chance, mas somente se tu me responderes três perguntas.... ShShShShSh

CASEMIRO: Ai Meu Deus! Qual a pergunta?

SERPENTE: O que é, o que é... Se um erra, todos eram?

CASEMIRO: Se eu erro, Camila também erra? É... (dúvida)

Eu sou um botão

O outro é meu amigo João

Se eu vou errar....

João não acerta, não...

CAMILA: É isso mesmo Casemiro. É o botão!

SERPENTE: Ahhh... (serpente fica com raiva) Parabéns carvão de varinha! Vamos ver se responde a próxima!

O que é, o que é... Que cai em pé e corre deitado????

CAMILA: Casemiro essa é fácil....

CASEMIRO: A cachoeira.

SERPENTE: shshshshshshs errou! É a chuva!

CASEMIRO: Mas a cachoeira é que nem a chuva. A água quando passa por ela cai em pé e depois vai correndo no rio deitada.

SERPENTE: Humm... (cobra pensativa) Tá bom espertinho! HAHHAHAHAHA! Mas a próxima você não responde! O que é, o que é.... De manhã tem quatro patas, de tarde tem duas e a noite tem três?

CASEMIRO: E agora Jesus? Me ajuda gente? O que será???

SERPENTE: Não adianta. Nenhum desses seus colegas vão te ajudar....SSHSHSHSHSHSHSHSHSH.
Pergunte à vontade. Ninguém saberá!

CASEMIRO: E agora José??

SERPENTE: Seu tempo está acabando...

CAMILA AJUDA CASEMIRO COCO E ELES RESPONDEM...

CASEMIRO: O homem! Quando ele nasce ele engatinha com as quatro patas, quando fica adulto anda com duas e depois quando tá velho anda de muleta com três pernas. De manhã, de tarde e de noite.

CAMILA: Arrasou Casemiro!!!! Aê!

SERPENTE: AHSHH!!! Ninguém nunca acertou! Mas você pode ter acertado e mesmo assim não passará de mim!

CASEMIRO: Que isso dona cobra, eu acertei e você disse que eu passaria! Isso é injusto!

CAMILA: É mesmo!

SERPENTE: Pois tu vais ver picolé de breu! Eu dar um jeito em ti e depois vou afundar toda essa cidade! shssssssshhhhhshhhhhhhh (e vai para cima de Casemiro Coco e a briga começa. Ela chega a enrolar Casemiro Coco e começa a espremer ele, aí Camila dá uma porrada na Cabeça da cobra e ela fica meio tonta, mas não morre)

CASEMIRO: Camila essa cobra toma um monte de cacetada e não volta a dormir. Socorro! (E a cobra continua atrás de Casemiro Coco e já está com o boneco dentro da boca).

CAMILA: Ocupa ela aí Casemiro que eu tive uma ideia. (Camila toca na flauta o encantador de serpentes e a cobra vai ficando lenta, lenta até voltar a dormir e se recolher atrás da empanada).

MÚSICA DA PELEJA

NO CAMINHO DA PELEJA
A SERPENTE ACORDOU
E PRA SEGURAR CASEMIRO
ELA LHE DESAFIOU
MAS AS TRÊS PERGUNTAS DELA
TODO MUNDO RESPONDEU
E QUANDO EU TOQUEI A FLAUTA
A SERPENTE ADORMECEU
VAMOS LÁ COM CASEMIRO....

CASEMIRO: Ai Camila, ainda bem que tu me salvou dessa cobra que já tinha se peidado toda e nada de voltar a dormir. Minha Heroína! Agora me dá um beijo.

CAMILA: Eita Casemiro Coco, nem com tua namorada em perigo tu sossega esse teu faixo.

Casemiro Coco vamos atrás de Madá.

MÚSICA DA PELEJA (Somente refrão)

(Eles saem e aparece Madá e Zé Bigode. Madá está vestindo um vestido de noiva e ele querendo casar com ela a força)

ZÉ BIGODE: Vem cá Madá... Hoje você será minha para sempre! Você se casará comigo e nosso casamento terá a benção do meu compadre Lulu. Compadre Lulu?
(sobe o diabo vermelho vestindo uma roupa preta de padre pronto para casar os dois)

LULU: Cheguei compadre e garotas bonitas. hahahahahahaha. Vim conceber esse casamento com a graça das desgraças... hahahahahaha. E vocês aí garotas estão querendo um namorado para casar também?

ZÉ BIGODE: Compadre Lulu essa é garota que eu quero que o senhor faça ficar doidinha por mim. Quero que ela largue de pensar num tal de Casemiro Cupuaçu.

MADÁ: É Casemiro Coco! E ele vai me salvar!

LULU: Calma compadre! Depois desse casamento consumado tudo estará bem e eu terei mais uma alma em meu domínio. Hahahaha Então vamos começar. Você, compadre Zé bigode, aceita essa linda garota dos cabelos compridos como sua legitima esposa? Para desonrar, maltratar e fazer dela a sua escrava do lar? hahaha

ZÉ BIGODE: Aceito!

LULU: Você garota do cabelo comprido de fuá aceita (É INTERROMPIDO COM A CHEGADA DE CASEMIRO COCO)

MÚSICA DE PELEJA (SOMENTE INSTRUMENTAL E REFRÃO)

CASEMIRO: Pode parar com essa bagunça! Essa neguinha aí é minha flor de maracujá e nela ninguém mexe!

LULU: Quer dizer que Manguda, Ana Jansen e a Serpente de São Luís não deram jeito em ti, seu pretinho. Quando se quer alguma coisa bem feita faça você mesmo!

ZÉ BIGODE: Acaba com ele compadre.

CASEMIRO COCO: Seu Lulu, essa garota não quer casar com esse coronel. Não a obriguem caso contrário eu não respondo por mim!

LULU: Desinfeta daqui Branca de Neve!

CASEMIRO COCO: Branca de neve é a senhora sua mãe.

LULU: Pois espera aí que tu vai descobrir o poder do meu chifre (tenta dar duas chifradas e Casemiro Coco e depois de umas 2 tentativas acaba acertando o Zé Bigode que desce para o inferno...)

ZÉ BIGODE: Compadre não era para me acertar. Me ajuda!

LULU: Não se preocupa, Zé Bigode, que dentro de uma semana eu ia requisitar sua alma! hahaha. Isso só foi antecipado uns dias. E de sua garota eu toma conta! hahaha

CASEMIRO: Seu Lulu o coronel já foi embora, deixa minha Madázinha em paz!

LULU: Te prepara, Xuxa, que agora eu não erro. (A briga começa entre eles. Casemiro não consegue dar um jeito em Lulu)

CASEMIRO: Ei Camila, pega o negócio, o negócio... (Casemiro desesperado brigando com o diabo)

Camila pega flauta e vem tocando o encantador de serpentes e trazendo a serpente de São Luís

SERPENTE: Olá, seu Lulu!

LULU: Serpente imprestável, tu não serviste nem para dar um jeito nesse neguinho.

SERPENTE: Eu vim dar um jeito em ti, seu Lulu. (A serpente de São Luís pega o diabo com a boca e o sai levando) Vamos dormir debaixo dos casarões de São Luís.

MADÁ: Ai, Casemiro, quer dizer que tu enfrentaste várias lendas só para me salvar? Então tu deverias aproveitar que eu tô assim, olha?! Vestidinha de noiva e casar logo comigo...

CASEMIRO: Eu hein, caso nada! Tu é boca de confusão, mulher! Que saber? Esquece esse negócio de casar e vamos comemorar o fim dessa peleja com o pessoal aí da frente que ajudou a gente. Camila toca alguma coisa aí. E vamos comemorar!

MÚSICA DE PELEJA

AGORA EU ME DESPEÇO
COMO FIZ DE SABIÁ
A PELEJA NÃO TERMINA
VAI SEMPRE CONTINUAR
MAS QUEM É DESSE BATALHO
NÃO TROPEÇA EM QUALQUER TOCO
VOU SAINDO E VOU CANTANDO
EU MAIS CASEMIRO COCO

(Saem da empanada com os bonecos e vão comemorar na frente da tenda....)

- FIM -

